



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

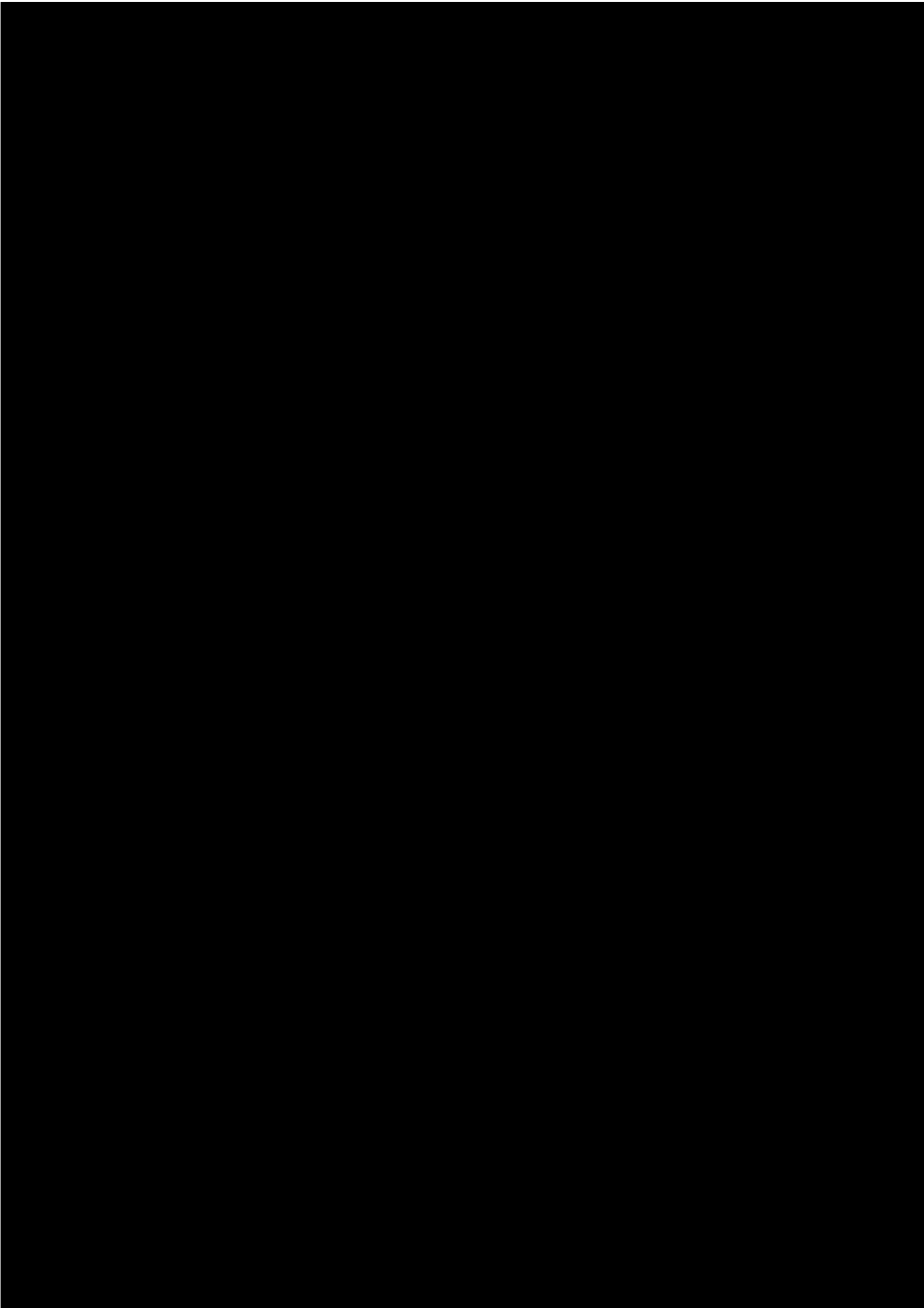
***CONSTRUIR A CONFIANÇA ATRAVÉS DO ESPAÇO ARQUITECTÓNICO***

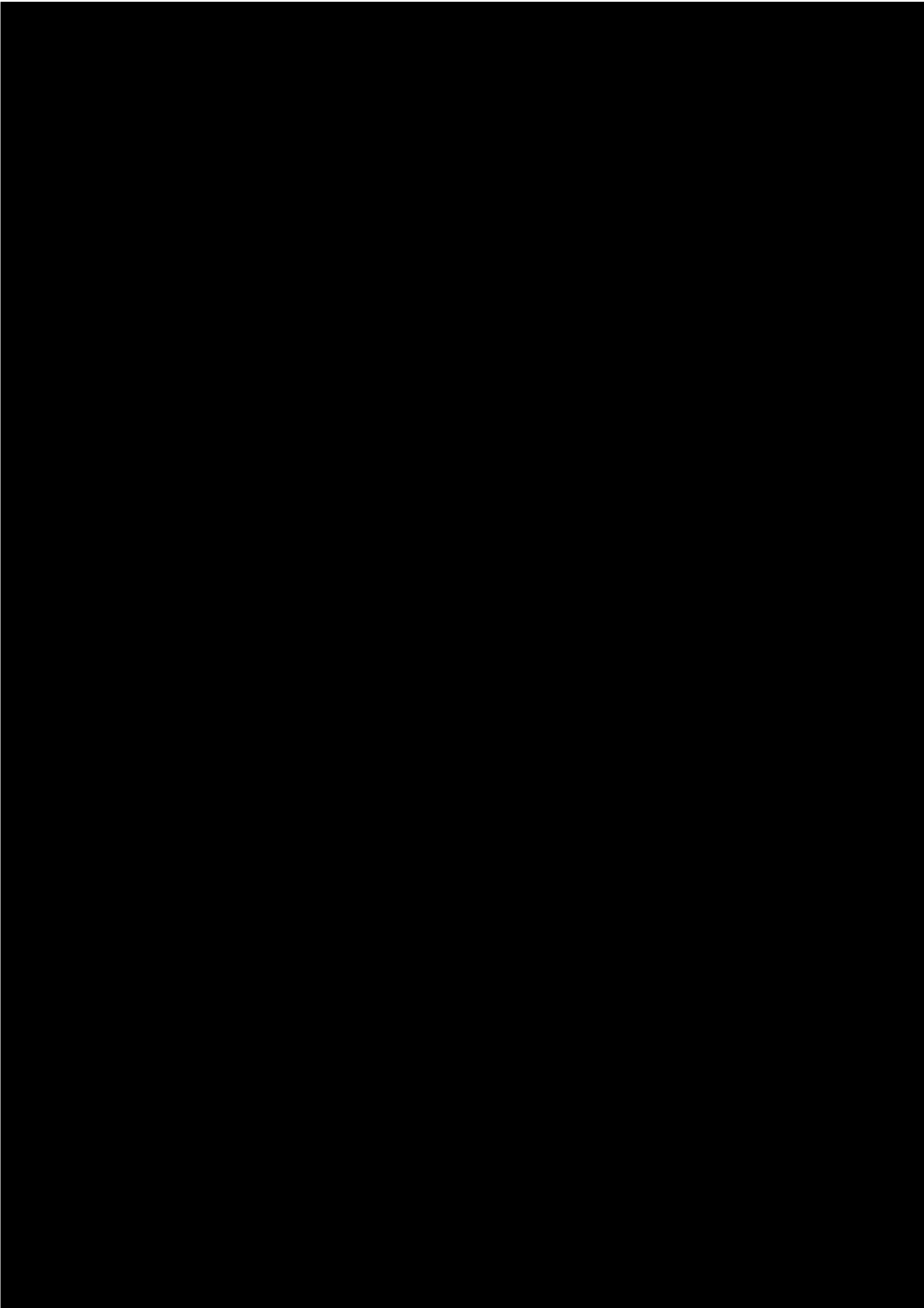
*Trabalho de Projecto apresentado à Universidade Católica  
Portuguesa para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*

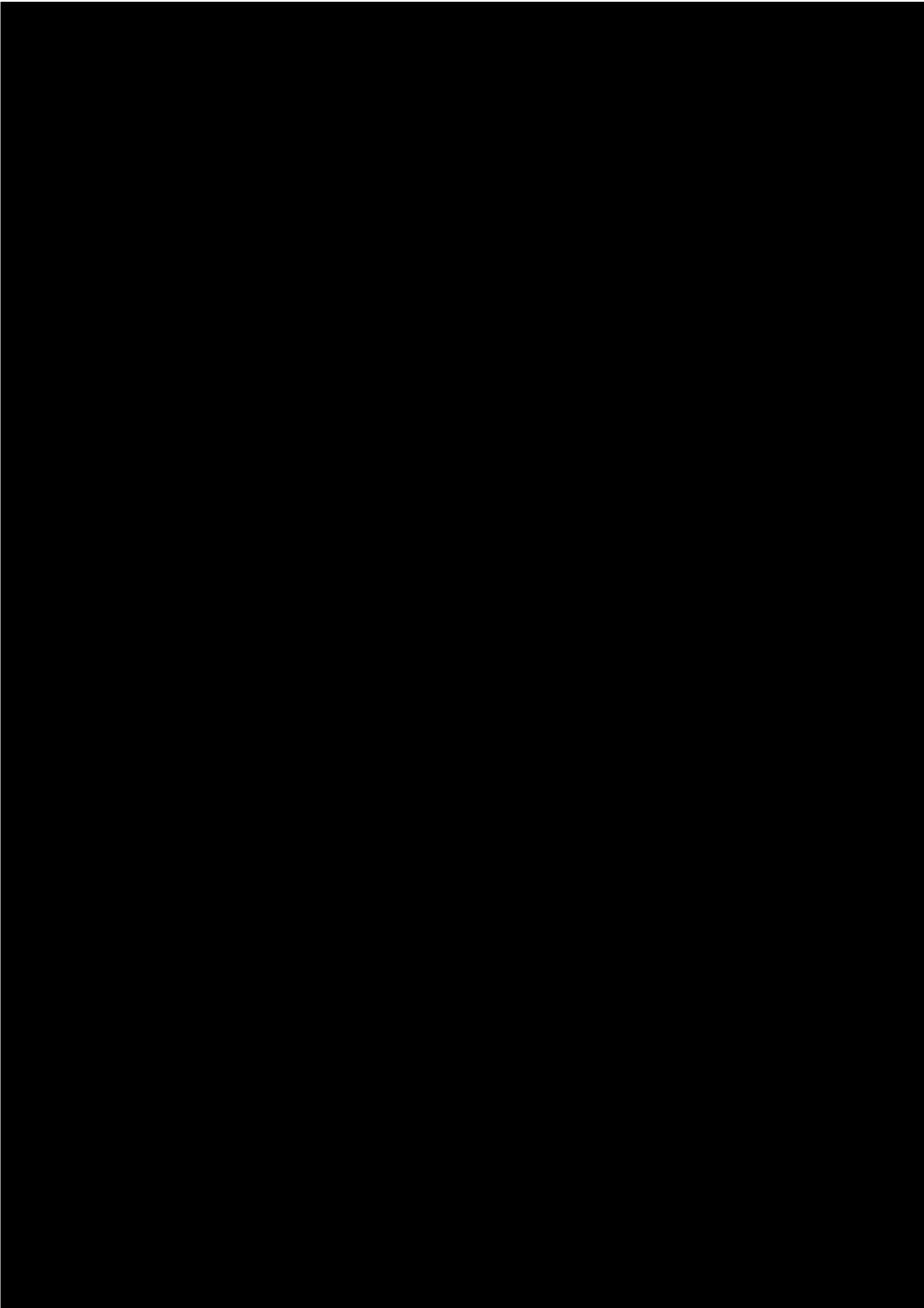
Por

Lucas Cantisano Diz

Outubro de 2012









UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

***CONSTRUIR A CONFIANÇA ATRAVÉS DO ESPAÇO ARQUITECTÓNICO***

*Trabalho de Projecto apresentado à Universidade Católica  
Portuguesa para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*

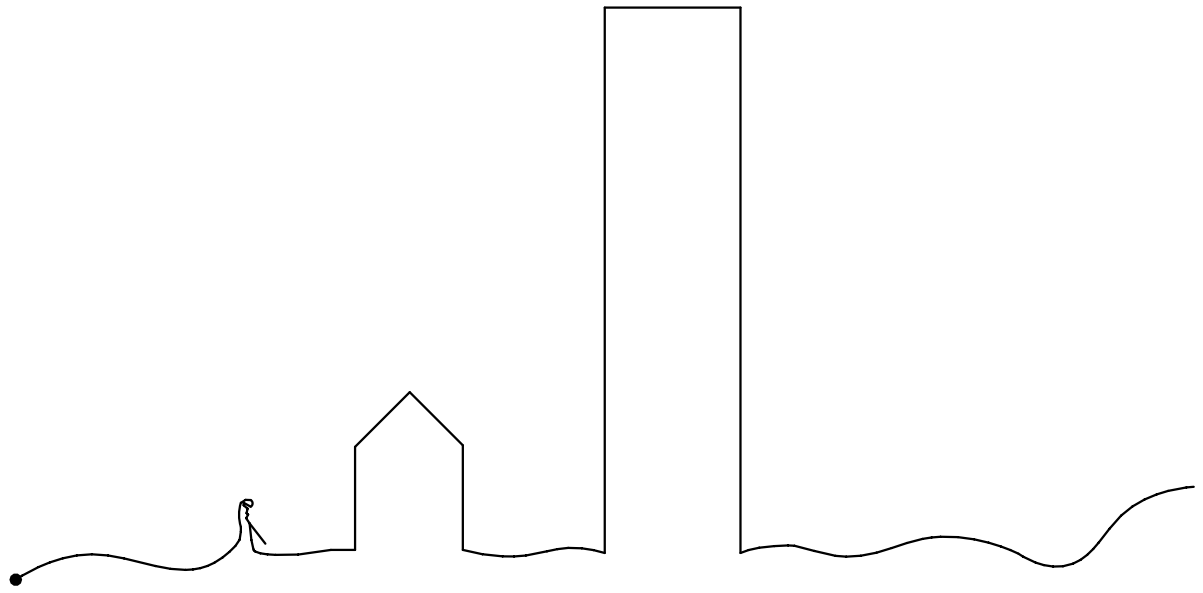
Orientador: Arquitecto António da Silva Ferreira de Carvalho

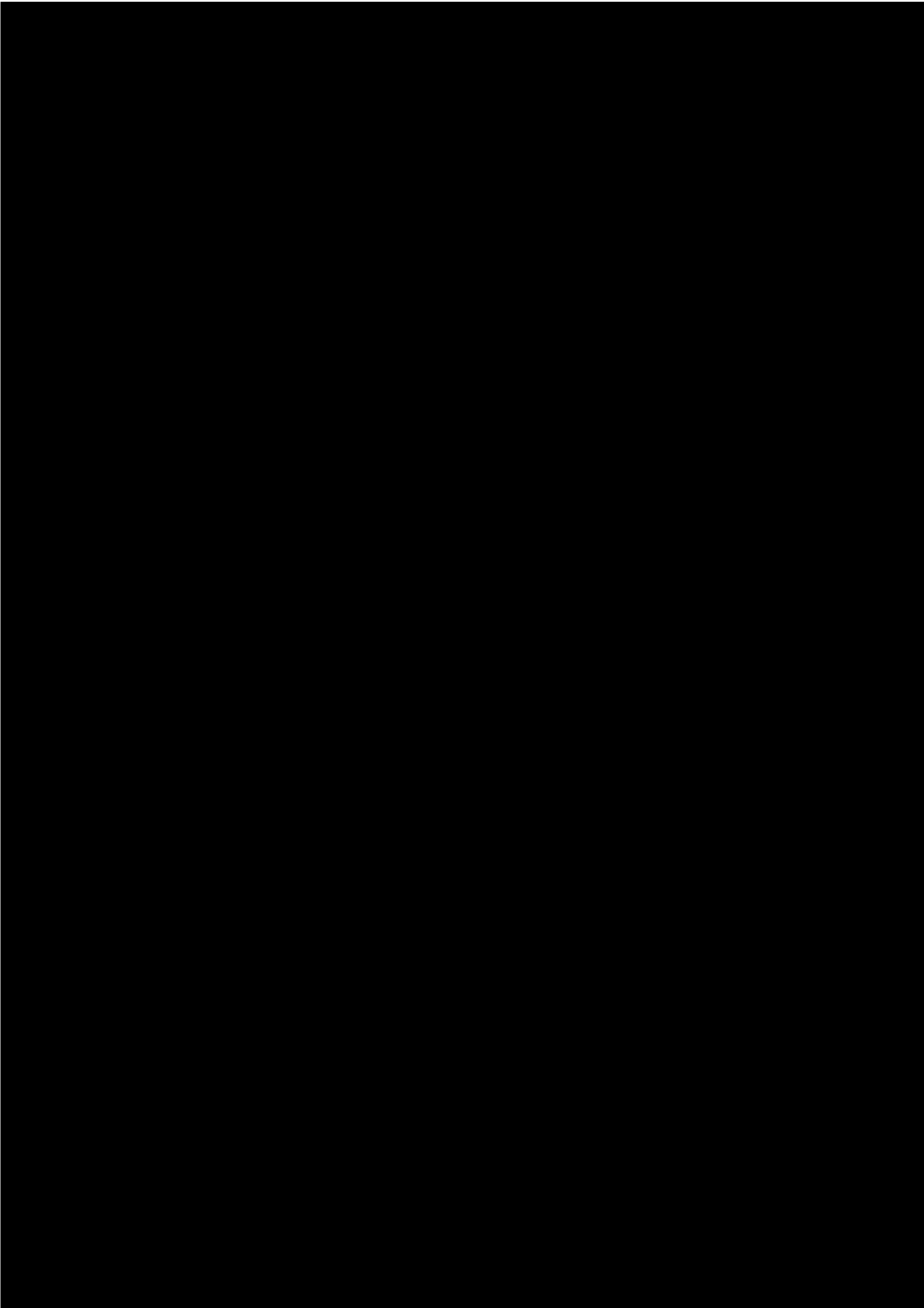
Co-orientadores: Professor Arquitecto Gonçalo de Sousa Byrne e Socióloga Carina Sousa Gomes

Por

Lucas Cantisano Diz







## **Agradecimentos**

Devo e quero deixar uma palavra de apreço a todos aqueles que com a sua colaboração tornaram possível a realização deste trabalho.

Agradeço aos meus orientadores, Arquitecto António da Silva Ferreira de Carvalho, Professor Arquitecto Gonçalo de Sousa Byrne e Socióloga Carina Sousa Gomes, por todo o apoio e disponibilidade desde o primeiro ao último dia, sem os quais este trabalho não teria sido possível. Aos meus pais, Jorge e Rita, que me apoiam em tudo ao longo de toda a minha vida.

Aos meus avós, Maria, Carolina e Luiz, agradeço o carinho e força que me transmitem em todos os momentos. Aos meus colegas e docentes que ao longo dos anos cruzaram o meu caminho e que ajudaram a enriquecer a minha formação. À minha namorada Daniela, que está sempre ao meu lado, agradeço a ajuda incansável, a compreensão demonstrada e a força para seguir em frente nos momentos mais difíceis.

A todos, o meu sincero muito obrigado.



## Resumo

Este trabalho de projecto centra-se em três linhas de análise essenciais, articulando as complexas noções de cidade, sociedade e arquitectura. O objectivo principal consiste em discutir a interação e a interdependência destas temáticas, inseridas no contexto particular das acessibilidades, dos modos de habitar e envelhecer no Séc. XXI, materializando essa discussão numa proposta de intervenção para um local e um programa concretos.

Tomando como ponto de partida a paisagem urbana, que se assume como um organismo vivo, heterogéneo, plural e em permanente transformação, procura-se perceber de que formas a sociedade, também ela diversa, em constante mutação e albergando um mosaico de indivíduos todos diferentes entre si, a experiência, compreende e vivencia. É à arquitectura que cabe a ligação entre cidade e sociedade, entre os espaços e o que os indivíduos esperam deles. Que características devem compor o desenho do espaço para conduzir a forma arquitectónica à presença efectiva, segura, confiante e prazerosa dos indivíduos? É esta a interrogação principal que organiza e orienta o trabalho aqui apresentado.

Explicitados os pressupostos teóricos, analisa-se o local de intervenção e concretiza-se a proposta. Esta traduz, na prática, e em todas as escalas abordadas, desde a urbana à do edifício, os conhecimentos veiculados pelas linhas teóricas explanadas. O acto de projectar oferece uma resposta a uma problemática real da cidade, do edifício e da sociedade, procedendo-se, assim, a uma regeneração urbana e social em busca de uma arquitectura ética. Só assim é possível construir um espaço acessível, com qualidade, que possa ser experienciado, compreendido e vivido na sua plenitude, um espaço que seja de todos e para todos. Em suma, dar um passo em direcção à cidade, ao espaço ideal.

**Palavras chave:** Cidade, sociedade, arquitectura, desenho do espaço, forma arquitectónica, acessibilidades, vivência, regeneração urbana e social, arquitectura ética.



## **Abstract**

This design work focuses on three main lines of analysis, articulating the complex notions of city, society and architecture. The main objective is to discuss the interaction and interdependence of these thematic, particularly within the context of accessibility, ways of living and aging in Twenty-First Century, materializing this discussion on a proposal for a concrete site and program.

Considering as starting point the cityscape, which is assumed to be a living organism, heterogeneous, plural and in constant changing, we try to understand how society, also diverse, in permanent mutation and containing a mosaic of different individuals, experience, understand and live it. It is architecture that connects the city to society, the spaces to what individuals expect of them. What characteristics then, should space design have to lead architectural form to the safe, confident, enjoyable presence of individuals? This is the main question that structures and organizes the work presented here.

After explicating the theoretical assumptions and analysing the place of intervention, the proposal is materialized. It translates in practice and at all scales, from the urban site to the building, the knowledge conveyed by the lines of theory previously presented. The act of designing offers a response to a real problem of the city, building and society, proceeding to a social and urban regeneration in search of an ethical architecture. Only thus it is possible to build an accessible space with quality, which can be experienced, understood and lived in its fullness, a space of all and for all. In essence, taking one step towards the ideal city and space.

**Key-words:** City, society, architecture, space design, architectural form, accessibilities, living, urban and social regeneration, ethical architecture.



# Conteúdo

1	Introdução
	<b>Os pressupostos-instrumento</b>
7	Paisagem urbana
8	Cidade
13	Forma da cidade
14	Espaço público
15	Medo e confiança na cidade
17	<i>Slow cities means lively cities</i>
18	Vazios urbanos
21	Mosaicos da paisagem
22	Mancha-corredor-matriz
25	Escalas
25	Limites
27	Arquitectura
27	Arquitectura e outras formas de arte
28	Forma arquitectónica
30	Desenho
31	Ponto-linha-plano
33	Sociedade
33	Evolução e transformação
36	Modos de vida
36	Medo e confiança na sociedade
38	Coesão social e territorial
41	Experiência e representação espacial
43	Percepção e espaço sensível
44	Visão

48	Audição
49	Olfacto
50	Tacto
52	Cinestesia
54	Memória e representação
55	Mapa cognitivo e cidade legível
57	Espaço existencial e espaço arquitectónico
59	Afectividade
61	Pensamento e gosto estético

### **Conhecer antes de intervir**

67	Estratégia metodológica
71	Berna e o concurso
74	Programa e pretensões
77	Análise do lugar
79	Manchas / pontos / indivíduos
83	Corredores / arestas / relações sociais
85	Matriz / plano / comunidade

### **Projectar (n)a cidade e (n)o edifício**

91	Regeneração urbana
92	<i>Anchoring</i> e experiência fenomenológica da arquitectura
96	Vocação da forma
98	<i>Cultural anchoring</i>
100	Referência horizontal
106	<i>Aare anchoring</i>
112	<i>Functional anchoring</i>
116	<i>Filling the Eilgut gap</i>
125	Referência vertical
131	Cadência de momentos
141	Em busca de uma arquitectura ética

142	Questionamento do programa
143	<i>Drawing to find out</i>
147	Arquitetura escavada
150	<i>Architecture as city</i>
158	Flexibilidade de usos e pensamentos
166	Contentor de vida
170	O rosto do edifício
174	O poder dos materiais
185	Considerações finais
189	Referências bibliográficas
	Anexo 1: Painéis finais de apresentação
	Anexo 2: Mosaico de fotografias da zona de intervenção
	Anexo 3: Esquema funcional e quadro de áreas referência
	Anexo 4: Índice de figuras



# Introdução<sup>1</sup>

O presente trabalho centra-se na problemática inerente às condições de acessibilidade, de habitação e do envelhecimento nas cidades do Séc. XXI. Deste tema global decorrem dois objectivos essenciais, que traduzem preocupações disciplinares, tanto teóricas como empíricas. O primeiro consiste em perceber as características que o desenho do espaço deve possuir para conduzir a forma arquitectónica à presença efectiva, segura e prazerosa dos indivíduos, isto é, entender a influência da arquitectura e do arquitecto na experiência e vivência plena do espaço. O segundo consiste em dar a conhecer e aperfeiçoar o acto de projectar, tendo em conta a tradução de pressupostos teóricos para uma realidade e programa específicos.

Assim, o trabalho é constituído por uma componente prática de projecto, que consiste na elaboração de uma proposta para uma zona em particular da cidade de Berna, na Suíça, inserida no contexto do concurso internacional de ideias para estudantes Finalistas de Arquitectura promovido pela Schindler Elevadores; e por uma componente teórica de investigação que constitui a base de documentação das fases de projecto e de sustentação das soluções e opções apresentadas na proposta final. Peças desenhadas e escritas constituem uma globalidade coerente, num processo projectual criativo de resposta a um programa funcional para uma realidade concreta.

Desta forma, o que se apresenta não pretende resumir-se apenas ao projecto nem traduzir-se numa simples justificação para o mesmo. Pretende, ao invés, contribuir para o avanço do entendimento das temáticas em causa, tornando-se uma fonte de conhecimento com possibilidade de futuras consultas para novos projectos, e também para todos aqueles que se interessem pelos conceitos e temas abordados, pois estes assumem-se como fulcrais na realidade presente e futura. Esta opção tem por base o processo de formação do arquitecto que, analogamente ao da cidade, é composto por uma sucessão e sobreposição contínua de fases que, no seu todo, vão constituindo uma espécie de espessura de conhecimento passível de ser aplicado na produção arquitectónica.

Tendo em conta estas motivações, procura-se sempre uma articulação entre as noções de cidade, sociedade e arquitectura, no sentido de realizar uma proposta que se adeque à cidade e à sociedade em causa.

Assume-se fundamental, desde logo, ter em conta que mais de metade da população mundial vive hoje em contexto urbano, e que as previsões futuras apontam para uma acentuação deste facto ao longo das próximas décadas (Eurostat, 2011b). Assim, as cidades (paisagens urbanas) tornam-se o contexto quotidiano para uma grande parte da população mundial, dando origem a uma série de

---

<sup>1</sup> Por opção do autor, este trabalho mantém a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

problemas e contradições relacionadas com o meio ambiente, com a ecologia da paisagem, com a qualidade de vida dos seus habitantes e com a sustentabilidade de todo o conjunto. A paisagem urbana, com a sua heterogeneidade, pluralidade e diferentes elementos, em que cada um constitui um mosaico dela própria, assume-se como a paisagem contemporânea, aquela que irá permanecer no futuro informando directamente os nossos descendentes dos valores e capacidades da sociedade presente.

A respeito da sociedade, pode dizer-se que, semelhantemente à paisagem, é constituída por um mosaico de indivíduos em que cada ser é único, irrepitível, tanto física como mentalmente. Pode dizer-se, ainda, que a sua evolução aponta cada vez mais para um envelhecimento dos cidadãos, o que acarreta conseqüentemente um aumento das já presentes dificuldades de mobilidade, acessibilidade e integração de alguns indivíduos na sociedade. Pelas condições precárias (físicas, psicológicas e sociais) que estes indivíduos enfrentam em muitas cidades actuais, reconhece-se “(...) de imediato que, ao longo das próximas décadas, se torna absolutamente inevitável construir não apenas mais cidade, mas também melhor cidade” (Fortuna, 2002, p.123). Urge renovar a forma de observar a cidade, de a construir e de a transformar, com a finalidade de promover novos modos de vida e novos quadros de sociabilidade, numa perspectiva abrangente e activa, de melhoria da qualidade de vida física, psicológica e social a todos os membros da sociedade.

É à arquitectura que cabe a mediação entre cidade e sociedade, entre o espaço e o que os indivíduos esperam dele para o poderem vivenciar. Toda e qualquer produção arquitectónica deve servir em última instância a instituição do ser humano. Como refere Pallasmaa (2007), a verdadeira finalidade da arquitectura não é criar espaços ou ambientes estetizados, mas fornecer enquadramentos e horizontes de experimentação e compreensão do mundo e, finalmente, de nós próprios. É esta a responsabilidade ética da disciplina perante a sociedade e perante a história.

Assim sendo, uma análise da estrutura da paisagem urbana e da sociedade, da forma como esta sociedade experiencia e vive o espaço, e o que ela necessita para o fazer confiantemente e em segurança, permitirá compreender e retirar conclusões sobre a influência e a articulação mútua destas temáticas, compreendendo como o espaço se deve reorganizar e transformar material e simbolicamente, de forma a estruturar a intervenção arquitectónica.

Seguindo esta linha de problematização, o presente trabalho tem como ponto de partida um questionamento sobre o modo como o espaço arquitectónico deve potenciar a sua leitura e vivência por parte do mosaico de indivíduos existentes na sociedade, de acordo com o contexto e toda a envolvente onde está inserido. Como é que este espaço é experienciado para permitir a sua confiante compreensão e vivência? Como é construída esta confiança e reduzido o medo, os estigmas e preconceitos nos indivíduos? Unificando-os ou dispersando-os? Integrando-os ou segregando-os? Convidando-os ou repelindo-os? São os indivíduos que devem adaptar as suas vidas aos espaços planeados e construídos,

ou pelo contrário, são estes espaços que devem ter em conta os indivíduos e as suas actividades quotidianas? Que aspectos arquitectónicos modelam o modo de vida das pessoas? Será que o desenho do espaço conduz a forma arquitectónica à presença dos indivíduos? Estas são apenas algumas das questões que lançam as bases para a investigação que se pretende realizar.

Seguindo a lógica dos objectivos delineados, o trabalho está estruturado em três partes essenciais. A primeira faz a contextualização teórica das opções, soluções e temas que vão constituir a base de conhecimento da proposta. A cidade, a arquitectura e a sociedade que experiencia e representa os espaços, assumem-se como os eixos estruturantes fundamentais. A segunda faz referência à metodologia, à contextualização do programa do concurso e da zona de intervenção, para que assim melhor se compreenda a realidade concreta do local de intervenção. Por fim, a terceira parte apresenta, explica e justifica a proposta de intervenção apresentada para o local, abordando todas as escalas de intervenção, desde a urbana, mais geral, até à do edifício, mais específica. Pretende-se que esta proposta traduza o resultado de todo o processo que lhe antecede, sendo ainda complementada com projectos de arquitectos de referência que constituem igualmente uma fonte de inspiração, com o objectivo de produzir uma solução própria, com identidade, significado e que se adeque às características do lugar em causa.



Os pressupostos-instrumento



## Paisagem urbana

Frequentemente, na perspectiva de um leigo, compreende-se erradamente a paisagem como a natureza, em forma de árvores, florestas ou colinas, que nos rodeia. Porém, esta visão é limitada e incompleta relativamente ao seu significado, pois o conceito de paisagem é muito mais abrangente. Não diz respeito unicamente a um contexto natural, mas sim a todo o contexto que vemos e que nos envolve, seja ele natural ou artificial.

Aprofundando o conceito, a paisagem não é só o produto da natureza, mas também da humanidade e da sua intervenção (Forman, 1995). Estas são as variáveis biofísicas (naturais e antrópicas) que determinam as potencialidades biofísicas do território para o desenvolvimento e ordenamento da paisagem. Como o próprio nome indica, as naturais, passivas, decorrem de processos e fenómenos da natureza, sendo por isso lentos à escala humana (por exemplo o relevo, cursos de água, clima, entre outros). Por outro lado, as variáveis antrópicas, activas, dependem da acção humana (por exemplo edificado, tipologias, hierarquia viária, entre outros). Outro tipo de variáveis, denominadas sócio-económicas (exprimem directamente a dimensão populacional e as actividades sociais e económicas), influenciam a dinâmica do ordenamento da paisagem.

Todas estas variáveis ou *layers* de informação do território, que tendem a simplificar a realidade, são aspectos mensuráveis (embora nem sempre de fácil medição), e por isso objectivos. No entanto, a paisagem também abrange uma componente subjectiva, que reside nos aspectos visuais percebidos por cada indivíduo, dados pelas suas emoções, desejos, sentimentos, percursos, necessidades, entre outros. Assim sendo, como afirma Bru (1997, p. 181), “(...) sin percepción no hay paisaje. Es una construcción individual, un sistema de identificación cultural, un modelo de percepción.”, isto é, quando se fala em paisagem há necessariamente uma percepção pessoal e individual de cada indivíduo dotando a mesma de significado e sentido. A paisagem não é somente matéria mas também mente, logo é subjectiva. O que pensamos sobre a paisagem é sempre baseado num processo em que primeiramente conhecemos, seguidamente percebemos e por fim interpretamos e criamos uma *mindscape*<sup>2</sup> pessoal e única de uma mesma realidade que não se fixa somente ao lugar geográfico e físico, mas que se converte numa construção imaterial e subjectiva. “As paisagens são feitas pelas ideias e pela construção (...)” (Relph, 1987, p.19), num processo bilateral entre o observador e o meio.

Apesar de toda a heterogeneidade associada, quer aos diferentes *layers* de informação do território, quer aos processos subjectivos inerentes a cada indivíduo, é possível estruturar a paisagem

---

<sup>2</sup> Paisagem mental (Lorzing, 2001, p.49).

em ecológica e edificada (Magalhães, 2001). A ecológica (paisagem natural ou primitiva) é onde se vai inscrever a humanização, e a edificada é representativa das intervenções que resultaram dessa mesma humanização. Numa perspectiva mais adequada para os propósitos deste trabalho, entende-se que a estrutura reside numa paisagem rural (e não natural pois toda a paisagem já sofreu a intervenção humana e é por isso humanizada) e numa paisagem urbana, sendo esta última o objecto de estudo do presente trabalho.

## **Cidade**

Esta paisagem urbana tem vindo a assumir, ao longo dos anos, uma maior preponderância no panorama mundial, visto que verifica-se um êxodo da paisagem rural, uma tendência exponencial para um deslocamento da população mundial, principalmente nos países em vias de desenvolvimento, em direcção à paisagem urbana, em direcção às cidades (DESA, 2012) (figs.1 e 2).

“Uma vez que a maioria da população planetária é formada de moradores de cidades, ela é também o futuro da coabitação planetária” (Bauman, 2009, p.70). Isto significa que as cidades assumem-se como actores fundamentais não só da presente paisagem mas também da futura, o que torna por isso essencial analisá-la, compreende-la e transformá-la tendo em vista o seu melhoramento. Para isso, é necessário perceber primeiramente o que é realmente uma cidade.

“The city is an agglomeration of living organisms and objects, come together in an historical process, creating a rich tapestry of meanings and possibilities. Any intervention in the city is an intervention in a multitude of layers of meaning, which can have the desired effect for some parties but can also have unintended consequences for them or undesirable effects for other.”

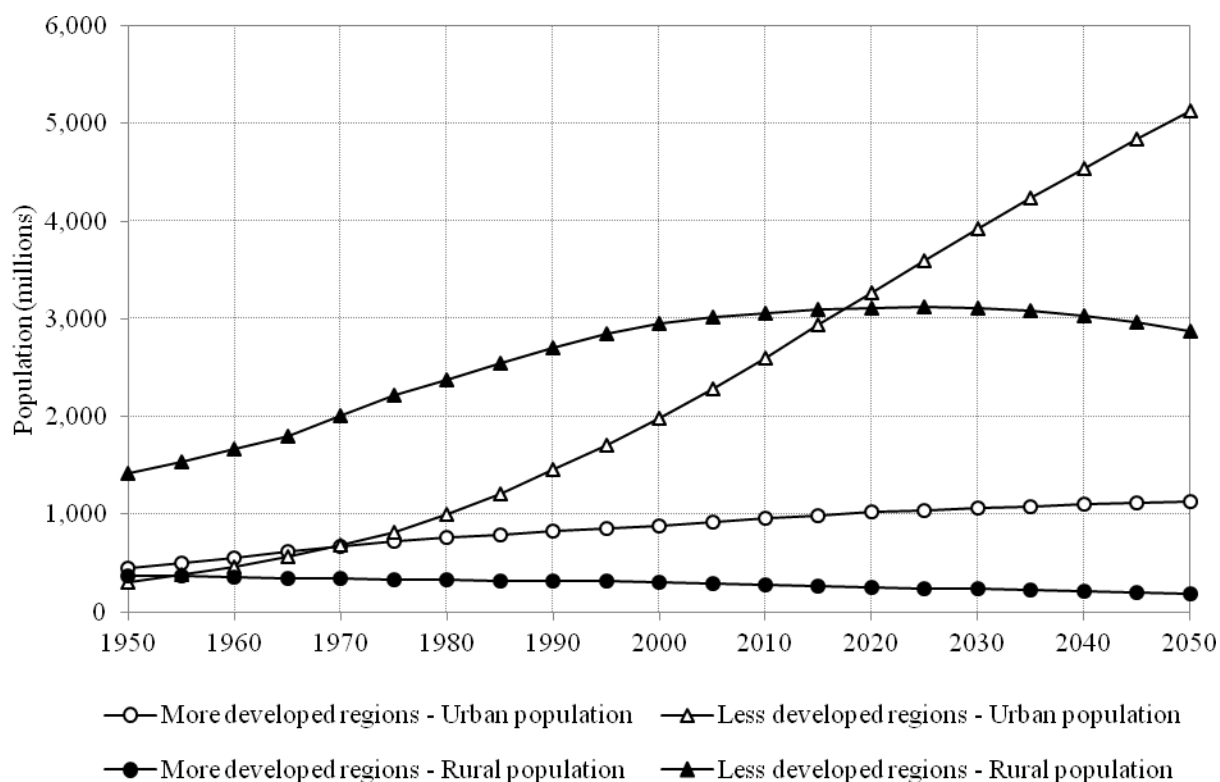
(Menin, 2003, p.121)

A cidade é o produto da interacção entre organismos vivos (actores) e objectos/enquadramentos físicos que constituem o contexto urbano, ou seja, é o produto de três aspectos, actor, acção e contexto, que se assumem como os agentes construtores da cidade. A cidade não é apenas um objecto perceptível, mas é o produto de muitos agentes construtores que constantemente modificam a sua estrutura por razões particulares. Este inter-relacionamento confere à cidade diversidade, devido às diferenças que se verificam em cada actor, acção e contexto; e complexidade pois todos eles podem se relacionar simultaneamente num dado lugar e num dado momento.

**Fig.1** Evolução da população urbana, rural e total, 1950-2050.  
**Fonte** Department of Economic and Social Affairs (2012b).

Development group	Population (billion)					Average annual rate of change (percentage)			
	1950	1970	2011	2030	2050	1950-1970	1970-2011	2011-2030	2030-2050
<b>Total population</b>									
World.....	2.53	3.70	6.97	8.32	9.31	1.89	1.55	0.93	0.56
More developed regions....	0.81	1.01	1.24	1.30	1.31	1.08	0.51	0.23	0.06
Less developed regions .....	1.72	2.69	5.73	7.03	7.99	2.23	1.85	1.07	0.65
<b>Urban population</b>									
World.....	0.75	1.35	3.63	4.98	6.25	2.98	2.41	1.66	1.13
More developed regions....	0.44	0.67	0.96	1.06	1.13	2.09	0.89	0.52	0.29
Less developed regions .....	0.30	0.68	2.67	3.92	5.12	4.04	3.33	2.02	1.34
<b>Rural population</b>									
World.....	1.79	2.34	3.34	3.34	3.05	1.36	0.87	-0.01	-0.44
More developed regions....	0.37	0.34	0.28	0.23	0.18	-0.48	-0.48	-0.92	-1.14
Less developed regions .....	1.42	2.01	3.07	3.11	2.87	1.74	1.03	0.07	-0.40

**Fig.2** Evolução da população urbana e rural, 1950-2050.  
**Fonte** Department of Economic and Social Affairs (2012a).



A diversidade advém do facto de cada actor (indivíduo, famílias, empresas industriais, gabinetes urbanos, promotores, investidores, agências reguladoras, empresas de serviços públicos e muitos outros) ter os seus próprios interesses, o que resulta num processo de decisão “ (...) fragmentado, plural e marcado por acordos (...)” (Lynch, 1999, p.45). Para além disso, cada contexto também se apresenta com características e propriedades únicas, o que contribui para que a interacção com os actores seja também sempre distinta realçando a referida diversidade e heterogeneidade da cidade.

A complexidade, para além de relacionada com as diferenças anteriormente referidas, está também associada ao momento, isto é, ao processo temporal e histórico inerente à própria cidade. Esta pode ser vista como uma história, como uma sucessão de fases que se vão sobrepondo continuamente sem nunca atingir um resultado final estagnado, numa mutabilidade/mudança constante, rica em texturas e significados que podem conduzir a falhas na compreensão da cidade.

“A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente.”

(Pesavento, 2007, p.16)

Assim sendo, pode-se dizer que apenas é possível controlar parcialmente o crescimento e a forma da cidade, pois continua em permanente evolução e transformação devido à inter-relação entre todos os agentes (actores, acções e contextos), inserida numa determinada temporalidade.

A cidade é uma construção física no espaço, porém não se reduz somente a esta dimensão, pois “(...) adquieren cada dia más un fuerte protagonismo tanto en la vida política como económica, social, cultural y mediática. Puede hablar de las ciudades como actores sociales complejos e multidimensionales” (Borja, 1997, p.15). São como actores sociais, como obras colectivas impensáveis no individual, possuidoras de uma identidade que elas próprias gerem e transformam, que as cidades fazem a articulação entre as instituições políticas e a sociedade civil, dando origem a um tecido sempre renovado de relações sociais (Borja, 1997; Gomes, 2007; Peixoto, 2000; Pesavento, 2007).

Esta sociedade civil, neste caso urbana, difere das suas antecessoras porque é na sua maioria educada, com um nível de habilitações mais elevado, tem habitações confortáveis e meios tecnológicos desenvolvidos ao seu dispor e está comprometida com profissões de carácter predominantemente intelectual e sedentário (Eurostat, 2011a). Verifica-se uma alteração das escalas tradicionais do espaço e do tempo, mais relacionadas agora com o automóvel e com os sistemas de comunicação electrónica instantânea. Assim sendo, as cidades apresentam-se física e virtualmente interligadas devido à grande,

rápida e fácil mobilidade das pessoas e devido à troca de informação instantânea que os sistemas de comunicação electrónica proporcionam. Como diz Castells (1997), é uma cidade informacional que se desenvolve em torno de fluxos (de capital, de informação, de tecnologia, de imagens ou de símbolos), que permitem a simultaneidade de comunicações em espaços geograficamente afastados. As cidades já não existem isoladas, ligam-se em redes.

Esta íntima interligação, provoca uma internacionalização e globalização das soluções e técnicas que são aplicadas nas cidades. Isto leva a que em locais distintos sejam aplicadas as mesmas soluções e técnicas, “(...) aplicando de forma mais ou menos mimética fórmulas importadas de casos tidos como paradigmáticos, que alimentam expectativas ambiciosas e pouco ajustadas quer às reais condições locais, quer à capacidade de envolvimento das comunidades revelada pelos planeadores (...)” (Ferreira e Gomes, 2012, pp.30-31). Forma-se assim uma paisagem com um aspecto global e comum e, por vezes, nada adaptado às condicionantes do lugar. Nota-se que os *layers* de informação e as suas propriedades que conformam as paisagens, convergem para uma semelhança e universalidade das mesmas. Daí surgem problemas, conflitos e dificuldades à correcta e progressiva evolução das paisagens urbanas.

Nesta evolução, está também presente uma vertente de manipulação das dimensões e imagens da paisagem urbana (física, cultural, social, sentimental, imaginária, entre outras), isto é, com a acção humana e com as intervenções por ela escolhidas há uma manipulação/deturpação do significado cultural, social e sentimental inerentes a uma paisagem que “(...) é simultaneamente racionalizada e artificial; o mesmo é dizer que é intensamente humana, expressão da vontade humana e profundamente carregada de significado (...)” (Relph, 1987, p. 18). É por isso o reflexo das opções e da condição humana na procura da resposta aos seus interesses.

Esta manipulação pode ser caracterizada por alguns excessos causados por uma pressão para a mediatização, por *visual images*<sup>3</sup> com o intuito de criar uma *City of Spectacle*<sup>4</sup>, por uma ideia de que o que não é mediático não existe. Assim, surgem cenários supostamente mediáticos na maioria das vezes nada integrados na cultura e dinâmicas urbanas, as quais têm um enorme poder e influência na vida de uma cidade, que acabam por não cumprir com os objectivos estratégicos propostos criando

---

<sup>3</sup> Como refere Pallasmaa (2011c, p.76), imagens visuais da publicidade, imagens ideológicas de condicionamento político, e crescentemente, de arquitectura mercantilizada, que têm um objectivo manipulador que fecha a imaginação.

<sup>4</sup> Cidade do Espectáculo: é a cidade do consumo e dos consumidores, organizada pela lógica do mercado e da mercadoria, pela conversão do património e reorganização do espaço público em cenários ou imagens para puro entretenimento dos turistas e dos transeuntes (Boyer, 1996; Ferreira e Gomes, 2012).

inclusivamente uma imagem<sup>5</sup> que em pouco ou nada correspondem à realidade, podendo ou não ter um efeito contrário ao que se pretendia (Peixoto, 2000).

Foi referida acima uma dimensão cultural das cidades, que assume cada vez mais importância e que pode igualmente ser manipulada. A presença da cultura na cidade “(...) constitui um dos aspectos centrais da sua identidade material e simbólica, assim como dos modos de vida urbanos (...)” (Ferreira e Gomes, 2012, p.25), e por isso torna-se num ingrediente essencial para a formação dos ambientes urbanos, da matriz morfológica, económica e funcional das cidades.

Além disso, a cultura funciona como recurso para a regeneração urbana, visto que as actividades culturais e artísticas são capazes de gerar e catalisar benefícios sociais e económicos significativos para os territórios e para as comunidades que neles habitam. Deste modo, estimulam processos de regeneração socioeconómica e urbanística, promovendo imagens apelativas das cidades, o que atrai investimentos, e enriquecendo e densificando o contacto e a experiência compartilhada na sociedade (Ferreira e Gomes, 2012).

“Las grandes ciudades deben responder a cinco tipos de retos: nueva base económica, infraestructura urbana, calidad de vida, integración social e gobernabilidad.”

(Borja, 1997, p.17)

Seguindo a linha de pensamento de Borja, as cidades devem dar resposta a um novo modelo económico que actualmente se verifica, proporcionar infraestruturas urbanas, integração social e governabilidade, para assim conseguir atingir os seus objectivos finais que são tornar-se competitivas num mundo global, e principalmente garantir qualidade de vida à sociedade.

Para isto, é fundamental um planeamento da cidade que questione a estrutura e organização actuais. Deve mobilizar tanto actores públicos como privados, estabelecendo uma relação de confiança entre eles; deve construir e/ou modificar para melhorar a imagem que a cidade tem de si própria e a que tem no exterior; e deve assentar em duas características que são a diferenciação entre lugares e a homogeneidade espacial.

“Differentiation, or distinctiveness, (...) in order to draw on their competitive advantages.

Homogeneity is related to expectations of livability and is packaged as a form of urbanity (...)”

(Boyer, 1995, p.86)

---

<sup>5</sup> “A imagem de um lugar corresponde ao conjunto de crenças, ideias, impressões e expectativas que se têm acerca desse lugar. As imagens são uma simplificação de um vasto número de associações e de fragmentos de informações ligados a um lugar” (Peixoto, 2000, p.103).

A cidade deve combinar no seu interior estas características, isto é, deve combinar traços que as igualizem com outras cidades mas, simultaneamente, traços que as distingam e singularizem, assinalando assim originalidades emergentes da pluralidade e diversidade cultural que albergam e que vão contribuir para que as cidades, ou melhor, a imagem da cidade, sobressaia num panorama mais amplo.

Com isto “redesenham-se desigualdades e renovam-se segmentações espaciais, sociais e simbólicas. Hierarquizam-se continuamente os lugares, regenerando-se uns e abandonando-se outros (Ferreira e Gomes, 2012, pp.42-43). A solução reside em encontrar um equilíbrio para que efectivamente a cidade seja um lugar com qualidade de vida e cidadania generalizada.

Desta forma, denota-se uma extrema complexidade da paisagem urbana, devido a todos os seus diversos e contrastantes constituintes, diferentes significados, escalas, limites, movimentos e fluxos que lhe estão associados, e devido às diferentes perspectivas e percepções que cada indivíduo tem inserido numa sociedade urbana cada vez mais densa.

Como já foi referido, a cidade assume-se assim como o centro da paisagem contemporânea e futura, como uma imagem colorida e evolutiva, que se vai modificando e apropriando da restante paisagem. A paisagem vai surgindo como uma forma de interpretação de um urbano indivisível e que tem que ser entendido de uma forma geral, como um conjunto, “(...) uma rua com edifícios, sinais, árvores, parqueamentos e pessoas como um todo. Isto é a paisagem urbana.” (Relph, 1987, p. 211). Total, complexa, mutável, heterogénea e polissémica, lugar onde todos os agentes interagem, isto é a cidade.

## **Forma da cidade**

Todos estes factores contribuem decisivamente para o facto da cidade se transformar a um ritmo bastante acelerado e até imprevisível. Por esta razão, a sua “(...) forma tem, de certa forma, que ser não comprometedor, moldável aos propósitos e às percepções dos cidadãos” (Lynch, 1990, p.103), isto é, adaptar-se às sucessivas modificações dando novas formas ao meio físico, organizando-se progressivamente no tempo e no espaço, tornando-se símbolos representativos da vida urbana.

Como refere Lynch (1999), a forma deve surgir a partir das imagens e sentimentos que a acompanham; deve lidar directamente com o aglomerado populacional presente e futuro, com os seus interesses plurais e concorrenciais, adaptando-se a diversas culturas; deve ser simples e flexível para poder ser utilizada por todos de forma rápida e multifacetada; e deve ainda sugerir novas possibilidades de forma, um rumo na evolução da própria cidade. Tudo isto com o intuito final de atingir uma paisagem coerente e clara.

O sucesso ou não da implementação das anteriormente referidas qualidades vai ter reflexo essencialmente no espaço público das cidades que, ao apresentar-se organizado e nitidamente identificado aos olhos do habitante, irá ser dotado de significado. Só assim poderá ser “ (...) um verdadeiro lugar notável e inconfundível (...)” (Lynch, 1990, p.104), um lugar com espírito<sup>6</sup>.

Como uma cidade é um espaço onde não converge somente um indivíduo e sim grandes quantidades de pessoas, todas elas diferentes entre si, deve-se conseguir uma cidade tanto quanto possível rica, onde apareça não só uma ou duas qualidades de forma, mas todas elas. Só desta maneira, a cidade, e mais especificamente o espaço público, conseguirá dar resposta a heterogeneidade da sociedade.

## **Espaço público**

Tem-se falado em espaço público, mas o que é realmente o espaço público? É uma pergunta à qual a resposta se deve ter sempre presente quando se constrói cidade. Pode-se dizer que é um elemento formal e funcional da urbe, uma infra-estrutura essencial à vida urbana, o espaço físico de exercício do poder. Fundamentalmente, é o suporte físico da sociabilidade, da regulação, do contacto e interacção entre indivíduos e grupos sociais, fazendo a mediação simbólica entre estes (Domingues, 2009). É um espaço partilhado por colectivos sociais, um espaço que é construído na esfera pública com base nesta interacção entre actores singulares e colectivos.

“In these terms, public space can also be understood as a frequented place, like an intersection of mobile entities, animated by the merging of movements that occur within it.”

(Pietromarchi, 2005, p.9)

Já que é um lugar de interacções, o espaço público deve ter consciência que é um *shared place*<sup>7</sup>, e por isso, deve reconhecer o valor criativo das diversidades e da complexidade, encorajar e respeitar as diferenças tornando a vida mais intensa e o diálogo mais significativo e com mais significado. Cada grupo social ou indivíduo deve encontrar um lugar com que se identifique (Bauman, 2009; Lawson, 2001).

Este espaço público e a sua forma permitem o reconhecimento das suas funções principais, isto é, permitem expressar espaços de circulação, de permanência, espaços mais importantes, pontos de referência, entre outros. Pode-se dizer inclusivamente que, por vezes, até existe um certo exagero em determinar a função de um espaço, pois determina-se e explora-se exageradamente todo ele,

---

<sup>6</sup> *Genius loci* (Norberg-Schulz, 2000).

<sup>7</sup> Espaço partilhado (Pietromarchi, 2005, p.8).

restringindo fisicamente o espaço, não deixando que uma função espontânea possa surgir a partir de uma socialização também ela espontânea. Como será analisado nos capítulos seguintes, “the fear of empty space operates as a horror vacui that we hasten to eliminate by applying terms like danger, abandonment and rejection” (Pietromarchi, 2005, p.8).

## **Medo e confiança na cidade**

Perigo, abandono, rejeição, são todos conceitos inseridos num tema mais abrangente e muito importante na cidade. Este tema é o da insegurança<sup>8</sup> (medo) e confiança<sup>9</sup> na cidade. Objectivamente, relaciona-se com o espaço físico e, subjectivamente, com o indivíduo ou grupo social.

Quando se fala em espaço público, fala-se fundamentalmente em ruas e em passeios. Estes são os órgãos vitais da cidade pois “(...) constituem os meios mais significativos através dos quais o todo pode ser organizado” (Lynch, 1990, p.108). Por isso, não fazem sentido isolados, em abstracto, só juntamente com os edifícios e com outros usos e formas que os delimitam.

“A city sidewalk by itself is nothing. (...) only in conjunction with the buildings and other uses that border it (...). The same might be said of streets, in the sense that they serve other purposes besides carrying wheeled traffic in their middles. Streets and sidewalks, the main public places of a city, are its most vital organs.”

(Jacobs, 2000,p.39)

A primeira coisa a perceber é que a segurança no espaço público não é garantida fundamentalmente pelas forças de segurança públicas, e sim pelas próprias pessoas que estabelecem involuntariamente uma rede de controlos naturais. Para isso, são necessários utilizadores continuamente nas ruas e passeios, garantindo *eyes upon the street*<sup>10</sup> que fazem o controlo e vigilância natural do espaço, e este deve ser claramente demarcado no que diz respeito ao seu carácter público e privado, para assim facilitar o referido controlo.

Perante estes factos, torna-se claro que a essência está na presença de pessoas. No entanto, não se pode forçar que estas usem a rua e o passeio se não tiverem nenhuma razão para os usar; e também não se pode obrigá-las a olhar para as ruas e passeios se não tiverem nenhuma razão que as motive

---

<sup>8</sup> “Por insegurança entende-se a inexistência, em termos objetivos, de condições que garantam o bem-estar físico, económico, social e político dos indivíduos e das comunidades ou, em termos subjetivos, o receio de que este bem-estar possa ser posto em causa” (CES, 2012, p.129).

<sup>9</sup> “A confiança é entendida como valor moral que alicerça a vida em sociedade. (...) A confiança baseia-se na crença de que os outros partilham valores fundamentais como justiça, honestidade e respeito pelo próximo” (CES, 2012, p.57).

<sup>10</sup> Olhos sobre a rua (Jacobs, 2000, p.45).

para tal. Não chega criar o espaço, tem que haver qualidade ao nível do detalhe, tanto a nível físico como programático.

A nível programático, lojas, bares, restaurantes e escritórios, são programas que dão resposta às necessidades de segurança natural do espaço público, pois atraem pessoas, geram e/ou estimulam actividades, movimento e vida tanto durante o dia como à noite.

“The basic requisite for such surveillance is a substantial quantity of stores and other public places sprinkled along the sidewalks of a district; enterprises and public places that are used by evening and night must be among them especially. (...) they give people – both residents and strangers concrete reasons for using the sidewalks (...)”

(Jacobs, 2000, p.46)

Por outro lado, a nível físico, é importante uma série de cuidados com o desenho do espaço e com as suas características materiais. Espaço para andar (dimensões da rua e do passeio) nem muito apertado nem muito largo para enriquecer o nível de experiência espacial sem prejudicar a mobilidade (considerar cadeiras de rodas, carrinhos de bebés, de compras, entre outros); materiais e condições próprias de pavimento (devem ser antiderrapantes, não brilhantes nem polidos); diferenças de nível vencidas através de rampas com a menor inclinação possível (6 a 8%) ou, de preferência, projectar espaços de nível; zonas de estar exteriores e entradas protegidas das intempéries; zonas para sentar tendo em conta a orientação, as vistas e o tipo de assento para permitir às pessoas permanecer e desenvolver actividades sociais; campo de visão desobstruído; luz adequada. Todos estes factores apresentam-se fundamentais para que o espaço seja vivido mas, principalmente, vivido com intensidade, já que se os indivíduos permanecerem mais tempo no espaço público, mais pessoas vão ser atraídas e consequentemente o nível de actividade social<sup>11</sup> também vai ser maior (Gehl, 2010; Jacobs, 2000; Simões, J. F. et al., 2009).

“If spaces make it attractive to walk, stand, sit, see, hear, and talk, this is in itself an important quality, but it also means that a broad spectrum of other activities – play, sports, community activities, and so on – will have a good basis for development.”

(Gehl, 2010, p. 131)

Como vimos, o usufruto completo e prazeroso do espaço depende do nível de protecção ao perigo real, isto é, ao perigo físico, em que soluções do desenho urbano e a escolha dos materiais

---

<sup>11</sup> Entende-se como actividades sociais todas aquelas que se dão no espaço público e que dependem de outras pessoas. Podem ser activas ou passivas (Gehl, 2010).

ajudam a minimizar; ao perigo da criminalidade, em que a resposta é dada essencialmente pela vigilância natural e mútua das pessoas; mas também ao perigo do tráfego automóvel. A resposta a esta última pode ser dada através do conceito de *shared space*<sup>12</sup>.

### ***Slow cities means lively cities***

Através de mecanismos (desenho do espaço) de redução da velocidade do tráfego motorizado, este conceito de espaço partilhado entre peão e tráfego potencia a integração de ambos no domínio público, favorecendo o ambiente, a saúde, a segurança e a coesão social (Hamilton-Baillie, 2008). Pretende-se dar preferência ao peão, pois “only ‘on foot’ does a situation function as a meaningful opportunity for contact and information in which the individual is at ease and able to take time to experience, pause, or become involved” (Gehl, 2010, p.72), isto é, somente a pé numa escala do peão, é possível melhorar a qualidade das actividades diárias, tirando partido das relações sociais mais intensas que estas vão proporcionar.

Este tipo de conceito tem como premissa conferir um maior grau de liberdade a todo o tipo de utilizadores. Porém, a um maior grau de liberdade, naturalmente está implícito um maior grau de incerteza. Alguns utilizadores do espaço, principalmente os com mobilidade condicionada associada a dificuldades visuais, apresentam-se mais susceptíveis a esta incerteza no percurso a percorrer<sup>13</sup>.

“Particular care has been taken to detail paving, street furniture and materials to provide a clear and consistent design language for the whole street and to provide tactile clues and guidance for people with physical or visual disabilities. Subtle changes in paving details alert drivers to the most likely places where pedestrians cross (...)”

(Hamilton-Baillie, 2008, p.173)

No entanto, tendo em particular consideração o detalhe do pavimento, os materiais e o mobiliário urbano empregues, é possível contornar esta problemática comunicando através destes mecanismos com as pessoas com dificuldades visuais, possibilitando assim a sua orientação.

---

<sup>12</sup> Espaço partilhado. “Space in which different street users have equal entitlement and priority to the space. Shared space strives to combine rather than separate the functions of streets. It seeks to improve the living environment for people, without needing to restrict or banish motorised traffic, by reducing traffic speeds through design. (...) A well-designed shared space will remove unnecessary clutter, while at the same time retaining navigational clues for visually impaired people. This could involve demarcating ‘safe zones’ normally near the building line, where blind and partially sighted people and other vulnerable pedestrians know it is safe to walk” (CABE, 2008).

<sup>13</sup> Para mais informações e pesquisas sobre esta temática consultar CABE, 2008.

Perante toda a análise deste conceito pode-se concluir que, *slow cities means lively cities*<sup>14</sup>, em que todos os utilizadores beneficiam de um espaço mais civilizado.

## Vazios urbanos

Inserido na complexidade da paisagem urbana, existe um tipo de espaço que tem vindo a ser cada vez mais frequente, onde residem grande parte dos problemas da urbe (dispersão, degradação, abandono, marginalização, especulação fundiária, falta de qualidade espacial, entre outros), e por isso é essencial compreendê-lo e estudá-lo. O tipo de espaço que se refere são os vazios urbanos.

Dadas as realidades progressivamente fragmentadas, heterogéneas e em permanente mutação que são a “fábrica urbana” (Coelho, 2011, p. 13), o crescimento desmedido e desorganizado da mesma, as migrações de indivíduos e/ou actividades, o reajuste das mobilidades e consequentes dispersões ou recentramentos, os espaços vão-se sobrepondo e dispersando, os edifícios vão-se implantando, as vias vão-se desenvolvendo e os indivíduos vão se movimentando e utilizando os espaços que mais lhes convêm. Perante tudo isto, surgem os vazios urbanos. O seu aparecimento não reside tanto na falta de planeamento teórico mas, principalmente, na dificuldade da sua implementação por parte das entidades responsáveis pelo desenvolvimento urbano, devido à interferência de interesses políticos e económicos, ou até da falta de organização das entidades responsáveis. A transformação ou não de um espaço, sendo característica de uma dada época, está sempre associada e é sempre produto de uma força económica, política e social.

Estes vazios urbanos são espaços pouco definidos, de diferentes conformações, indeterminados e despojados de propriedades atraentes e sensíveis, que criam uma segmentação material e simbólica. São “(...) vazios intersticiais que estruturam e arrumam os volumes emergentes, criando como que sistemas ‘escavados’ com matrizes formais identificáveis (...)” (Coelho, 2011, p.12). Pode-se dizer que fazem parte de uma *disfigured city*<sup>15</sup> inseridos numa *figured city*<sup>16</sup>, que são espaços resultantes, urbanisticamente decadentes e esquecidos pelos processos que ordenam a formação da cidade, e onde é frequente surgirem actividades, grupos ou modos de vida marginais ou destoantes com as lógicas de desenvolvimento dominantes (Boyer, 1996; Ferreira e Gomes, 2012).

No entanto, não se pode olhar para esta questão de uma forma excessivamente linear e uniforme, pois existe uma descoincidência entre aquilo que a cidade é material e sociologicamente e as

---

<sup>14</sup> Cidades que privilegiam o peão, são cidades com mais vida (Gehl, 2010, p.77).

<sup>15</sup> Espaços desfigurados. “(...) disfigured city remains unimageable and forgotten and therefore invisible and excluded. Being detached from the well-designed nodes, the disfigured city actually has no form or easily discernable functions” (Boyer, 1996, p.82).

<sup>16</sup> Espaços figurados. “This figured city is imageable and remembered, because its parts are easily recognized and structured to form a mental image (Boyer, 1996, p.82).

imagens que dela se constroem, devido à diversidade de actores e interpretações que se combinam de uma forma heterogénea no processo de formação das imagens e dos modos de representar a cidade (Fortuna, 1997).

Apesar de ser urgente intervir, é necessário ter sempre em consideração que um determinado vazio resultante pode já reunir campos e oportunidades a valorizar. Contrariando a ideia de Augé (1995) que defende que um espaço vazio é um não-lugar porque é desprovido de conteúdo simbólico e afectivo, Leite (2002 e 2008) refere que mesmo os espaços vazios podem ser considerados lugares, pois são dotados de significado dependendo do que se entende por eles e para quem esse significado é válido. Mesmo espaços que nunca foram planeados, representando superfícies residuais desligadas pela sua tipologia dos lugares tradicionais, ou espaços em que o que estava planeado não teve sucesso efectivo (contra-usos do espaço público), podem ser pontos de encontro e de convívio, tornando-se espaços públicos com significado para um dado grupo de indivíduos. A diferentes apropriações estão associados diferentes usos e a diferentes usos estão associados diferentes caracteres.<sup>17</sup> Deve-se por isso, aquando da intervenção, tirar partido dessas mesmas potencialidades e características que a paisagem emite, valorizando-as e reinterpretando-as (interacção mútua).

“Superfícies yermas, espacios vacíos e rincones se valoran, en una sociedade técnica y económicamente optimizada, como importantes espacios de renovación cultural de lo público urbano.”

(Bru, 1997, p.183)

Na essência, a intervenção num vazio urbano reside na transformação de um vazio resultante num vazio pensado e propositado, isto é, transformar o lugar, a sua organização, a sua conformação e o seu carácter, realçando e valorizando a sua identidade e a sua história, para que sejam apelativos aos indivíduos e que favoreçam a sua utilização. “(...) como contentores de urbanidade enquanto espaços de refundação identitária, de vivência compartilhada, espaço de encontro ou de isolamento do único ao diverso plural” (Coelho, 2011, p.14), estes vazios que se pretendem inclusivos, participativos e relacionais, apresentam-se como estruturantes fundamentais da genética da cidade e do seu espaço público.

É precisamente no espaço e com o público urbano que se dão os maiores conflitos, devido à sua grande instabilidade e capacidade de se transformar de forma instantânea, pelo que é neste tipo de espaço que os vazios urbanos necessitam de uma reestruturação eficaz a grande escala, para que passem a estar realmente inseridos no contexto urbano e deixem de ser marginalizados. O mesmo é

---

<sup>17</sup> Veja-se, a respeito dos conceitos de não-lugar, lugar, uso e contra-uso, Augé (1995) e Leite (2002 e 2008).

dizer que o objectivo de trabalhar nestes vazios, nestes lugares fronteira, é dar lugar a novos espaços intermédios, de permanência ou de transição, que se vão articular convenientemente com os restantes espaços envolventes. Como se deve então actuar no espaço vazio?

“En primer lugar, se revitaliza la matriz ecológica que toda ciudad sostenible quiere recuperar y se definen con claridad sus limites y sus accesos. En segundo lugar, es un valor añadido para cada proyecto de ciudad y un nuevo modelo para afrontar las nuevas intervenciones que tengamos que realizar. Y en tercer lugar, los proyectos de estos limites complejos nos permiten conseguir nuevos espacios libres que se explicarán desde su papel de conexión entre estos dos lugares promocionamos.”

(Colafranceschi, 2007, p. 131)

Primeiramente deve-se ter em conta uma perspectiva ecológica, não isolada mas inserida no todo urbano, o que vai potenciar a biodiversidade ou até o aparecimento de novos ecossistemas. Deve-se ainda reorganizar claramente os espaços, alternando espaços densos e opacos (construído, urbano) com espaços vazios e abertos (natureza, rural) recuperando o valor do céu e do solo, e ter sempre presente a sua finalidade tal como quem o vai frequentar. Tudo isto deve ser feito sempre tendo em conta o local específico, como refere Colafranceschi (2007, p. 139) “(...) hacer lo máximo posible con [las energías del lugar], lo mínimo posible contra [ellas]”.

“Este nuevo espacio libre ha de ser necesariamente complejo porque tiene que incluir los valores tradicionales de la utilización pública y la belleza, y, al mismo tiempo, tiene que ser coherente con las leyes ecológicas e y las problemáticas medioambientales.”

(Batlle, 2011, p. 23)

Este modelo, servindo de exemplo para futuras intervenções, pretende originar espaços livres baseados na heterogeneidade e no contraste entre cheio (presença) e vazio (ausência), gerando espaços diversificados com utilidade e qualidade, que sejam representativos da sociedade urbana e que construam a sua própria história, a sua própria geologia.

“El vacío ya no es nada, sino que se erige en objetivo de planificación como superficie disponible para exigencias de acción diferentes, imprevisibles” (Bru, 1997, p. 183). O espaço livre (vazio) deixa de ser ausência e passa a ser presença tal como o construído, um espaço a considerar no contexto urbano, um espaço disponível para o usufruto por parte da sociedade, um mosaico da paisagem urbana.

## **Mosaicos da paisagem**

No seguimento do exposto, um espaço livre seria um mosaico da paisagem urbana. Ora, isto significa que o espaço livre passa a ser considerado como uma peça constituinte, junto e em igualdade com outras, do contexto urbano. Uma pequena peça de um conjunto maior, um mosaico.

“Vista desde el cielo, la terra se muestra casi sempre como um mosaico (...),(...) manifesta las formas heterogéneas que componen un paisaje. La agregación y la interacción de los diversos factores que intervienen en un paisagem definen los diferentes mosaicos y, de este modo, trazan la peculiar estrutura de cada lugar. El tipo de mosaico es una de las principales características de un paisaje (...)”

(Batlle, 2011, p.65)

Como está expresso na citação acima, um mosaico de paisagem é uma manifestação das formas heterogéneas que constituem a própria paisagem, ou seja, a forma como elas se agregam e interagem umas com as outras vai definir os diferentes mosaicos e conseqüentemente a essência de cada lugar. Cada lugar é por isso único, peculiar e com características diferentes.

Esta interacção entre as diferentes formas heterogéneas está relacionada com os diferentes factores que intervêm na paisagem, isto é, os factores naturais, os factores antrópicos e os factores sócio-económicos, definem os diferentes mosaicos que compõem a paisagem, a sua estrutura, funcionamento e evolução.

É baseada nestas três características fundamentais que a ecologia da paisagem se vai concentrar para tornar-se uma das bases mais promissoras para o entendimento e planeamento das áreas urbanas: estrutura, que é o padrão espacial de arranjo dos distintos elementos e ecossistemas da paisagem; funcionamento, que são os movimentos e fluxos de matéria e energia (pessoas, animais, vento, sol, entre outros) através da estrutura e que permitem a interacção entre os elementos espaciais; mudança, que é a dinâmica ou alteração nos padrões espaciais e funcionamento ao longo do tempo. Assim sendo, pode-se afirmar que existe uma associação/influência mútua entre estrutura e função, ou seja, uma retroalimentação pois “not only do flows create structure, but structure determines flows” (Forman, 1995, p.5). Pode-se afirmar também que os movimentos e fluxos determinam em grande parte a mudança e evolução de uma paisagem, já que fazem com que os mosaicos se alterem ao longo do tempo. Desta forma, tal como um sistema vivo, os mosaicos são mutáveis.

## **Mancha-corredor-matriz**

Ao serem mutáveis, os mosaicos evoluem ao longo dos anos, tal como os mecanismos que os criam. O primeiro aspecto fundamental para que se origine um mosaico é a heterogeneidade do solo, a diferença, o contraste, para que assim se consiga distinguir e reconhecer entre os demais tipos e usos do solo. Estes usos do solo são o ponto de intersecção (interface) mais importante entre as actividades humanas e o meio, identificando-se com:

“(…) fenómenos claramente (...) identificados e *especializados*: questões demográficas, agrícolas, urbanas, ambientais, planeamento *strictu sensu*, conservação da natureza, peri-urbanização, degradação ambiental e desertificação, entre muitos outros (...)”

(Casimiro, 2000, p. 2-3)

O segundo aspecto fundamental são os movimentos e fluxos provenientes das alterações naturais e da actividade humana. Interligados e interdependentes, estes três mecanismos criam um padrão de mosaico irrepitível, único e em permanente transformação.

Tal como as paisagens, os mosaicos também apresentam uma estrutura. São compostos pela combinação de estes três tipos de elementos espaciais: mancha, corredor e matriz.

“Individual trees, rocks, houses, and so forth are the tiny stones, woods, fields, and housing tracts are conspicuous patches. Roads, hedgerows, rivers, and powerlines are equally striking corridors. Grassland, forest, rice culture, or another land use often forms a background matrix. In short, the individual trees, shrubs, rice, plants, and small buildings, analogous to the tiny stones in the artist’s mosaic, are aggregated to form the pattern of patches, corridors and matrix on land.”

(Forman, 1995, p.4)

Inicialmente formulado para áreas rurais, pela maior facilidade de detecção dos seus elementos constituintes, este modelo de manchas (*patches*) – corredores (*corridors*) – matriz (*matrix*), pode ser aplicado na prática para analisar qualquer tipo de paisagem, seja ela rural ou urbana, pois é possível identificar os seus elementos constituintes em qualquer tipo de paisagem. Assim sendo, o interesse da transposição deste modelo para um contexto urbano reside no seu potencial para se converter numa ferramenta de entendimento e planeamento do ordenamento do território urbano.

Para melhor compreender este modelo, é necessário primeiramente perceber os elementos espaciais que a constituem.

“Los *patches* [unidades de paisaje] son los espacios de interés natural existentes o posibles que podemos encontrar en nuestro territorio. Los *corridors* [corredores] son los elementos que nos permiten obtener la conectividade ecológica entre los diferentes espacios de interés natural. Las *matrix* [matrices] son la malla o estrutura ecológica que explica la forma y el funcionamiento de un mosaico. La matriz ecológica metropolitana es el sistema compuesto por los diversos espacios de interés natural que podemos potenciar y por los diferentes corredores verdes que podemos establecer.”

(Batlle, 2011, p.163)

No que diz respeito às manchas (árvores, pedras, casas, entre outros), estas são um ecossistema isolado que está separado de outra mancha do mesmo tipo de ecossistema (da mesma matriz), devido a quebras de continuidade, por fragmentação ou perturbação do sistema. O facto de ser um ecossistema significa que possui características de paisagem homogéneas no seu interior (unidades de paisagem), e o facto de se diferenciar da envolvente significa que tem um padrão específico (formas de relevo, uso do solo, urbanização, entre outros), com diferentes formas, tamanhos ou configurações.

As referidas quebras de continuidade podem ser permanentes ou temporárias e influenciam os seres vivos, o seu relacionamento e mobilidade. São ainda o resultado da interacção entre o meio ambiente físico e as perturbações naturais e humanas.

Relativamente aos corredores, estes são elementos lineares que permitem e promovem a conectividade entre as diferentes manchas (elementos de ligação). Podem ser amplos ou estreitos, com forte ou fraca conectividade, mas são sempre elementos de ligação relacionados com efeitos de transporte (ferrovias, estradas, cursos de água, linhas eléctricas, entre outros) que promovem a mobilidade de bens, pessoas e energia; efeitos de protecção (ao promoverem a protecção e constituírem em si um recurso – fauna e flora); e ainda relacionados com efeitos estéticos.

Como já foi referido, estes corredores constituem, em si, um recurso, promovendo e estimulando a biodiversidade num dado lugar. No entanto, se a conectividade for interrompida, podem surgir barreiras que restringem a movimentação das espécies na paisagem, condicionando a biodiversidade. É o que acontece muitas vezes em contexto urbano, pois existem variadas condicionantes físicas do meio que dificultam e cortam a conectividade.

É importante referir, ainda, que os corredores definem limites e fronteiras, e podem interseccionar-se com outros corredores ou com unidades de paisagem, dando origem a lugares sensíveis que podem representar conflitos e que por isso necessitam de atenção.

Por fim, relativamente à matriz, pode-se dizer que é a parcela/superfície de maior dimensão que serve de suporte, de pano de fundo. Ela pode ser extensa ou limitada, contínua ou perfurada,

variada ou homogénea, porém são as manchas (unidades de paisagem) e os corredores que a enformam.

Por vezes não é fácil identificar qual é a matriz em causa, principalmente em contexto urbano, já que, num contexto rural, os elementos são mais simplificados, evidentes, e por isso de mais fácil detecção.

Em contexto urbano, a matriz não só deve adaptar-se ao território como também deve incorporar os espaços de reabilitação urbana. Não pode somente ser uma operação de interesse natural mas também uma operação de projecto urbano. Deve então potenciar os sistemas naturais, aplicando-os nos espaços urbanos e principalmente naqueles que se apresentam mais degradados, transformando-os e revitalizando-os. Significa isto uma vinculação dos espaços que conservam ainda interesse natural com aqueles que se apresentam degradados e susceptíveis de recuperação. Esta vinculação poderá ser feita através de uma matriz ecológica metropolitana, integrando um conjunto diverso de espaços, como os espaços agrícolas compatíveis, espaços de lazer, desportivos ou outros, com o espaço a recuperar (vazio urbano). O contexto urbano não pode renunciar à dupla vertente destes espaços, pois trata-se de lugares destinados a uma actividade em concreto mas também podem oferecer um valor natural totalmente compatível com os princípios ecológicos da matriz, ou seja, o mesmo espaço assume várias vertentes e usos (uso complexo).

“Los espacios libres de la ciudad (...) sirvan de productores del microclima, de conservadores del agua, las plantas y los animales, y, como hasta ahora ya habían hecho, de generadores de ocio e diversión.”

(Batlle, 2011, p. 76)

Seguindo a linha de pensamento de Batlle, estes espaços livres contribuem para uma resposta à crise ecológica, pois fomentam novas manchas verdes, novas agriculturas (urbanas) e a manutenção dos sistemas naturais como os rios e ribeiras, constituindo-se como mosaicos ricos e bio-diversos, numa íntima relação de simbiose com os actuais espaços de lazer e convívio. Verifica-se uma aplicação dos princípios da ecologia da paisagem na ordenação e organização do território, e uma compatibilização do valor ecológico da matriz com o valor cívico dos espaços públicos.

Denota-se assim, uma união indissolúvel entre cidade, espaço livre, ecologia e paisagem. Como já foi referido, o espaço livre emerge como um mosaico fundamental da paisagem urbana contemporânea.

## **Escalas**

Um aspecto fundamental na análise do modelo mancha-corredor-matriz e, conseqüente, na compreensão de um mosaico é a escala<sup>18</sup>, pois esta vai influenciar a designação e denominação dos elementos constituintes (mancha, corredor e matriz) da paisagem. Simplificando, numa determinada escala, uma mancha pode ser um corredor, ou vice-versa, e uma mancha pode ser uma matriz, ou vice-versa. Desta forma, é essencial definir previamente a escala de trabalho, não só a escala espacial mas também a temporal.

Apesar de os mosaicos do território e da paisagem pertencerem a uma escala humana, são encontrados padrões de mosaicos em diferentes escalas espaciais, desde a micro até à macro-escala. Desta forma, “(...) los dibujos de mosaico se dan en todas las escalas espaciales (...)” (Colafranceschi, 2007, p. 136). Relativamente à escala temporal, é também importante defini-la e considerá-la, pois sobre todos os elementos constituintes do mosaico o tempo vai ter influência. Este tempo pode significar quer a época em causa, ou seja, o enquadramento histórico; quer a temporalidade (extensão temporal da influência) de cada elemento, ou seja, se é efêmero ou permanente. Consequentemente, tudo isto implica uma adaptação das escalas à intervenção.

Assim sendo, a relação entre forma e função (retroalimentação) varia com a escala de intervenção. A uma grande escala, o peso dos factores de ordenamento (desde económicos, ecológicos e sociais) é enorme, e a componente dos usos espaciais prevalece sobre a componente formal. Pelo contrário, à medida que a escala vai diminuindo, a componente formal sobressai, assumindo importância e necessitando naturalmente uma maior pormenorização, pois é nesta escala que os indivíduos interagem proximamente com a paisagem.

Este domínio de todas as escalas, vai proporcionar uma vinculação da escala geográfica da paisagem, unindo a cidade com a envolvente, com a escala individual, do cidadão, oferecendo-lhe espaços próximos, íntimos e ajustados às necessidades quotidianas.

## **Limites**

Para além da escala, um conceito que está implícito na análise de um mosaico é o de limite. À partida, relaciona-se um mosaico com um limite bem definido, porém, na realidade, o desenvolvimento da paisagem não acontece desta maneira. Existe uma diluição dos limites, qualquer que ele seja, desde rural e urbano até público e privado, já que é muito difícil, na maioria dos casos, definir com certeza o exacto limite onde acontece a transição.

---

<sup>18</sup> Escala significa o efeito que um determinado objecto tem sobre nós em termos relativos e não absolutos (Lawson, 2001).

Verifica-se assim, uma interpenetração entre exterior e interior, complementando-se estes dois tipos de espaços, de modo dinâmico, através da continuidade de fluxos de massa e energia existentes, neles e entre eles. Os espaços devem interligar-se de tal maneira que, sem que percam as suas características próprias e funcionamento autónomo, não deixem de servir os interesses comuns da sociedade. A qualidade do espaço como conjunto vai depender desta complementaridade. É por isso que a paisagem é global, homogénea e ilimitada, numa perspectiva da intervenção na mesma.

Tudo isto permite uma forma de vida livre, em que o indivíduo movimenta-se facultativamente, elegendo por onde e para onde quer ir, o que origina por vezes uma desorganização do espaço.

“A paisagem actual é assim caracterizada pelo desarrumo da implantação das actividades, em actividades fragmentadas, sem qualquer estruturação nem respeito pela ecologia ou pelo trabalho e conhecimento acumulados pelas múltiplas gerações que a construíram.”

(Magalhães, 2001, p. 22)

Assim sendo, o caminho a seguir, reside em aceitar precisamente esta diluição de limites e considerar isso mesmo, desde o princípio, em futuras intervenções na paisagem. Aceitar que a heterogeneidade na paisagem tende a definir gradientes (os elementos dispõem-se gradualmente) e não tanto limites estáticos e bem delineados.

Dados estes limites complexos, com vários usos, formas e identidades, os vazios urbanos, ao definirem limites/barreiras, tornam-se espaços com potencial para uma correcta aplicação destes limites complexos, e assim valorizarem-se como espaços intermédios de transição, ou até como espaços de permanência em si. A forma dos limites e as dimensões destes espaços vão determinar as influências que se estabelecem entre eles e o contexto urbano, dando origem a novos usos, vivências, culturas e identidades, que devem respeitar o contexto e a matriz ecológica em que estão inseridos.

Assim sendo, “(...) la disolución de los limites de la ciudad es posiblemente la premisa fundamental del discurso arquitectónico contemporáneo (...)” (Bru, 1997, p. 103), a base sobre a qual a arquitectura vai trabalhar.

# Arquitectura

Como já foi referido anteriormente, é muito importante a intervenção em todo o contexto da cidade incluindo o do edifício, com o objectivo de os tornar espaços pensados, com qualidade e com vida. Grande parte da responsabilidade desta intervenção recai sobre a arquitectura e os seus intervenientes.

“Architecture is a response to existing demands and desires, at the same time that it creates its own reality and criteria. It unites the past, presente and future. It is both the end and the means. Besides, in its aspiration towards an ideal, authentic architecture always surpasses all consciously set aims and, consequently, is always a gift.”

(Pallasmaa, 2011b, p.33)

Inserida num processo temporal (passado, presente e futuro), a arquitectura surge como a resposta a essas necessidades e desejos, criando simultaneamente a sua própria realidade e critérios. Ela constrói o espaço em direcção a um ideal ou objectivo que, em última instância, consiste em proporcionar um ambiente agradável, funcional e seguro. Garantir a possibilidade de nos movermos e deambularmos fácil e confiantemente pelas cidades tirando o máximo proveito dos seus espaços, edifícios e da vida em sociedade assumem-se essenciais num projecto com qualidade (Gehl, 2010).

Pode dizer-se que a arquitectura prepara-nos para mudanças físicas e mentais, para estabelecermos relações e realizarmos determinadas actividades, adequando a elas o nosso comportamento. Na verdade, idealmente sem nos apercebermos, cria as condições para organizarmos as nossas vidas, actividades e relações (Lawson, 2001).

Porém, é também fundamental conferir a este construir “(...) um sentido que o transcenda num acto não só técnico, mas eminentemente artístico” (Purini, 2009, p.40).

## Arquitectura e outras formas de arte

Apesar da arquitectura criar a sua própria realidade e critérios, não significa que ela não se inspire noutras formas de arte na sua acção de construção do espaço. Antes pelo contrário, ela inspira-se e esse encontro certamente reforça a sensibilidade do arquitecto à essência artística da sua própria forma de arte.

Este encontro torna-se possível, já que todas as formas de arte exploram a essência existencial da cultura, vida e consciência humanas e aspiram a representá-la seguindo similares estratégias, estruturas e metáforas. Além disto, toda a expressão artística é filtrada pelos sentidos, memória e

imaginação. Assim, têm campos e objectivos de trabalho semelhantes. Como afirma Alvar Aalto citado por Pallasmaa:

“(…) abstract forms of art have brought impulses to the architecture of our time, although indirectly, but this fact cannot be denied. On the other hand, architecture has provided sources for abstract art. These two art forms have alternately influenced each other. There we are – the arts have a common root even in our time (…)”

(Pallasmaa, 2011b, p.34-35)

Conclui-se que não só a arquitectura é influenciada pelas outras formas de arte como o contrário também se verifica. Ambas se influenciam mutuamente e são o produto da sua colaboração. Não só uma colaboração directa e óbvia entre profissionais e artistas, mas especialmente de princípios, conceitos e métodos.

## **Forma arquitectónica**

A estrutura espacial da paisagem, “(…) el modelo mancha-corredor-matriz tiene análogos en otras disciplinas. Punto, línea e plano son conceptos fundamentales en el arte y en la arquitectura” (Colafranceschi, 2007, p. 138).

“A Arquitetura pode ser compreendida como o resultado construído junto da manipulação de sólidos geométricos, através da composição de volumes cheios e vazios, saliências e reentrâncias, num jogo de luz e sombra, com cuidados estéticos, preenchendo determinada finalidade e inserido num determinado ambiente urbano.”

(Souza, 2003, p.106)

Tal como as manchas, corredores e matrizes constituem a paisagem, elementos geométricos como ponto, linha e plano, constituem as formas, sendo as ferramentas de concepção e representação das mesmas. São estas formas que, inseridas num determinado ambiente, período de tempo e com preocupações estéticas e funcionais, vão, através da arquitectura, enformar a paisagem. Como é que a arquitectura dá forma a paisagem é a grande questão.

Primeiramente é necessária uma análise da estrutura formal que consiste em indicar os elementos<sup>19</sup> e relações<sup>20</sup> que dela participam, isto é, perceber como estes elementos se inter-relacionam

---

<sup>19</sup> Denota uma unidade característica que faz parte de uma forma arquitectónica. Assume um duplo significado, visto que pode ser um todo independente ou uma parte que pertence a um contexto mais amplo (Norberg-Schulz, 1998).

entre si, tendo em conta que podem sempre ser decompostos em vários níveis hierárquicos dependendo da escala em causa. “Es así como un edificio, considerado como un todo, pasa a ser un elemento dentro de un contexto urbano. Un elemento es sempre, a outro nivel, un todo” (Norberg-Schulz, 1998, p.86).

Seguidamente, é conveniente classificar os elementos arquitectónicos existentes. Para Norberg-Schulz (1998), existem três tipos que são unificados pelo território: massa, espaço e superfície. Massa implica um corpo tridimensional mais ou menos concentrado, enquanto que o espaço, mais ou menos encerrado, diz respeito ao volume definido pelas superfícies limites das massas que o rodeiam. Por seu turno, a superfície lê-se no limite da massa e do espaço, dando origem a um plano. Se por sua vez estes planos se intersectam, originam uma esquina que se caracteriza como uma zona crítica do espaço. Por esta razão, e juntamente com as superfícies, a maneira como são tratados e articulados assume máxima importância, já que vai influenciar a sua interpretação (continuidade ou descontinuidade; leitura de bloco maciço ou de justaposição de superfícies/planos).

“Si dos superficies adyacentes están tratadas de la misma manera, el límite de masa adquiere continuidad, a pesar de la esquina, y acentúa la concentración de la masa. Si, por el contrario, las superficies están tratadas de diferente modo, la continuidad desaparece y la concentración se debilita.”

(Norberg-Schulz, 1998, p.87)

Por fim, o modo como estes elementos interagem e se relacionam entre si assume-se mais importante na estrutura formal que os próprios elementos isolados, visto que o todo é mais importante que as partes. Relações geométricas, de proximidade, interpenetração, fusão, divisão, sucessão, continuidade, repetição, contraste, predominância, entre muitas outras que possam desenvolver-se a partir da interacção entre os elementos, contribuem na formação de uma complexa rede de relações que vai dar significado e capacidade à forma arquitectónica de receber conteúdo (Norberg-Schulz, 1998).

No entanto, quanto maior, mais complexa e exagerada for esta rede de relações, mais confusão irá gerar nos utilizadores do espaço, pelo que o ideal é um equilíbrio. Este traduz-se na repetição de um número limitado de elementos e relações, os quais devem permitir as combinações e os estímulos necessários a todas as situações de vida. Na essência, este equilíbrio, serenidade e sobriedade da forma, garante uma linguagem espacial acessível que permite a compreensão do lugar e a sua

---

<sup>20</sup> Denota um modo lícito de distribuir elementos. São necessariamente tridimensionais, ou melhor, espaciais (Norberg-Schulz, 1998).

utilização adequada (Lawson, 2001). Deve-se então olhar simultaneamente para a forma, para o lugar e para a utilização, não abandonando a dimensão formal nem reduzindo a arquitectura à forma pura. Como diz Zumthor (2006a, p.69), “a forma remete para o lugar, o lugar é este e a utilização é esta”.

## **Desenho**

Como vimos, a forma não tem uma configuração nem dimensão predefinidas, pois é algo que surge ao longo do processo da sua criação, isto é, no caso da arquitectura, no decorrer do processo projectual. O que ela tem é um carácter e uma qualidade em que todos os elementos e relações são inseparáveis (a forma é desfeita se retirarmos alguma parte). Dito isto, a forma por si só tem existência mas não materialidade. O que a vai materializar, trazer à presença, é o desenho (Ngo, 2002).

É importante referir que o desenho que se está aqui a tratar não é propriamente artístico. Para o que se está a discutir, são relevantes as vertentes do desenho como forma de captar e compreender a realidade (desenhos de estudo, esboços), desenho como tradução da realidade compreendida nas opções de projecto a implementar (desenho técnico, geométrico, de projecto) e desenho como configuração espacial da realidade (desenho do espaço) (Purini, 2009). Como se pode perceber, estão implícitas ao processo arquitectónico, isto é, análise do lugar e fase projectual com avanços e recuos, aplicando processos repetitivos que resolvem novos problemas e que culminam no objectivo final, a construção e materialização efectiva da obra. É um processo em espiral<sup>21</sup> em que todos os elementos de projecto se ligam e relacionam entre si.

“Contudo, o desenho não é (...) uma linguagem autónoma; trata-se de tirar as medidas, de fixar as hierarquias internas do lugar que se observa, dos desejos que ele suscita, das tensões que induz; trata-se de aprender a ver as interrogações, a torná-las transparentes e penetráveis. Trata-se por fim de procurar por meio da escrita do desenho uma série de ressonâncias que progressivamente funcionem como partes de um todo, que mantenham a identidade das razões da sua origem contextual mas que ao mesmo tempo se organizem em sequências, percursos paragens calculadas, que se alinhem através de diferenças discretas na direcção de um processo de diversidade não ostentada, de escrita dos espaços e das formas do projecto.”

(Siza, 1998, p.9)

No seguimento do que é acima referido por Siza, numa primeira fase o desenho tira as medidas do lugar, sintetiza e simplifica as interrogações que o próprio lugar suscita. Seguidamente, o desenho

---

<sup>21</sup> Veja-se, a respeito da importância e influência do processo na produção arquitectónica e da metáfora da espiral (Zeisel, 2006).

traduz o que o lugar nos suscita em opções de projecto, num todo inseparável que define como o espaço vai se assumir materialmente. Por fim e já materializada a obra, o desenho é o resultado do processo anterior, das formas que inicialmente eram construções mentais, mas que agora se distribuem fisicamente no espaço. Daí dizer-se que o desenho torna a forma tangível, palpável e vivida.

## **Ponto-linha-plano**

Desta maneira, pode dizer-se que o desenho (ponto-linha-plano), sendo mais do que uma linguagem visual ou um método de representação gráfica, faz parte da paisagem mesmo que indirectamente, possibilitando a analogia com o modelo mancha-corredor-matriz.

Assim sendo, assemelhando-se a uma mancha, um ponto é a unidade mais simples e mínima, podendo assumir diferentes dimensões ou configurações. Pode-se dizer que separam-se de outros pontos por quebras de continuidade, tal como no modelo mancha-corredor-matriz de uma paisagem. No que diz respeito ao corredor, este assemelha-se a aresta, pois esta é o elemento de ligação/conexão entre os pontos (em última análise pode-se considerar uma sucessão de pontos). Por fim, a uma matriz corresponde o plano, o elemento de fundo que contém pontos e rectas.

Na arquitectura, os elementos que sofrem uma intervenção mais directa são os pontos (manchas), ou seja, os espaços públicos e privados interiores ou exteriores tais como os edifícios, parques, jardins, ou até os anteriormente referidos vazios urbanos. Qualquer que seja o ponto, tem importância no contexto em que está inserido, porém existem alguns que denotam importância acrescida. Estes *military points*<sup>22</sup> são pontos geradores de fluxos, de vivência, de vida, sem os quais o sistema dilui-se, daí carecerem de especial atenção pois podem tornar-se pontos de máxima tensão e expressão se sofrerem uma adequada intervenção.

Apesar dos pontos (manchas) serem os elementos espaciais com maior influência da arquitectura, todos os restantes (rectas/corredores e planos/matrizes) também sofrem influência, nem que seja pela interdependência e rede de relações complexa entre ponto-linha-plano, ou melhor mancha-corredor-matriz.

Assim sendo, a arquitectura tem uma clara influência na paisagem, pois está presente em todos os seus elementos espaciais, reorganizando-os e recriando-os. É uma presença activa, modificando vivências, fluxos, culturas e identidades. É o palco onde a sociedade vai interagir e relacionar-se quotidianamente, e por isso tem que ter em conta a heterogeneidade da mesma. Como já foi referido, a concepção dos espaços deve ter em conta os usos quotidianos, pensando sempre em diferentes lugares para pessoas diferentes.

---

<sup>22</sup> O lugar imprescindível sem o qual o sistema carece de sentido (Batlle, 2011, p.165).



## **Sociedade**

Tal como as paisagens são constituídas por manchas e corredores que enformam as matrizes, as sociedades também são compostas por indivíduos e pelas relações sociais por eles estabelecidas, enformando as comunidades. A mesma heterogeneidade que se verifica nas paisagens acontece nas sociedades. Os indivíduos assumem-se como “unidades de sociedade”, como seres diferentes, que se relacionam entre si e são influenciados por eles mesmos, dando assim origem a comunidades com características distintas.

Tal como as manchas, os indivíduos apresentam características semelhantes entre si que lhes conferem essa designação, isto é, quando olhamos para uma pessoa vemos nela características que nos permitem reconhecê-la como tal. A heterogeneidade é conferida pelas diferenças de carácter, personalidade, percursos de vida, sentimentos, vontades, costumes, características físicas, entre outros, que vão constituir as suas dimensões biológica, psicológica e social. São todas estas vertentes que conferem a identidade ao indivíduo em si.

“O homem tem uma dimensão biológica, psicológica e social. Este conjunto de dimensões constitui a identidade do indivíduo, dotando-o de uma personalidade única, distinguindo-o dos demais. Esta identidade está ligada a questões tão diversas como o local onde nascemos e vivemos, o modo como fomos educados, a nossa idade, o grupo social e o círculo de amigos ao qual pertencemos.”

(Simões et al., 2009, p.5)

Estes indivíduos relacionam-se entre si, de acordo com as suas referidas particularidades, dando origem a fluxos e movimentos, quer físicos (dos próprios indivíduos) quer intelectuais (das ideias e pensamentos dos indivíduos). Estes fluxos de matéria e energia vão permitir que os vários indivíduos se agrupem de acordo com as suas características formando comunidades com uma identidade própria. É neste contexto que os indivíduos se movimentam, interagem e vivem (Pietromarchi, 2005).

## **Evolução e transformação**

É importante igualmente ter em consideração que tal como uma paisagem, a sociedade também evolui e se transforma ao longo do tempo. No caso da sociedade, actualmente e mais do que nunca, caminha-se para um envelhecimento da mesma devido ao aumento da esperança média de vida e da diminuição da taxa de natalidade (Eurostat, 2011b). Os indivíduos vivem mais e atingem idades mais

avançadas, assumindo uma percentagem significativa na sociedade actual e futura, já que as previsões não apontam para uma mudança do panorama, antes pelo contrário (figs.3 e 4).

Naturalmente, este envelhecimento provoca uma diminuição da capacidade física, psíquica e sensorial. Porém, todos nós, independentemente da idade, podemos deparar-nos de forma temporária ou permanente com qualquer uma destas restrições no decorrer normal da vida, seja por razões de deficiência, doença ou acidente (Simões et al., 2009). Sondagens e estatísticas, apesar de variáveis devido à imprevisibilidade exposta anteriormente, revelam que cerca de 10% da população mundial sofre de algum tipo de deficiência (Goldsmith, 1997). Assim, considerar estas restrições sensoriais, psico-cognitivas e físico-motoras<sup>23</sup> torna-se importante no momento de projectar um determinado espaço ou ambiente, já que a relação do indivíduo com este altera-se, assumindo novos contornos e referenciais que influenciam decisivamente a identificação das propriedades inerentes ao espaço/ambiente e consequentemente a sua utilização.

Há que ter igualmente em conta que não só as capacidades variam de pessoa para pessoa ou ao longo da vida, mas também a personalidade, os gostos, os anseios e as opiniões alteram-se e são influenciadas pelo próprio percurso de vida de cada um.

Uma boa e adequada resposta a estas vertentes depende da possibilidade do indivíduo compreender, utilizar e mover-se pelo espaço, participar em actividades e interagir com outros indivíduos e com o meio ambiente onde estão inseridos (Bins Ely et al., 2006; Bins Ely e Dorneles, 2006). Só assim, os espaços encontram-se preparados para as mutações físicas e mentais a que estamos permanentemente sujeitos, tornando-se totalmente acessíveis, confortáveis, seguros, universais e inclusivos<sup>24</sup>, não só fisicamente, mas também emocional e socialmente.

---

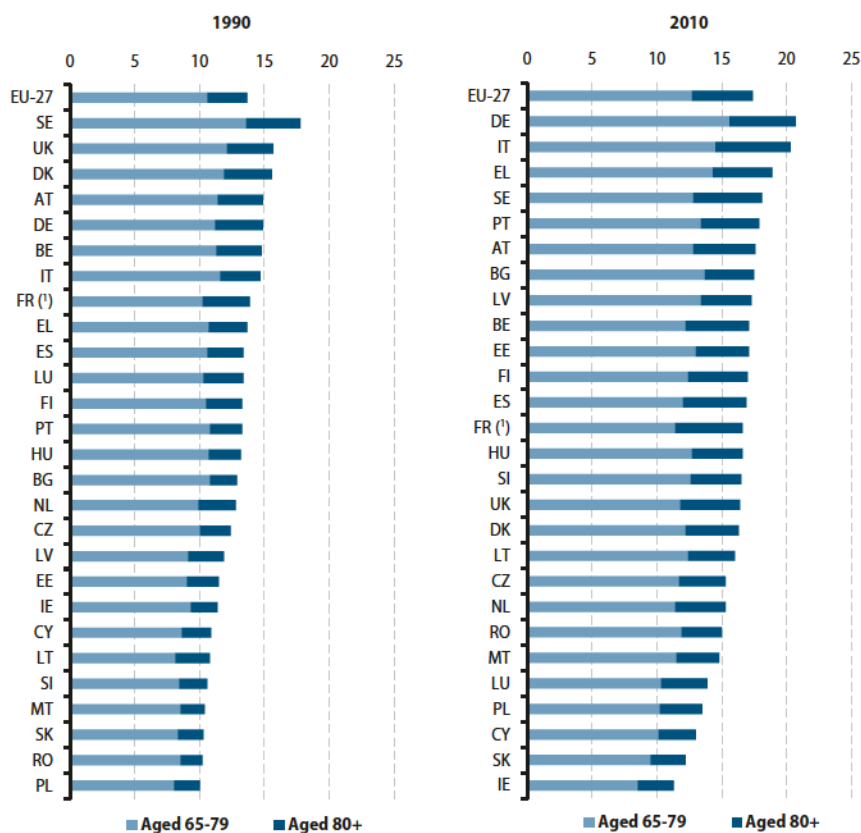
<sup>23</sup> Entende-se como restrição sensorial as dificuldades na percepção das informações do meio ambiente devido a limitações nos sentidos (visão, audição, olfacto, tacto, cinestesia); como restrição psico-cognitiva as dificuldades no tratamento das informações recebidas ou na sua comunicação através da produção linguística; e como restrição físico-motora as dificuldades em desenvolver actividades que dependam de força física, coordenação, precisão ou mobilidade (Bins Ely et al., 2006).

<sup>24</sup> Design universal e design inclusivo. O ambiente construído deve ser projectado considerando todas as pessoas, independentemente das suas capacidades. Procura soluções que beneficiem e se adequem simultaneamente a pessoas com deficiências e à população em geral (ausência de exclusão) (Simões et al., 2009).

**Fig.3** Estimativa de crescimento da população e percentagem relativa de pessoas idosas.  
**Fonte** Eurostat European Comission (2011b).

	Total population, 2010 (1 000)	Average growth rate 2010-2060 (% per annum)	Projected relative importance of elderly persons (% share of total population)					
			Aged 50-64		Aged 65-79		Aged 80+	
			2010	2060	2010	2060	2010	2060
<b>World</b>	6 895 889	0.7	13.0	17.0	6.1	13.2	1.5	5.1
Africa	1 022 234	1.8	7.6	12.6	3.1	6.7	0.4	1.4
Asia	4 164 252	0.4	12.9	19.0	5.6	15.5	1.1	5.6
Europe	738 199	-0.1	19.4	16.9	12.0	17.3	4.2	10.3
Latin America and the Caribbean	590 082	0.5	11.9	19.0	5.4	15.3	1.4	7.1
North America	344 529	0.6	18.9	16.6	9.3	14.3	3.8	8.0
Oceania	36 593	0.9	15.5	16.2	7.8	12.9	2.8	6.9
<b>EU-27</b>	501 102	0.1	19.1	17.5	12.7	17.5	4.7	12.0
Brazil	194 946	0.2	12.9	20.3	5.5	17.3	1.5	8.8
China	1 341 335	-0.2	16.2	19.8	6.8	20.7	1.4	8.8
India	1 224 614	0.7	11.0	19.3	4.3	13.1	0.7	3.6
Indonesia	239 871	0.4	11.1	19.7	4.8	16.0	0.7	6.4
Japan	126 536	-0.4	20.6	16.5	16.4	17.7	6.3	17.4
Russia	142 958	-0.3	20.0	16.6	9.9	17.8	2.9	6.9
United States	310 384	0.6	18.8	16.6	9.3	14.1	3.8	7.8

**Fig.4** Percentagem de pessoas idosas em relação à população total.  
**Fonte** Eurostat European Comission (2011a).



## **Modos de vida**

Como vimos, a integração dos indivíduos depende de factores físicos, emocionais e sociais. Esta integração implica uma participação activa nas densas e complexas redes de relações interpessoais, pois estas são fundamentais para a nossa existência como seres humanos. Como já foi referido anteriormente, vivemos num contexto de comunidade e não isolados.

Assim, são principalmente as cidades, mais especificamente os espaços públicos das mesmas, os lugares de excelência onde os indivíduos se vão relacionar num dado espaço e período de tempo.

No entanto, também é na cidade que as relações que se estabelecem primam pelo seu carácter mais impessoal, conduzindo a uma fragmentação e segmentação da vida social. Na perspectiva do indivíduo, o modo de vida de uma cidade é caracterizado por uma maior liberdade mas também por uma insegurança, instabilidade e sensação de solidão, individualismo e egoísmo (Simmel, 2001; Wirth, 2001).

Apesar deste anonimato e individualismo que se gera nas cidades, elas conseguem reinventar-se como palcos de sociabilidades próximas e intensas, já que “(...) grupos vários, embora permanecendo distintos uns dos outros, encontram entre si possibilidades múltiplas de coexistência e de trocas mediante a partilha legítima de um mesmo território, o que não somente facilita os contactos programados, mas principalmente multiplica as hipóteses de encontros aleatórios” (Rémy e Voyé, 1994, pp.14-15).

Observa-se então uma dualidade de situações (relações distantes e próximas) que comprovam a heterogeneidade e diversidade do espaço urbano. Como lugares de diversidade, as cidades comportam sentidos múltiplos e estilos de sociabilidade também diversos (Gomes, 2007).

Este tipo de contacto, de trocas de experiências, maioritariamente casual e acidental, que acontece nas cidades e no seu espaço público, permite aos indivíduos um equilíbrio, um complemento ao relacionamento mais íntimo que acontece sobretudo numa esfera mais privada. Todos nós temos a necessidade de experienciar pessoas, contactar proximamente com elas, o que implica uma cidade viva. Não basta a forma construída, pois a vida é mais importante, já que esta vive de pessoas e para as pessoas. Como diz Gehl (2010, p.29), “life in buildings and between buildings seems in nearly all situations to rank as more essential and more relevant than the spaces and buildings themselves”.

## **Medo e confiança na sociedade**

Apesar de relegados para um plano secundário em relação à vida propriamente dita, os edifícios e os espaços condicionam-na fortemente. Estes ambientes devem englobar um conjunto de espaços multifuncionais, ou seja, que os cenários “(...) encorajem e sustentem uma grande diversidade

de usos pelos seus utentes” (Muga, 2006, p.242), de forma a que possam atrair pessoas e consequentemente vida. Para além desta diversidade e multiplicidade de usos, o espaço público deve ser coerente, fomentando a deslocação a pé tal como uma concentração de pessoas suficientemente densa para que a troca de experiências e o relacionamento sejam potenciados ao máximo. O problema reside no facto deste relacionamento causar por vezes e a alguns indivíduos insegurança, desconfiança ou até medo.

“A aguda e crônica experiência da insegurança é um efeito colateral da convicção de que, com as capacidades adequadas e os esforços necessários, é possível obter uma segurança completa. Quando nos apercebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o nosso fracasso imaginando que ele se deve a um ato mau e premeditado, o que implica a existência de algum delinquente.”

(Bauman, 2009, p.15)

As cidades estão, por definição, cheias de estranhos, estrangeiros<sup>25</sup>, pessoas de quem suspeitamos e nos recusamos a confiar (Jacobs, 2000). A não familiaridade, opacidade, complexidade do ambiente e o medo do desconhecido faz com que nos sintamos inseguros e ameaçados por todos estes estrangeiros, e que procuremos neles a justificação para tal facto. Assim, o estrangeiro representa um risco imprevisível com o qual temos medo de nos misturar (mixofobia) (Bauman, 2009).

Esta reacção mixofóbica é o resultado de espaços públicos fechados, fisicamente separados, controlados e isolados, que induzem a uma segregação e diminuição da tolerância aos imensos e variados indivíduos e estilos de vida. Contrariamente, uma difusão de espaços abertos, convidativos e acolhedores permite a todo o tipo de cidadão frequentar um espaço e partilhar uma experiência. O indivíduo expõe-se à diferença porque o espaço encoraja essas mesmas diferenças. Só desta forma, com uma postura mixófila, se consegue minimizar as barreiras psicológicas e sociais criadas, contrariando a desconfiança, o medo, a segregação e o isolamento (Bauman, 2009).

Uma aspecto bastante importante ainda a ter em conta, é o facto da mixofobia e mixofilia serem ambas induzidas pela própria cidade e coexistirem em cada cidadão. Isto significa que consoante os interesses, personalidades e estados de espírito dos indivíduos, um mesmo espaço pode provocar reacções distintas, pelo que é fundamental, no acto de projectar, ter conhecimento e interpretar o perfil/características dos utilizadores que irão vivenciar o espaço. Desta forma, minimiza-se este efeito e todos podem ver correspondidas as suas necessidades quotidianas (Pietromarchi, 2005).

---

<sup>25</sup> “O estrangeiro é, por definição, alguém cuja ação é guiada por intenções que, no máximo, se pode tentar adivinhar, mas que ninguém jamais conhecerá com certeza” (Bauman, 2009, p.37).

## **Coesão social e territorial**

Para além da coesão social anteriormente falada, a integração de todos os indivíduos só é possível se houver também uma coesão territorial. Os espaços públicos, sejam eles interiores ou exteriores, com um carácter de permanência ou de passagem, necessitam de garantir a mobilidade e a acessibilidade por parte de todos sem excepção, minimizando ou até eliminando as adversidades e as barreiras físicas do contexto em causa, para que, juntamente com a dissolução dos seus limites, a cidade se torne num espaço total de liberdade e de ligação entre todos, mantendo a ordem e organização sociais, desenvolvendo a identidade pessoal e apoiando a saúde mental dos seus habitantes.

Por vezes, os urbanistas e os técnicos em geral, devido à complexidade de edifícios, transportes e movimento de pessoas com características e necessidades próprias que a cidade alberga, têm dificuldades em implementar esta coesão territorial. Juntamente a esta complexidade, podem verificar-se ainda uma conjugação de interesses políticos e económicos, falta de planeamento e de organização que dificultam esta implementação, tornando os espaços adversos, descontínuos e com oposições urbanísticas.

“No entanto a cidade e os seus espaços não precisam de ser adversos, não é inevitável que aconteça. É possível desenhar e equipar sem barreiras e adequar a sua utilização para um número grande de pessoas com diferenças na sua mobilidade.”

(SNRIPD, 2007, p.7)

Para superar a complexidade urbana, é necessário eliminar as barreiras físicas (arquitectónicas) e mentais (preconceitos), pois estas exacerbam a condição/restricção do indivíduo e constituem uma forma de exclusão social (Imrie, 2006). Uma pessoa com mobilidade reduzida, seja ela portadora de deficiência ou simplesmente idosa, tem os mesmos direitos que um jovem no pleno uso das suas capacidades físicas e mentais. Assim sendo, uma importância acrescida dada aos cidadãos com mobilidade reduzida vai igualmente favorecer todos os indivíduos, pois permite uma participação activa de todos na sociedade e assegura uma vivência integrada e autónoma de todos os cidadãos (Simões et al., 2009).

Cabe agora aos responsáveis técnicos, entre os quais os arquitectos, aperfeiçoar e reorganizar a cidade, o edifício e o espaço em geral, integrando e elevando os padrões/normas técnicas nas suas propostas (Goldsmith, 1997 e 2000), e principalmente tendo sempre a consciência de que a sociedade é constituída por um mosaico de indivíduos que devem poder usufruir dos espaços na sua plenitude, isto é, funcionalmente, em segurança e retirando o máximo de prazer na medida das suas capacidades.

Como se pode depreender do testemunho abaixo de uma pessoa com deficiência, não é com soluções especiais que se garante a completa satisfação, integração e pertencimento à sociedade de todos os indivíduos. Soluções especiais são por si só discriminatórias e exclusivas.

“I want to be treated like everyone else; I want to feel that I belong in the mainstream; when I go out for the day with my family or friends I want to be able to use public buildings in just the same way as they do; when I’m at the building where I work I want to be able to get around just like my office colleagues; I want to be accepted, not excluded; I don’t want to be made to feel odd or peculiar.”

(Goldsmith, 1997, pp.155-156)

Assim, deve haver uma promoção da acessibilidade, da vivência e de uma experiência completa e multissensorial da cidade, dos edifícios e dos espaços, de forma a que estes contribuam para uma melhor qualidade de vida, sustentabilidade, integração e justiça de toda a sociedade. Em suma, olhar para a diversidade humana com o sentido de manter e até potenciar as competências funcionais, cognitivas e relacionais em todas as etapas e circunstâncias da vida, mantendo-nos activos no contexto em que hoje vivemos e amanhã viveremos.



## Experiência e representação espacial

Para todos os indivíduos pertencentes à sociedade, da qual fazemos parte, há a necessidade de experienciar a paisagem, interagir com ela e representá-la, traduzindo em imagens mentais o que dela captamos. Esta interação entre indivíduos e ambiente ou, melhor, fusão, já que ambos participam e transformam efectivamente um ao outro, só é possível através da percepção, memória, afectividade e pensamento. “Tais processos constituem os fundamentos psicológicos da experiência do ambiente arquitectónico, ligando o ser humano ao mundo, ao ambiente global do qual a arquitectura faz parte” (Muga, 2006, p.27). Consequentemente, uma experiência espacial profunda é sempre uma co-criação.

“But the experiential encounter is not a mere adjacency or external observation; it is an exchange and a complete fusion of the setting and ourselves. Even our earlier experiences and memories fuse into the mental reality of this encounter, and we complete the work presented by the architect, as it were. I settle in a space and the space dwells in me, architecture becomes part of me and I become part of it.”

(Pallasmaa, 2007, p.102)

Esta interação/fusão é de tal forma imediata e espontânea, que a maioria das vezes não nos apercebemos da sua ocorrência nem da sua importância. Porém, se tal não acontecesse, se não recebêssemos ou não conseguíssemos captar nenhuma informação por parte da paisagem, não era possível a orientação através do espaço nem teria qualquer sentido a sua vivência.

“I enter a building, see a room, and - in the fraction of a second – have this feeling about it.”

(Zumthor, 2006b, p.13)

“Una ciudad nunca se ve como una totalidad, sino como un conjunto de experiencias animadas por el uso, por las perspectivas que se solapan, por los cambios, la luz, los sonidos y los olores. De forma similar, una sola obra de arquitectura raramente se experimenta en su totalidad (...), sino como una serie de vistas parciales y experiencias sintetizadas.”

(Holl, 2011, p.57)

Como se pode depreender das citações anteriores, o processo de captação e processamento da informação, apesar de interdependente e simultâneo, nunca é visto como uma totalidade. É sempre

composto por fases sequenciais e parciais que dependem de determinadas condicionantes (uso, perspectivas visuais, mudanças de luz, som, odores, entre outros).

Primeiramente, a totalidade dos estímulos que nos são bombardeados, é explorada, seleccionada e interpretada através da percepção. Esta percepção passa pela actuação simultânea dos sentidos da visão, audição, olfacto e gosto, tacto e da cinestesia. Porém, apesar da experiência espacial ser essencialmente multissensorial, envolve também uma apreciação que vai mais além do que os cinco sentidos Aristotélicos, englobando sentidos como o de orientação, gravidade, equilíbrio, estabilidade, movimento e escala.

Posteriormente, a informação extraída é categorizada e registada na memória. Como o espaço, ou lugar, é uma *mindscape* criada por nós, vai ser complementada por uma experiência já vivida, o que nos permite concluir que esta informação extraída não é válida somente no momento mas fica também armazenada na memória para complemento e assimilação numa futura experiência espacial.

Estes conteúdos extraídos vão ser processados, “(...) relacionados, completados e utilizados pelo pensamento na criação, na resolução de problemas, na acção” (Muga, 2006, p.27). O acto perceptivo e a informação armazenada na memória interligado com a capacidade de imaginação e criação inerentes a cada indivíduo, vai permitir ultrapassar os problemas e obstáculos, corporificando-se na simples realização da acção.

“We do not judge environments merely by our senses, we also test and evaluate them through our sense of imagination. Comforting and inviting settings inspire our unconscious imagery, daydreams and fantasy.”

(Pallasmaa, 2009b, p.17-18)

Por fim, a afectividade vai dotar de emoção e sentimento todos estes processos, como um pano de fundo que está sempre presente nos nossos pensamentos e acções. Como é referido por Zumthor (2006b, p.13), “we perceive atmospheres through our emotional sensibility – a form of perception that works incredibly quickly, and which we humans evidently need to help us survive”. Com base nesta emoção que nos ajuda a sobreviver, somos então condicionados culturalmente a procurar ou evitar determinadas atmosferas/ambientes.

É através de todos estes processos básicos, os quais serão mais detalhadamente explicados de seguida, que o ser humano vai interagir, viver e orientar-se na paisagem.

## Percepção e espaço sensível

A percepção do espaço constitui a base de todo o nosso conhecimento acerca do mundo à nossa volta e de todas as nossas actividades. Aprendemos a captar tanto a influência que o mundo tem sobre nós, como a que temos sobre ele, ajustando-nos aos objectos físicos e sociais num *processo de socialização*<sup>26</sup> mútua. A percepção converte-se no reconhecimento das coisas que conhecemos, das nossas próprias experiências (Norberg-Schulz, 1998). Assim, apresenta-se fundamental na comunicação e interacção social, na identificação das características fundamentais dos espaços e atmosferas diárias, e no usufruto do conjunto de experiências estéticas.

É importante ainda realçar que a percepção não é uma recepção passiva de impressões, pois ela depende da nossa actitude. O mesmo é dizer que a forma como o mundo nos é revelado depende do nosso estado emocional, da nossa perspectiva, do nosso ponto de vista. É por isso um processo subjectivo e com significado (Holl, 2011; Lawson, 2001; Norberg-Schulz, 1998).

“(...) o mundo percebido passa pelo vivido, o sentido pelo sensível.”

(Muga, 2006, p.31)

A paisagem emite estímulos e nós temos a capacidade de detectar e distinguir esses mesmos estímulos. A esta capacidade dá-se o nome de sensibilidade. Para além da simples detecção é bastante importante a diferenciação dos estímulos, ou seja, considerar simultaneamente um limiar de detecção e um limiar diferencial dos estímulos. “Enquanto que o limiar de detecção significa a transição da não experiência para a experiência, o limiar diferencial significa a transição da não experiência da diferenciação para a experiência da diferenciação” (Muga, 2006, p.31). Estes dois limiares assumem uma importância óbvia no espaço arquitectónico e nas suas várias vertentes (forma, dimensões, orientações, materiais, entre outros), pois para além de permitirem diversas e enriquecedoras experiências, permitem a orientação e localização do utente, favorecendo uma vivência completa do espaço. Desta forma, é fundamental ter consciência que as opções do arquitecto influenciam directamente a percepção sensível.

Sendo a sensibilidade corporal o primeiro factor na acessibilidade ao mundo, os receptores sensoriais (visão, audição, olfacto, tacto e cinestesia) desempenham um papel fundamental na captação de estímulos para a posterior tradução em informação. Como diz Maurice Merleau-Ponty citado por Pallasmaa:

---

<sup>26</sup> Como refere Norberg-Schulz (1998, p.28), “(...) la ‘socialización’ implica que aprendemos a comportarnos de formas específicas ante cosas específicas; en otras palabras, que fenómenos determinados se han relacionado con objetos determinados”.

“My perception is (therefore) not a sum of visual, tactile, and audible givens: I perceive in a total way with my whole being: I grasp a unique structure of the thing, a unique way of being, which speaks to all my senses at once.”

(Pallasmaa, 2009b, p.18-19)

Isto significa que a sua actuação não é independente e isolada, mas sim simultânea e complementar, isto é, todas as sensações estão envolvidas, se combinam e articulam entre si para realçar a experiência fenoménica e dotá-la de significado (Holl, 2011). Como diz Lynch (1990, p.12), “(...) a imagem é o composto resultante de todos eles”. É nesta dualidade que reside um dos grandes desafios do espaço arquitectónico.

## Visão

A visão é um dos sentidos mais preponderantes e especializados da nossa capacidade perceptiva, já que “(...) cerca de 80% das fibras nervosas que chegam ao cérebro transportam informação visual” (Muga, 2006, p.33). Desta forma, esta informação é uma das grandes responsáveis pela nossa compreensão do mundo em que vivemos, pela nossa capacidade de interagir e comunicar com a sociedade (Gehl, 2010), fazendo com que a sua ausência ou deficiência constitua uma enorme perda, afectando significativamente a nossa independência e qualidade de vida.

Pode dizer-se que esta dependência é acentuada pelas características do espaço em que vivemos, do nosso meio envolvente, das nossas cidades. Estas conferem demasiada importância à visão, um *ocularcentrism*<sup>27</sup>, que descuida os restantes sentidos, tornando a nossa percepção do mundo desequilibrada e dificultada. Este problema é ainda mais evidente nos casos em que o indivíduo tem baixa ou nenhuma capacidade visual, levando-o a um sentimento de isolamento, desintegração e exterioridade em relação ao mundo em que vive.

“The inhumanity of contemporary architecture and cities can be understood as the consequence of the negligence of the body and senses, and an imbalance in our sensory system. (...) The dominance of the eye and the suppression of the other senses tends to push us into detachment, isolation and exteriority.”

(Pallasmaa, 2005, p.18)

---

<sup>27</sup> Visão no centro da nossa capacidade perceptiva (Pallasmaa, 2005).

Perante isto, assume-se fundamental dotar os espaços com as características que vão favorecer a experiência visual completa. Esta depende de cinco factores: a intensidade da luz que vai variar consoante a actividade realizada, a distância ao objecto, o tempo de fixação, o contraste entre o objecto e o seu fundo, e por fim o ângulo de estimulação retiniana (Muga, 2006). A intensidade da luz e o contraste apresentam-se como ferramentas fortíssimas no acto de projectar, pois são fundamentais na compreensão e orientação no espaço arquitectónico que se pretende criar.

“Quando o arquitecto descobre, finalmente, que a luz é o tema central da Arquitectura, então começa a entender algo, começa a ser um verdadeiro arquitecto.”

(Baeza, 2004, p.15)

Estas características devem ainda ser pensadas para satisfazer os indivíduos com maior dificuldade visual, já que satisfazendo as suas necessidades estamos automaticamente a satisfazer as necessidades dos restantes indivíduos.

Atendendo então a estas duas características, pode-se concluir que o principal estímulo que sensibiliza a visão é a luz e conseqüentemente a cor.

A experiência de um dado espaço está intimamente relacionada com a luz natural, a qual será seguidamente abordada, ou artificial. Numa relação de simbiose, os dois são inseparáveis. Como é referido por Pallasmaa (2011a, p.23) “(...) the experiences of space and light are inseparable, and there is no true architectural experience of space without light (...)”. Todo o espaço ou lugar tem a sua luz característica, estimulando os nossos sentidos consoante as características da luz e os seus ciclos diários e sazonais, o que nos condiciona directamente o estado de espírito. “(...) tendemos a sentir-nos deprimidos e apáticos, quando os dias de Inverno são mais curtos e escuros, e a tornar-nos mais energéticos com dias mais longos e luminosos” (Muga, 2006, p.39).

Com uma extrema capacidade de modificar a paisagem, criar atmosferas ou configurar ambientes, a luz assume intensidades, cores e ângulos diferentes ao longo do tempo (ano e dia), que a par da influência do lugar, tornam a orientação do espaço ou edifício bastante importante.

“Ao amanhecer, a luz de alvorecida tem baixa intensidade e uma suavidade da cor e o ângulo dos raios luminosos acentuam a textura e o volume das formas. Pelo meio-dia, o sol encontra-se no zénite e a luz é tão forte que cria um intenso contraste ‘luz-sombra’ e como que desmaia as cores das superfícies. Ao fim da tarde, a predominância das ondas de comprimento longo cria um calor rosa avermelhado nas superfícies que atingem.”

(Muga, 2006, p.190)

Como se pode ver, a luz natural aqui referida, constitui um importante factor construtivo do espaço arquitectónico que determina a sua identidade, pois influencia as superfícies, as formas, revelando texturas, e assumindo uma materialidade, força, peso, temperatura, quase como se tivesse as suas próprias características de pele. Pode-se assim dizer que é uma luz que se sente como matéria, como uma substância que, quando percebida como tal, intensifica o impacto emotivo nas pessoas, provocando sensações distintas, induzindo aproximações ou afastamentos, estimulando ou causando monotonia, conforto ou desconforto. Em suma, trata-se do objecto luz que afecta profundamente a arquitectura, as cidades, todo e qualquer tipo de espaço, e ainda principalmente o nosso estado de espírito.

“El espíritu perceptivo y la fuerza metafísica de la arquitectura se guían por la cualidad de la luz y de la sombra conformada por los sólidos y los vacíos, por el grado de opacidad, transparencia o translucidez. En esencia, la luz natural, con su variedad de cambio etérea, orchestra la intensidad de la arquitectura y de las ciudades.”

(Holl, 2011, p.22)

Cor e brilho da luz natural podem criar uma determinada atmosfera dentro de um espaço. Desta forma, a natureza das aberturas e dos vazios, a sua localização, tamanho e orientação assumem um papel fundamental. A localização permite diferenciar se a luz é vertical, horizontal ou diagonal. O tamanho determina a quantidade de luz que entra no espaço. A orientação influencia a qualidade de luz, isto é, se é directa/sólida ou difusa. A tudo isto é importante ainda considerar os materiais utilizados e a estrutura dos planos de parede ou cobertura.

“Existem muitos tipos de luz (...). Segundo a sua direcção, luz horizontal, luz vertical e luz diagonal. Segundo a sua qualidade, luz sólida e luz difusa.”

(Baeza, 2004, p.18)

Uma luz directa/sólida produz um alto nível de iluminação criando padrões de luz e sombra bem definidos. Mais vibrante e intensa assume um efeito revitalizante. “Bright Light (...) have been shown to have restorative effects on cell and rhythm function in humans” (Brawley, 2006, p.45). Porém, pode provocar encandeamento e um calor excessivo. Já uma luz difusa, embora menos intensa, permanece razoavelmente constante equilibrando o nível de luz conferindo serenidade ao espaço.

Um outro aspecto importante inerente à luz é a sombra que ela própria cria. As duas juntas, articulam espaços em subespaços e lugares, e a sua interação confere ao espaço ritmo, sentido de escala, profundidade, intimidade e tridimensionalidade. Pode dizer-se que uma complementa a outra.

“Light and its accompanying shadow give volumes, spaces and surfaces their character and expressive power, and they reveal shapes, weight, hardness, texture, moistness, smoothness, and temperature of materials.”

(Pallasmaa, 2011a, p.24)

Esta relação luz-sombra permite um equilíbrio claro-escuro, pois as sombras contrariam a agudeza da visão. Permite ainda criar hierarquias, referências, pontos e focos de importância, direccionando os fluxos e os movimentos das pessoas.

Simultaneamente, verifica-se uma valorização da própria luz, adquirindo esta um maior poder emotivo e simbólico que por si só a luz já tem. “An evenly lit, shadowless space has a nauseating and alienating effect” (Pallasmaa, 2011a, p.27).

Tal como a sombra, a experiência da cor está também inerente à luz, pois “(...) varían según la luz disponible y la yuxtaposición de las condiciones opuestas de transparencia y opacidad (...)” (Holl, 2011, p.19). A sua importância resulta não só no facto de ser um elemento participante na percepção do espaço mas também por ser um estímulo a esta mesma percepção. Porém, se não apresentar um equilíbrio, critério na escolha e controlo na sua utilização pode suscitar o efeito contrário nos utilizadores do espaço, principalmente nos com dificuldades visuais (Goldsmith, 1997).

Apresenta diferentes e variadas funcionalidades que organizam a actividade humana. Assim, indica percursos; realça um edifício ou espaço, ou pelo contrário atenua o seu impacto negativo, ou ainda inscreve-o numa continuidade; acentua formas ou outros elementos arquitectónicos; regula o volume e a temperatura de um dado espaço; enfatiza o que está em dois níveis diferentes e caracteriza diferentes espaços. Como refere Holl (2011), os espaços veem-se através da cor, pois é ela que os define.

Em todas estas funcionalidades, deve-se ter em conta o contraste, para que a percepção do espaço seja facilitada por parte das pessoas com deficiência visual. Assim, grandes superfícies como paredes e pavimentos deverão distinguir-se através de uma diferenciação cromática (Goldsmith, 1997; Simões et al., 2009; Bins Ely e Dorneles, 2006). Pensando ainda nestas pessoas com enfraquecimento ou perda de visão total, “(...) coloured substance that turns light and colour into a haptic sensation” (Pallasmaa, 2011a, p.26), faz com que seja activada na nossa pele a capacidade, normalmente suprimida, de sentir e identificar a luz e a cor, mesmo que não estejamos conscientes disso.

Por tudo isto, a cor assume também um papel fundamental e pode ser reveladora das diferentes atitudes por parte do arquitecto.

## **Audição**

Tal como a visão, e pertencendo igualmente a uma esfera mais pública, a audição ajuda-nos a manter o contacto com o ambiente. Embora menos exacta do que a visão, a audição ajuda-nos quer como complemento à mesma, quer especialmente nas situações em que não conseguimos ver. Denota-se aqui a importância do som para os invisuais na percepção do espaço, pois este assume-se como referência que ajuda na orientação e deslocação pelo mesmo.

“(…) os gradientes de intensidade e frequência do som fornecem índices quer da direcção, quer da distância da fonte sonora e, conseqüentemente, da profundidade espacial (…)”

(Muga, 2006, p. 63)

Além desta percepção do espaço, a audição é ainda fundamental na interacção social, pois habilita-nos a conversar e a estabelecer um diálogo com os outros (nos casos dos deficientes auditivos isto é complementado e garantido através de outros sentidos). Esta possibilidade de trocas de experiências é essencial na formação e bem estar de cada individuo, pois não vivemos isolados, mas inseridos num contexto que nos emite permanente e constantemente informação (Gehl, 2010).

Tudo isto faz com que seja muito importante controlar o som num dado espaço arquitectónico. Desta forma, é necessário ter presente que a forma e superfície dos materiais estão intimamente relacionadas com o som que cada espaço emite.

“Cada espaço funciona como um instrumento grande, colecciona, amplia e transmite os sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos materiais e com a maneira como estão fixos.”

(Zumthor, 2006a, p. 29)

Este som emitido faz de um local com superfícies duras e rígidas (mármore polido, mosaico sobre paredes maciças, entre outros) um local reverberante que reflecte quase todo o som que recebe. Contrariamente, e no extremo oposto, um local com superfícies absorventes (cortiça, borracha, entre outros) que absorvem o som designa-se por local surdo. É importante referir que neste último, a redução da intensidade do som também pode ser conseguida através da colocação de material vegetal.

Claro está que tal facto depende da quantidade e qualidade desse mesmo material vegetal, mas mesmo assim constitui-se como um importante elemento ao dispor do arquitecto.

Para além desta capacidade de redução da intensidade do som, os elementos vegetais são também responsáveis pela criação de um ambiente característico. Se forem adequadamente escolhidos e utilizados, podem assumir-se como um instrumento bastante expressivo de transmissão de sentimentos, emoções e significados.

Um outro tipo de som, que constitui outra importante dimensão da experiência auditiva, é o criado pelo nosso próprio deslocamento. Este tipo de som varia consoante o tipo de pavimentação, conferindo experiências diferentes do espaço. Desta forma, pode ser um auxílio para os invisuais, pois a diferenciação do som pode orientar percursos e indicar zonas de passagem e/ou permanência.

Quando falamos em som, associamos quase sempre a uma determinada intensidade que ouvimos. No entanto, também podemos ouvir o silêncio.

“O som é indissociável do silêncio. O silêncio pode ser percebido como o fundo sobre o qual se projecta o som, mas também pode funcionar como a figura.”

(Muga, 2006, p. 53)

O silêncio pode ser entendido como a tela branca onde o som vai ser pintado, porém, é na capacidade que o silêncio tem de se assumir como tela final que reside o seu interesse.

Esta dinâmica entre som e silêncio pode ser bastante importante para caracterizar, definir ou até enformar um determinado espaço, dotá-lo de sentimento e emoção. Esta distinção é possível, sendo até realçada, devido ao contraste que se verifica entre ambos.

A grande questão é saber manipular estes dois extremos, juntamente com os materiais e formas que os caracterizam, para assim se conseguir projectar um ambiente ou espaço de características tais que o som, ou ausência deste, se reflecta da forma desejada.

## **Olfacto**

Tal como a luz e o som, o odor condiciona fortemente as vivências de um determinado lugar, permitindo uma ligação mais directa com o mesmo, pois em cada inspiração, partículas microscópicas estimulam os nossos sentidos dando informações sobre o mundo externo que nos envolve.

Apesar dos odores só serem reconhecidos em curtos e limitados alcances, estes têm o poder de se tornarem pontos de referência de um determinado espaço, dotando-o de um aroma característico que permite a sua identificação e distinção (Gehl, 2010). Este facto é especialmente interessante e útil se

pensarmos na mobilidade e interação do indivíduo invisual, já que a demarcação de um determinado aroma pode permitir a sua localização e orientação pelo espaço.

O olfacto tem ainda uma forte ligação fisiológica com o paladar e uma grande influência ao nível das emoções e do desejo, pois é “(...) o mais evocativo de todos os sentidos: tem o dom de evocar recordações muito mais profundas do que as imagens e os sons (...)” (Muga, 2006, p. 54), transportando-nos para um momento ou memória já vivida e experienciada.

Relativamente aos elementos que conferem os odores que estimulam a nossa mente, pode-se dizer que tudo o que existe à nossa volta tem um aroma característico. O que acontece é que a maioria dos mesmos nos passam despercebidos pois outros estímulos, predominantemente visuais ou auditivos, são mais intensos e cativam a nossa percepção.

Estes aromas que nos envolvem e dotam os locais de cheiros característicos são provenientes da natureza dos materiais utilizados nos espaços (materiais vegetais inclusive), e até das actividades desenvolvidas nesses mesmos espaços, constituindo, no limite, o conjunto de cheiros próprios da acção humana.

“(...) as paredes de pedra (...) libertam um odor rico em minerais que nos acompanha e enche de uma frescura retemperante. O cheiro a madeira (...) acelera a respiração. Os cheiros da actividade humana criam impressão de vida e acrescentam intensidade à vida quotidiana, embora, muitas vezes, constituam uma fonte de stresse.”

(Muga, 2006, p. 54)

A conjugação de todos os aromas é também bastante importante. Não se pode pensar cada aroma isoladamente quando se projecta um dado espaço. Tem que se pensar como todos, e as suas diferentes intensidades, vão interagir simultaneamente e constituir o ambiente final. Se assim não for, os espaços podem despertar em nós sentimentos de desgosto e de enjoo, perdendo igualmente a possibilidade de identificação, localização e posterior orientação por parte dos indivíduos. Tem em nós um efeito alienante.

## **Tacto**

Juntamente com o olfacto, o tacto é o sentido que nos liga mais directamente ao mundo exterior, isto é, que evoca fortemente em nós uma memória, lembrança ou experiência passada, tendo por isso maior impacto emotivo. Desta forma, o tacto permite-nos manter uma relação mais imediata, pessoal, íntima e acolhedora com o mundo exterior, com o espaço arquitectónico, já que não há

separação entre os objectos e sim um permanente contacto. Como afirma Holl (2011, p.34), “ el reino háptico de la arquitectura viene definido por el sentido del tacto”.

“O tacto é o sentido mais primitivo da realidade e o que, à semelhança do olfacto, nos liga mais directamente ao ambiente; o sentido do tacto é também denominado de percepção háptica.”

(Muga, 2006, p.56)

Evoca ainda lembranças ou experiências passadas, pois liga-nos com o tempo e com a tradição, isto é, tocando e sentindo os objectos conseguimos nos aperceber da sua evolução ao longo dos anos e dos costumes e gestos inerentes a esse toque. Por exemplo, quando abrimos uma porta utilizando uma maçaneta antiga, vemos nela um enorme brilho provocado pelo uso, e sentimos a sua textura extremamente lisa, que são provocadas pela quantidade de gestos repetitivos que sofreu ao longo dos anos (Pallasmaa, 2005).

Para permitir todas estas experiências tácteis, o corpo e a pele são especialmente sensíveis à textura e temperatura dos objectos, materiais ou ambientes. “ The skin reads the texture, weight, density and temperature of matter” (Pallasmaa, 2005, p.56).

A textura tem um papel bastante importante pois não só confere diferentes experimentações do espaço, mas também constitui-se como uma característica interveniente na mobilidade dos indivíduos, principalmente ao nível da pavimentação. “(...) fornece-nos a escala do espaço, que é a base da percepção distância-tamanho e da constância perceptiva (...)” (Muga, 2006, p.62). Desta forma, não basta considerar unicamente o aspecto estético, que é sem dúvida importante pois condiciona o nosso sentido afectivo pelo espaço, mas é necessário também ter em conta a cor e o padrão da textura, pois vão afectar a visibilidade, o ruído, a mobilidade, equilíbrio e o conforto da superfície em causa. Este facto torna-se especialmente importante na mobilidade de pessoas idosas ou de mobilidade condicionada, fazendo com que estas se sintam seguras e confiantes para facilmente se movimentarem pelo espaço.

“Flooring must promote mobility. Reducing the hazard of falling is especially importante in all older adult serrings. Residents must feel that they can move about with confidence and ease, especially those using canes, walkers, and whellchairs. The proper flooring can enhance safety and comfort, minimizing the risk of falls.”

(Brawley, 2006, p. 131)

A textura é ainda importante, não só quando é sentida, mas também quando é vista, isto é, mesmo quando é à vista que se oferece, a recordação das nossas experiências tácteis permite-nos sentir a textura como se estivesse a ser apreciada pelo tacto. Esta dupla vertente constitui também um factor importante e a considerar na mobilidade e deslocamento dos indivíduos.

No que diz respeito à temperatura, esta é uma das dimensões mais variáveis do ambiente, e com importantes efeitos psicológicos e emocionais. “Quer dizer que esta temperatura é física e provavelmente também psíquica. O que vejo, o que sinto, o que toco... mesmo com os pés” (Zumthor, 2006a, p.35). Denota-se uma íntima relação entre temperatura e emoção.

As diferenças de temperatura das superfícies ou dos ambientes, para além de influenciarem as nossas emoções, influenciam também a identificação, localização e posterior mobilidade pelo espaço. Assim, a temperatura está intimamente interligada com o modo como vivemos, experienciamos e nos orientamos em cada espaço.

Por fim, é necessário abordar uma outra vertente da *tactility*<sup>28</sup>. Todas as experiências sensoriais são fundamentalmente experiências de tacto: tocamos com os nossos olhos, orelhas, nariz e língua tanto como com a nossa pele.

“All the senses, including vision, are extensions of the tactile sense; the senses are specializations of skin tissue, and all sensory experiences are modes of touching, and thus related to tactility.”

(Pallasmaa, 2009a, p. 100)

Neste caso, não se trata propriamente de tocar exactamente, mas sim um tocar com os nossos sentidos, um sentir e experienciar do mundo em que vivemos, da mesma forma que ele próprio nos toca a nós, transmitindo-nos quase que o seu estado de espírito.

Considerando também esta última vertente, a experiência arquitectónica pode se demarcar assumindo um papel bastante importante na compreensão do espaço, pois esta tem o poder de trazer o mundo “into a most intimate contact with the body” (Pallasmaa, 2005, p. 60) e com a mente, dotando o mesmo espaço de um sentido e significado quase místico.

## **Cinestesia**

De forma a ter uma percepção mais rica, diversificada e completa do espaço, é necessário os indivíduos moverem-se pelo espaço, olhar à sua volta e manipular os objectos que nele se encontram (Muga, 2006, p. 58).

---

<sup>28</sup> “tacticidade” (Pallasmaa, 2009a).

Isto envolve três tipos de movimentos: virar a cabeça, movimento dos membros e locomoção. Todos estes movimentos distintos mas complementares são como o pano de fundo que permite a actuação dos restantes sentidos, ou seja, estes gestos que controlamos e orientamos acompanham a informação que nos chega acerca da atmosfera envolvente.

Por outro lado, os receptores sensoriais dão também informação acerca do equilíbrio do corpo e do movimento que realizamos. Por exemplo, quando corremos e sentimos uma leve brisa que toca a nossa pele, temos a consciência que estamos a mover-nos.

Pode-se dizer que a este movimento/deslocação está inerente um processo temporal, por isso, a imagem do espaço que vamos criar na nossa mente, resulta de um processo estruturado do tempo e da sensibilidade.

Sendo inseparáveis, todos os sentidos, movimento e equilíbrio do corpo preenchem uma função importante na percepção do espaço, já que é fundamental a intervenção de toda a corporalidade humana na exploração de um determinado espaço (Pallasmaa, 2007).

Um outro aspecto muito importante, e que em termos arquitectónicos assume maior peso, é que estes movimentos podem ser manipulados com o intuito de proporcionar uma determinada percepção, emoção e consequentemente reacção ao espaço. As características do espaço (dimensões, enfiamentos, ocupação, entre outros) que percorremos, olhamos e vivenciamos, tem o poder de tocar nos nossos sentimentos influenciando-nos psicologicamente.

“A building is encountered; it is approached, confronted, related to one’s body, moved through, utilised as a condition for other things. Architecture initiates, directs and organizes behaviour and movement. A building is not an end in itself; it frames, articulates, structures, gives significance, relates, separates and unites, facilitates and prohibits. (...) Authentic architectural experiences consist then, for instance, of approaching or confronting a building, (...) of the act of entering (...), of looking in or out (...), or of occupying the sphere of warmth (...). Architectural space is lived space rather than physical space, and lived space always transcends geometry and measurability.”

(Pallasmaa, 2009a, p.63)

Aproximar, confrontar, relacionar, articular, estruturar, dar significado; ou questões como unificar ou separar, integrar ou segregar, convidar ou repelir; são conceitos e dúvidas que um arquitecto, enquanto construtor do espaço, de ambientes e de atmosferas, deve ponderar coerentemente no acto de projectar um espaço que essencialmente seja vivido.

## Memória e representação

Todo o ser humano tem inerente a ele próprio uma grande capacidade de memorização e imaginação, mesmo que por vezes não se aperceba disso. Inconscientemente, a percepção, a memória e a imaginação estão em constante interacção.

“We have an innate capacity for remembering and imagining places. Perception, memory and imagination are in constant interaction; the domain of presence fuses into images of memory and fantasy.”

(Pallasmaa, 2005, p.67)

Porém, dada a grande quantidade de estímulos que o ambiente envolvente emite, o nosso cérebro tem a necessidade de abstrair, sintetizar e registar determinadas características sob a forma de imagens e conceitos. Estes elementos registados estão associados a objectos ou factos reais que, uma vez registados, serão reactivados em posteriores experiências, funcionando como intermediários simplificadores entre o mundo percebido e o mundo conhecido. Isto é imaginar.

“Imaginar significa recordar aquilo que a memória escreveu dentro de nós e pô-la em confronto com as exigências e as condições; mas também elevar as exigências e as condições ao nível da sua real complexidade, e por fim restituí-las na simplicidade (...)”

(Siza, 1998, p.10)

Estes processos cognitivos estabelecem o significado da memória, que é “(...) uma estrutura mental que tem a função de registar e recuperar a informação” (Muga, 2006, p. 83).

Dados estes factos, não seria possível ver, ouvir ou pensar sem a memória ou, melhor, até seria, mas não teria qualquer significado. Por outro lado, também não conseguiríamos materializar a memória sem a ajuda do nosso corpo, dos diferentes sentidos que através dele são captados. Não seria possível imaginar como uma mente, separada da corporalidade humana, poderia conceber ou até experienciar arquitectura. Como é referido por Pallasmaa mencionando o filósofo Edward S. Casey:

“Body memory is (...) the natural center of any sensitive account of remembering. (...) There is no memory without body memory (...). In claiming this I do not mean to say that whenever we remember, we are in fact directly engaging in body memory. (...) Rather, I am saying that we could not remember (...) without having the capacity for body memory.”

(Pallasmaa, 2009a, p. 117)

A memória tem também um significativo impacto emotivo, ou seja, tem também uma função psicológica e social. As imagens e conceitos que são registados nela, possibilitam, depois de sofrerem a acção do pensamento, a resolução de problemas e a comunicação relativamente ao ambiente físico, fornecendo ainda as bases para o desenvolvimento da identidade pessoal e social.

Denota-se aqui a existência de vários tipos de espaços intervenientes. O espaço físico que corresponde ao ambiente físico propriamente dito, definido numa perspectiva cartesiana pelo sistema de coordenadas sem qualquer determinação qualitativa. O espaço perceptivo que constitui a base das imagens e conceitos registados, remetendo para a experiência relativa à utilização do espaço físico e para a orientação imediata no ambiente. O espaço cognitivo que traduz a representação mental em esquemas de classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo em imagens do ambiente que experienciamos directa (experiência pessoal) e indirectamente (opinião pública generalizada). É importante ainda referir que estas imagens representadas são sempre pessoais e plurais, diferem de indivíduo para indivíduo, de grupo social para grupo social, portanto são subjectivas (Gomes, 2008; Muga, 2006; Peixoto, 2000).

### **Mapa cognitivo e cidade legível**

A natureza deste último espaço é traduzida pelo conceito de mapa cognitivo ou mapa mental, que tem como funções capacitar os indivíduos para resolver problemas espaciais no seu ambiente físico diário, e também fornecer a base para a comunicação entre esses indivíduos relativamente ao ambiente físico, como por exemplo quando se pretende explicar um determinado percurso.

Esta última vertente comunicativa dos mapas mentais, pode ser deficiente em meios urbanos que não têm uma imagem suficientemente clara, o que torna fundamental desenhar uma cidade altamente legível, isto é, dotá-la de imaginabilidade<sup>29</sup>. Como diz Lynch (1990), a cidade, os seus edifícios e as suas partes devem ser construídas de maneira a ficarem retidas na memória e serem facilmente reconhecidas e representadas como um padrão único de elementos espaciais. Estes elementos estruturantes dos mapas cognitivos são as vias, os limites, os bairros, os cruzamentos e os pontos de referência.

As vias são os elementos predominantes na imagem de uma cidade, pois as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e todos os outros elementos se organizam e relacionam em torno delas. Estes *trajetos*, como são designados por Magnani (2002), estabelecem fluxos e ligam equipamentos, pontos, manchas, complementares ou alternativos. Ao terem características de desenho

---

<sup>29</sup> “(...) qualidade de um objecto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. É essa forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente” (Lynch, 1990, p.20).

únicas e distinguíveis, ao estabelecerem entre elas uma hierarquia visual e funcional, as vias distinguem-se umas das outras, transformando-se num elemento de orientação que pode igualmente ser lido como um ponto de referência.

“(…) hierarquia visual de ruas e caminhos, análoga à recomendação familiar de uma hierarquia funcional: uma distinção sensorial dos canais mais significativos e a sua unificação como elementos perceptuais contínuos. Este é o esqueleto da imagem da cidade.”

(Lynch, 1990, p.108)

Os limites são elementos lineares não usados nem considerados como vias, sendo por isso referências secundárias. Como vimos nos capítulos anteriores, e mesmo no caso de limites diluídos ou gradientes, estabelecem sempre fronteiras, interrupções de continuidade entre duas partes. Apesar disso, funcionam como elementos organizadores pois no fundo ligam essas duas partes.

Os bairros são regiões urbanas com dimensões de ordem física, configurando um território claramente demarcado, e de ordem social, em que o indivíduo se dirige (física ou até mentalmente) em busca dos seus iguais que compartilham os mesmos códigos, que reconhecem como tendo algo de comum e de identificável. Como diz Magnani (2002), é um *pedaço* de cidade que evoca a permanência de laços de família, vizinhança e origem. Na essência, é um ponto de referência para distinguir um determinado grupo de indivíduos que pertencem a uma mesma rede de relações.

Os cruzamentos ou nós, como refere Muga (2006), são espaços de intersecção e pontos de polarização, isto é, locais estratégicos de uma cidade, para os quais e dos quais os indivíduos se deslocam. Traduzem-se numa convergência de vias (carácter físico) mas também em concentrações de pessoas num centro que condensa alguns hábitos. Um exemplo destes centros são as praças, que se assumem como espaços geralmente delimitados por edifícios, lugares de estar, de intercâmbio, que representam as próprias comunidades que as vivem (Bundó e Ventós, 2000).

“O conceito de cruzamento está relacionado com o de via, pois os cruzamentos são típicas convergências de vias, factos do percurso. Estão, semelhantemente, ligados ao conceito de bairro, devido ao seu carácter de núcleo, que, por sua vez, é o foco intensivo, o centro polarizador do bairro.”

(Lynch, 1990, p.59)

Por fim, os pontos de referência são pontos com elevada legibilidade e visibilidade tanto a grandes como pequenas distâncias. Normalmente, são objectos físicos claramente distintos e

contrastantes em relação à sua envolvimento. Caracterizam-se também pelo seu provável significado simbólico.

Estes elementos urbanos não existem isoladamente. Antes pelo contrário, interligam-se e sobrepõe-se. “Os bairros contêm cruzamentos na sua estrutura, são demarcados por limites, cruzados por vias e salpicados por elementos marcantes” (Lynch, 1990, p.60).

Um outro aspecto a salientar, e como já foi explicado para o modelo da paisagem mancha-corredor-matriz, é a dependência do tipo de elemento em relação à escala que se está a analisar e às circunstâncias do observador.

Não obstante este facto, todos os elementos devem possuir certas qualidades para serem legíveis, imagináveis e lembrados, para fazerem parte da *figured city* (Boyer, 1996). Singularidade, simplicidade, continuidade, dominância, clareza de articulação, diferenciação direccional, alcance visual, conhecimento do movimento, sequências temporais e nomes/significados, todos em conjunto apresentam-se como fundamentais para a referida imaginabilidade (Lynch, 1990). Um espaço altamente imaginável parecerá muito bem formado, distinto e notável, convidando a uma maior atenção e participação por parte dos seus utilizadores.

Se assim for, é possível a leitura do espaço, do ambiente ou atmosfera, por parte de todos os indivíduos, independentemente das suas características físicas ou mentais, pois permite um sentido de segurança e confiança efectiva e também emocional. Esta segurança emocional por sua vez, denota uma função organizativa das nossas memórias, crenças, sentimentos e fantasias de acordo com os nossos mapas mentais.

### **Espaço existencial e espaço arquitectónico**

Além do conceito de mapa mental, o espaço cognitivo também se traduz no conceito de espaço existencial como imagem cognitiva que formamos acerca do ambiente em que vivemos. Este, por sua vez, concretiza-se no espaço arquitectónico, um espaço expressivo, artístico e estético, não apenas visto e observado mas que é entrado, confrontado, encontrado e utilizado para fins específicos (Pallasmaa, 2011c).

“Enquanto que o espaço perceptivo se relaciona com uma orientação imediata, varia continuamente e é egocêntrico, o espaço existencial integra o espaço perceptivo numa totalidade social e cultural, sendo invariável e sociocêntrico. Concretizar o espaço existencial do Homem é a grande missão do espaço arquitectónico.”

(Muga, 2006, p.86)

Como é referido por Muga (2006, p.87) citando Norberg-Schulz, o espaço existencial apresenta três propriedades elementares, centro e lugar, direcção e trajecto, e área e domínio, que se apresentam intimamente relacionadas com os anteriormente referidos elementos estruturantes dos mapas cognitivos.

Relativamente à noção de centro e lugar, este significa uma organização geral do ambiente, na qual o espaço está subjectivamente centrado no próprio indivíduo, num grupo de indivíduos ou num dado lugar. São lugares de acção, lugares onde ocorrem acontecimentos significativos da nossa vida, pontos de chegada e de partida, a partir dos quais nos orientamos e apropriamos do ambiente. São pontos de referência no espaço físico, psicológico e/ou social, no caso de distinguirem um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma rede de relações (bairro).

No que diz respeito à direcção e trajecto, qualquer lugar contém direcções verticais e horizontais e trajectos variados.

“Se a direcção vertical é a dimensão sagrada do espaço e expressa a capacidade do Homem para conquistar o mundo e muitos processos de edificação, a direcção horizontal representa o mundo concreto de acção do Homem.”

(Muga, 2006, p. 89)

Para além de representar o mundo palpável de acção do ser humano, é na direcção horizontal que o indivíduo escolhe e cria trajectos, estruturando o seu espaço existencial. Estes trajectos são caracterizados pela continuidade, pela tensão entre o ponto de partida e de chegada, pelo percorrer das vias e cruzamentos em direcção a um objectivo.

Por fim, relativamente à área e domínio, pode-se dizer que as áreas surgem da divisão do espaço devido aos trajectos, originando os domínios. Estes, por sua vez, são pouco estruturados, nos quais os lugares e os percursos assumem-se como elementos mais pronunciados. Apesar de pouco estruturados, são delimitados por limites que unificam e organizam o espaço existencial, podendo ser definidos por fortes elementos/factores naturais, por determinadas actividades humanas e pelas condições socioeconómicas de zonas da cidade.

É importante referir que todos estes elementos podem e devem combinar-se mútua e diferenciadamente. O que é necessário é que haja coerência, para que o desenvolvimento de um espaço existencial constitua realmente uma peça fundamental na orientação do indivíduo, e para que, sendo públicas as suas propriedades básicas, se consiga uma integração social.

“Quando a nossa localização imediata coincide com o centro do nosso espaço existencial, sentimo-nos em casa; de contrário, estamos no nosso caminho ou estamos perdidos.”

(Muga, 2006, p. 97)

Consiga-se uma integração tendo em conta o *genius loci*<sup>30</sup> do lugar, pois a perda do sentido de lugar causa alienação e a perda de significados. O lugar estabelece quase que uma relação de amizade com o indivíduo, uma relação colectiva na sua implementação e histórica nos seus conteúdos, hierarquizando a totalidade com as partes (Lynch, 1990; Norberg-Schulz, 2000).

O propósito da arquitectura é o de participar na criação do lugar, revelando a experiência do viver e o carácter do ser humano. Isto leva a que todos os níveis dos espaços arquitectónicos tenham a sua identidade bem definida: “(...) paisagem – continuidade; urbano – concentração e densidade; casa – isolamento e privacidade” (Muga, 2006, p.97).

Já o propósito do arquitecto deve ser o de um artesão na criação deste lugar para que ocupe uma posição de destaque na mente de todos e de cada um sem excepção, encontrando um ponto de apoio existencial e concretizando as necessidades, imagens e sonhos dos indivíduos.

“The memory re-evokes the delightful city with all its sounds and smells and variations of light and shade. I can even choose whether to walk on the sunny side or the shaded side of the street in the pleasurable city of my remembrance.”

(Pallasmaa, 2005, p. 70)

Posição de destaque na mente de todos e de cada um, significa um grande impacto prazeroso no nosso íntimo, na nossa memória, possibilitando tirar igual partido da experiência espacial independentemente da personalidade, interesses, características físicas e até do percurso de vida de cada um. Como é referido por Pallasmaa na citação anterior, é poder escolher para onde e por onde se vai desfrutando plenamente dessa escolha.

## **Afectividade**

São estes tipos de pensamentos, que provocam em nós uma afectividade, um sentimento e gosto estético pelo espaço, que se pretende positivo, que se deve proporcionar no espaço arquitectónico.

---

<sup>30</sup> Espírito do lugar. “The *genius loci* is the chromosome that allows the making present of identity in the process of design” (Norberg-Schulz, 2000, p.346).

As percepções e as memórias não são neutras. Estão sempre acompanhadas de uma afectividade significativa. Já que interagimos com o ambiente envolvente, nada nos é indiferente, tudo tem em nós um determinado efeito, uma determinada emoção, que nos permite através do pensamento compreender o significado desse mesmo ambiente.

“Esta dimensão afectiva é indissociável do prazer e gosto estético inerente à experiência do ambiente físico, nomeadamente do arquitectónico; por outro lado, a emoção estética é influenciada por processos do pensamento, que nos permitem compreender o significado da arquitectura.”

(Muga, 2006, p. 99)

O afecto assume-se como uma designação mais genérica, sendo que engloba mais especificamente avaliações, preferências, estados de espírito e emoções.

Preferências e estados de espírito resultam ambos de uma avaliação. A diferença consiste na determinação ou indeterminação, respectivamente, de um objecto específico. Por sua vez, as emoções, referem-se a objectos muito determinados, englobando um conjunto de avaliações e reacções corporais características. São ainda mais complexas e com uma duração mais precisa do que uma reacção afectiva ou estado de espírito.

Como se pode constatar, todos os processos decorrem anteriormente de uma avaliação. Esta, vai ter um valor positivo ou negativo, dependendo do grau e da forma como o ambiente satisfaz as nossas motivações e necessidades.

Geralmente, assumem um valor positivo quando nos identificamos com o lugar e quando reconhecemos nele uma sensação de pertencimento (não só de que pertencemos ao lugar mas que esse lugar nos pertence) (Costa, 1999; Gomes, 2007; Pesavento, 2007). Assim, existe um equilíbrio entre a satisfação das necessidades físicas, psicológicas e sociais, e as condicionantes da realidade, assemelhando-se a um equilíbrio entre prazer desejado e prazer permitido.

Desta forma, a arquitectura tem que considerar na sua actuação, tanto as condicionantes do lugar, como as necessidades dos indivíduos que o vão viver. Necessidades fisiológicas básicas, necessidades de segurança física e psicológica, necessidades sociais de conviver, dar e receber afecto, necessidades de reconhecimento e respeito, necessidades de saber, conhecer-se e compreender o mundo envolvente, necessidades estéticas e, por fim, necessidades de auto-realização, constituem-se como premissas básicas a ter em conta pelo arquitecto, na criação de um dado espaço, ambiente ou atmosfera. A sua avaliação varia consoante o tipo de espaço criado e os estímulos que ele nos emite.

“Num estudo sobre as características que fazem um espaço urbano, esteticamente atractivo, foram identificados quatro grupos de elementos: a variação das formas, das cores e do tamanho; a irregularidade e a riqueza do detalhe; a luminosidade do lugar; o carácter aberto do espaço e a distribuição dos edifícios.”

(Muga, 2006, p. 102)

Em suma, criar uma forma convidativa para que provoque empatia, e tenha um sentido de hospitalidade, quase que antecipando os desejos e necessidades dos indivíduos, convidando-os a penetrar pelo espaço ou edifício. Em termos reais, a qualidade deste convite depende da posição relativa do espaço ou edifício, do grau de abertura, da permeabilidade e da natureza da entrada, do modo como ele se anuncia.

Este grau de abertura, isto é, o carácter aberto – fechado, revela a tridimensionalidade do volume arquitectónico, sugerindo que para além das paredes, existe um oco penetrável e percorrível, que torna o edifício ou espaço visível em espaço vivido. O espaço vivido é sempre uma combinação entre espaço externo e espaço mental interior ao indivíduo, que ao ser experienciado funde a memória e o sonho, o medo e o desejo, o valor e o significado, com o espaço físico e real, integrando a vida dos sujeitos neste último (Pallasmaa, 2011d).

Pode-se relacionar este grau de abertura com dois tipos de atitudes ou estratégias opostas. Um espaço com carácter mais fechado, denota uma atitude estrutural “ (...) na qual o indivíduo vê o ambiente como completamente separado dele próprio (...)” (Muga, 2006, p. 108). Um espaço com carácter mais aberto, fluído e transparente, denota, por sua vez, uma atitude experimental, “(...) na qual o sujeito interage com o ambiente, vendo-o a ele próprio como uma parte e envolvido no ambiente” (Muga, 2006, p.108). Esta última atitude tende a ser menos aborrecida do que a primeira, já que há uma maior intervenção dos indivíduos no ambiente.

### **Pensamento e gosto estético**

Apreciar, escolher e discernir envolvem sempre processos de pensamento, sejam eles conscientes ou inconscientes, os quais dependem de igual forma da experiência, da memória e da imaginação.

“Experience, memory and imagination are qualitatively equal in our consciousness; we may be equally moved by something evoked by our memory or imagination as by an actual experience.”

(Pallasmaa, 2009a, p. 132)

Estes processos de pensamento, constituem-se como actividades específicas da inteligência que visam “(...) o conhecimento, a compreensão e a resolução de problemas, permitindo-nos obter informações não veiculadas pelos receptores sensoriais, nem disponíveis na memória” (Muga, 2006, p.109).

Enquanto forma de aceder ao conhecimento, o pensamento diferencia-se da intuição. O pensamento apoia-se no tempo para se desenvolver, precisando de provas e explicações tangíveis oriundas da experiência. Contrariamente, a intuição vai directa ao objecto sem a ajuda da experiência, da experimentação ou do pensamento analítico. Ela apresenta-nos, subitamente, como um dado adquirido, sem que sejamos capazes de compreender a razão da sua constituição.

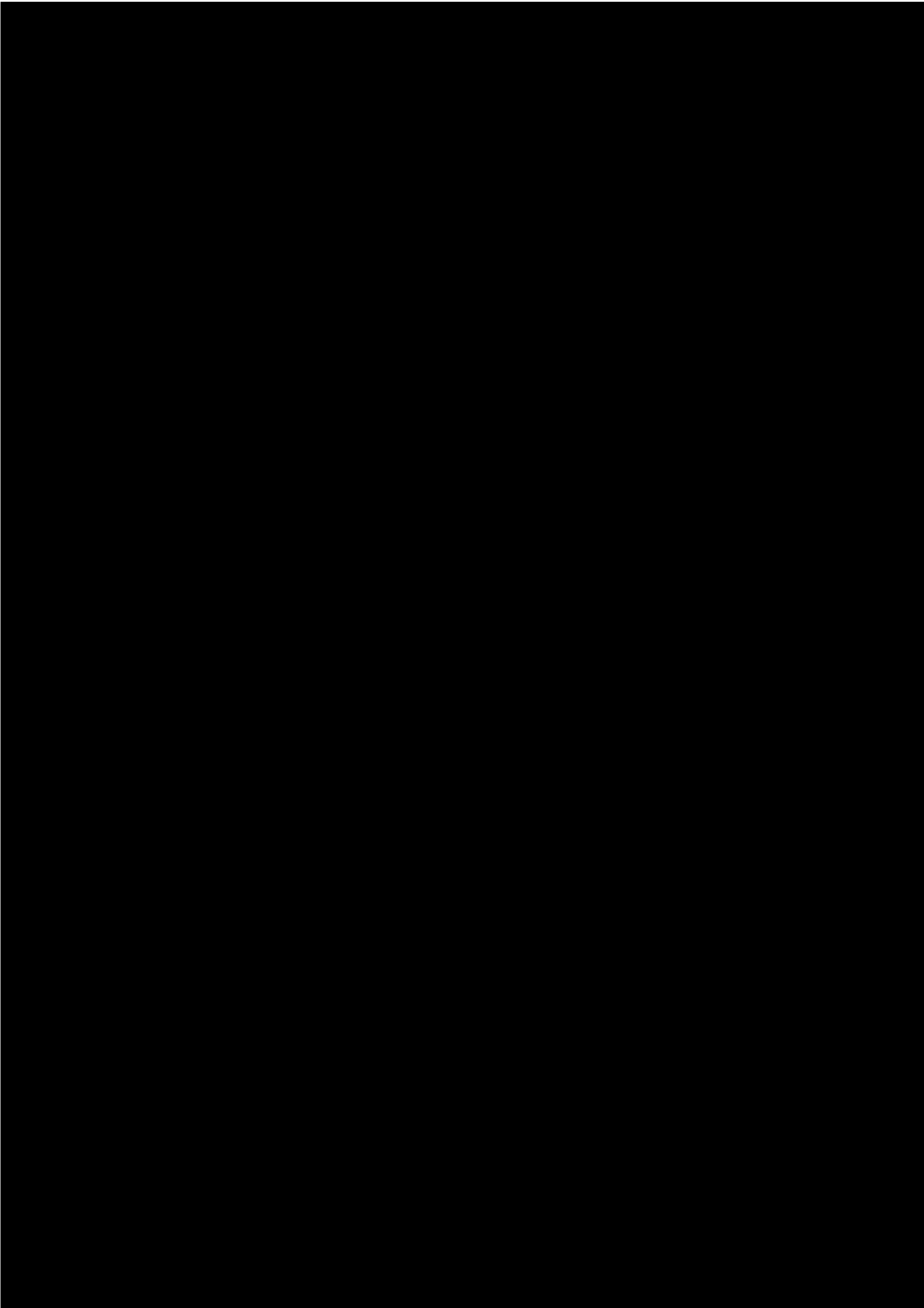
Estas duas formas de aceder ao conhecimento do espaço, diferenciam-se ainda na experiência da arquitectura e no prazer que ela proporciona. A experiência da arquitectura depende e é afectada por processos de pensamento, já que o prazer estético não é imediato nem é determinado pela sensação (percepção literal onde não existe escolha). Porém, se unirmos o conceito de sensação à imaginação (percepção imaginativa que envolve forçosamente um exercício de gosto), à capacidade criativa como forma de lidar com as informações e estímulos, teremos pensamento e, por sua vez, também prazer estético (Pallasmaa, 2009a).

“E a arquitectura é feita para nós a utilizarmos. (...) é a tarefa mais nobre da arquitectura, o facto de ela ser uma arte para ser utilizada. Mas o mais belo é quando as coisas se encontram, quando se harmonizam. Formam um todo. O lugar, a utilização e a forma.”

(Zumthor, 2006a, p. 69)

Assim, o gosto estético na arquitectura envolve a experiência, a preferência e o pensamento, tanto no acto de a projectar, que é “(...) criar no nosso pensamento” (Baeza, 2004, p.41), como também no acto de a viver. A experiência, a preferência e o pensamento, remetem-nos para o todo da arquitectura, isto é, para o lugar, para a sua forma e para a sua utilização prazerosa, confiante e segura.





Conhecer antes de intervir



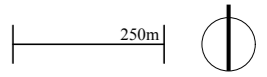
## Estratégia metodológica

Tendo em consideração a linha de problematização adoptada, o trabalho é orientado por uma estratégia metodológica que, pensa-se, é capaz de captar a complexidade dos três objectos de pesquisa abordados (cidade, sociedade e arquitectura), desmultiplicando e traduzindo os pressupostos teóricos observados em premissas, conceitos e evidências a serem aplicadas na proposta de intervenção. A metodologia adoptada visa ainda transmitir a complexidade do fazer arquitectura, pelo que abrange as múltiplas vertentes do projecto, desde a recolha de informação e o seu registo gráfico e escrito, a investigação teórico-científica dos temas em estudo, até à análise crítica e produção das ideias consubstanciadas nos desenhos de projecto.

É importante referir também que a estratégia metodológica poderia e deveria ser mais abrangente e multifacetada, nomeadamente no que diz respeito a uma visita ao local de intervenção, mas que devido aos elevados custos que tal implicava e ao tempo disponível para a realização do trabalho, era de todo impossível de concretizar. Tal facto permitiria uma produção de conhecimento mais sensível às condicionantes do próprio lugar (percepção, experimentação e vivência) e das pessoas que lá vivem, isto é, captar aquilo que é invisível e desprovido de imagem ou forma, em particular os modos de pensar e de sentir, para utilizá-los em novos contextos e dar-lhes novamente vida.

Apesar disto, tenta-se uma aproximação o mais fidedigna possível, privilegiando-se uma abordagem com uma vertente essencialmente qualitativa, que produzisse a informação mais relevante para o trabalho, dando resposta às diferentes temáticas abordadas. Para este efeito, a investigação assentou em três instrumentos metodológicos fundamentais: uma pesquisa exploratória junto de algumas monografias, revistas, artigos, relatórios, Decretos-Lei e junto de alguns profissionais especialistas que lidem e estão familiarizados com o tema; uma tomada de conhecimento da cidade, das pretensões e do programa do concurso *Schindler Award 2012*, bem como uma análise própria da zona, que direcione e lance as bases para a proposta de intervenção.

**Fig.5** Vista aérea da cidade de Berna.  
Fonte Bing Maps (2012a).





## Berna e o concurso<sup>31</sup>

Fundada em 1191 pelo Duque de Zahringen, a cidade de Berna adquiriu ao longo dos anos uma relevante importância, tornando-se a capital do Cantão homónimo e principalmente a capital da Confederação Suíça. Actualmente com cerca de 131 000 habitantes, Berna não é das maiores cidades suíças no que diz respeito ao seu tamanho (actualmente é a quarta maior). Porém, está entre as cidades do mundo que proporciona melhor qualidade de vida aos seus habitantes, contribuindo para isso a esplendida paisagem que a rodeia, o seu centro histórico vivo e em perfeito estado de conservação (considerado pela UNESCO Património da Humanidade), o atractivo parque habitacional, as instituições culturais e de lazer, os estabelecimentos de educação e o seu elemento morfológico mais marcante, o Rio Aare.

Topograficamente, a cidade desenvolve-se essencialmente em três cotas dominantes. Uma cota mais baixa correspondente às margens do Rio Aare; uma intermédia sensivelmente 30m acima da anterior e onde se desenvolve grande parte da cidade incluindo o centro histórico antigo; e ainda outra mais alta a noroeste da cidade antiga (cerca de 15m acima) onde se situavam as fortificações medievais. Convém ainda referir que actualmente o desenvolvimento da cidade dá-se fundamentalmente nestas duas últimas cotas, com a particularidade de na intermédia já ter ultrapassado o limite definido pelo rio expandindo-se para além deste. A compreensão desta morfologia do terreno assume maior importância considerando o facto da zona de intervenção definida pelo concurso *Schindler Award 2012* situar-se a noroeste da cidade antiga, abrangendo as três cotas anteriormente referidas.

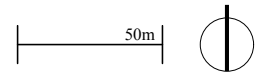
Para além da morfologia do terreno, outros elementos, edifícios ou zonas, os quais serão seguidamente apresentados de forma breve e sintética, assumem-se importantes para a melhor compreensão e posterior intervenção no local (fig.6).

---

<sup>31</sup> As informações explicitadas neste capítulo foram disponibilizadas pela organização do concurso (Schindler Award, 2012).

**Fig.6** Vista aérea da zona de intervenção.

**Fonte** Elaboração própria sobre imagem do Bing Maps (2012b).



- 1 Aare River margins
- 2 Alpenegg
- 3 Altenberg
- 4 Neustadt
- 5 Martinshang
- 6 Grosse Schanze
- 7 Schutzenmatt
- 8 Eidgut
- 9 Eisenbahnbrücke
- 10 Lorrainebrücke
- 11 Bollwerk
- 12 Neubruckstrasse
- 13 Schutzenmattstrasse
- 14 Hodlerstrasse
- 15 Westtangente
- 16 Langmur e Bluturm
- 17 Reitschule
- 18 Kustmuseum
- 19 Progr Cultural Centre
- 20 Botanischer Garten
- 21 Drogenanlaufstelle

- Master Plan perimeter
- Project perimeter

### **Rio Aare**

Elemento topográfico definidor da morfologia da cidade. É um dos lugares de excelência para se estar no Verão, possibilitando a prática de exercício físico (correr, caminhar, andar de bicicleta, nadar) e o convívio, apesar de não ter os equipamentos necessários para tal. Para além deste facto, a inexistência de meios de acesso adequados às suas margens, dificulta o acesso das pessoas (principalmente das com mobilidade condicionada) conduzindo a um certo desligamento da cidade.

### **Martinshang**

Pequena mas importante zona verde. Possui um elevado número de árvores e um declive bastante acentuado o que dificulta o seu uso efectivo como espaço público de lazer.

### **Grosse Schanze**

Local onde se implantavam as antigas fortificações. Nos dias de hoje é essencialmente uma zona residencial onde se localiza a estação de caminhos de ferro juntamente com um grande núcleo de estacionamento.

### **Schutzenmatt**

Pequeno espaço resultante e descaracterizado que é atravessado por infra-estruturas viárias e ferroviárias. É utilizado para estacionamento automóvel e para feiras e mercados populares esporádicos.

### **Eilgut**

Antiga zona de viragens dos comboios. Actualmente funciona apenas como depósito temporário, instalações para lavagens das carruagens e estacionamento automóvel. Constitui uma oportunidade para o desenvolvimento urbano da zona.

### **Eisenbahnbrücke**

Ponte ferroviária que atravessa e subdivide a Schutzenmatt em dois espaços resultantes. Constitui ainda uma barreira entre o Reitschule e as instituições culturais da cidade.

### **Lorrainebrücke**

Ponte automóvel que constitui um dos principais pontos de entrada/saída na cidade ligando-a à parte nascente de Altenberg.

## **Tráfego e circulação**

Para além do tráfego automóvel valoriza-se bastante os transportes públicos e o uso de bicicletas. Verifica-se que a circulação é feita em separado (faixas independentes) e em conjunto (*shared space*) em determinadas zonas do centro histórico. No entanto, parte da infra-estrutura apresenta-se desadequada e sobredimensionada para as necessidades actuais, podendo ser reduzida consoante o conceito adoptado. Assim, entre as vias mais relevantes, destacam-se a Neubruckstrasse, a Schutzenmattstrasse, a Westtangente, a Hodlerstrasse e a Bollwerk, sendo que estas duas últimas apresentam uma atmosfera pouco convidativa à passagem e permanência dos peões.

## **Edifícios e Instituições no interior ou próximos do perímetro de intervenção**

Existem diversos edifícios e instituições que pelo seu carácter, história ou função vão influenciar as dinâmicas no local de intervenção. Destacam-se os edifícios da Langmur e a Blutturm (antiga muralha e torre medievais) que se apresentam bastante degradados e abandonados, do Centro de Cultura Alternativa Reitschule, do Museu de Arte, do Centro Cultural Progr e do Jardim Botânico.

Relativamente às instituições que dão apoio médico e social, destacam-se o centro de apoio a toxicodépendentes Drogenanlaufstelle que alberga a instituição Contact (apoio a jovens menores e/ou aos seus pais), a instituição Pinto (supervisiona o espaço público em relação a problemas com droga) e a instituição La Strada (apoio a prostitutas toxicodépendentes). Existe ainda o dormitório Notschlafstelle (apoio aos sem abrigo), a cantina Gassenkuche (também de apoio aos sem abrigo) e a instituição Alkistubli (apoio a alcoólicos).

## **Zonas adjacentes**

A sul do perímetro de intervenção encontram-se as zonas de Neustadt, Obere Altstadt e Untere Altstadt, que constituem o centro histórico antigo o qual é considerado Património da Humanidade pela Unesco. Pela natureza programática dos seus espaços e edifícios, estas zonas privilegiam essencialmente o turismo e os negócios. Por outro lado, a poente, norte e nascente localizam-se as zonas residenciais de Alpenegg e Altenberg, as quais apresentam-se fracamente ligadas à cidade velha e ao rio.

## **Programa e pretensões do concurso**

Regeneração urbana, densificação, espaço público e integração, apresentam-se como os temas principais do concurso *Schindler Award 2012*. Tendo em consideração estes temas, o desafio consiste em atribuir um melhor uso e desenho ao território expectante desta zona da cidade, integrando ideias e

conceitos que permitam uma regeneração urbana, bem como a incorporação dos vários grupos sociais, incluindo os grupos de risco, que frequentam a área.

As intervenções devem ser elaboradas tendo em conta vários níveis de detalhe. Assim, como é dito pela própria organização do concurso, três escalas diferentes devem ser trabalhadas, desde uma mais geral, *Master Plan*, uma intermédia, *Urban Repair*, até uma mais específica, *Project Design*.

No *Master Plan*, o objectivo consiste em propor de forma equilibrada e sustentável, uma densificação da zona de intervenção integrando as instituições sociais existentes e a herança cultural e histórica do lugar, melhorando a qualidade, a acessibilidade e a mobilidade geral do espaço. Para além disso, deve propor-se especificamente uma solução urbana que solucione a parte noroeste de Neustadt, o arranque sudoeste da Lorrainebrucke e a entrada/saída na cidade a partir da Tiefenaustrasse em Eilgut. Tendo presente uma máxima acessibilidade e mobilidade que permita a integração de todos os utilizadores do espaço, é ainda pedido que se proponha a ligação física entre a cota intermédia da cidade com a cota baixa do Rio Aare e com a cota alta de Alpenegg, e a ligação física e cultural entre o Centro de Cultura Alternativa Reitschule e as duas instituições culturais (Museu de Arte, Centro Cultural Progr) que estão a sudeste da Schutzenmatt.

No conceito de *Urban Repair*, o objectivo reside em ampliar e aprofundar os conceitos e soluções adoptadas na fase anterior, num conceito arquitectónico para o perímetro de projecto que é determinado. Nesta fase, pretende-se uma transição de uma escala mais geral, urbana, para uma mais específica, do edifício, abordando sobretudo a relação que os edifícios (incluindo a nova instituição do Drogenlaufstelle a projectar) estabelecem com o espaço público e de que forma é feita a circulação e permanência dos indivíduos no mesmo.

Por fim, na fase do *Project Design*, o intuito é projectar um novo edifício para a instituição de apoio aos grupos de risco (Drogenanlaufstelle) incluindo ainda, para além das que actualmente já funcionam no edifício, a instituição de apoio a alcoólicos (Alkistubli), no sentido de tirar partido e otimizar o uso das mesmas infra-estruturas. Este edifício não só deve integra-se fisicamente na cidade mas principalmente integrar-se socialmente na sociedade. É importante referir ainda que o novo edifício projectado dever respeitar o esquema de funcionamento e as áreas de referência dos espaços que são fornecidas (anexo 3).

Tendo presente todas as escalas de intervenção, as soluções adoptadas devem incorporar uma mistura atractiva de programas e usos, de forma a rentabilizar economicamente o espaço e atrair todo o tipo de utilizadores durante o dia/noite e todas as estações do ano.

No sentido de obter diversas e surpreendentes propostas, o mínimo de restrições são aplicadas, sendo apenas consideradas algumas relacionadas com as infra-estruturas viárias, com a ponte ferroviária e com o Reitschule. No que diz respeito às infra-estruturas viárias, o número de faixas deve ser

mantido sendo transferido para outras vias caso haja uma reorganização do sistema viário. Relativamente à ponte ferroviária não são permitidas alterações à sua estrutura, apenas uma reorganização dos *pilotis* de acordo com a alteração ou não da Neubruckstrasse. Por último, no edifício do Reitschule não são consentidas alterações ao seu aspecto nem à sua função. Apenas intervenções que melhorem a acessibilidade ou integração urbana são permitidas.

Uma nota final para a constituição do júri e para os critérios de avaliação que naturalmente vão condicionar as opções de projecto adoptadas. A equipa do júri é constituída por arquitectos, urbanistas, representantes da cidade de Berna e da Schindler Elevadores e inclusivamente representantes de organizações de apoio a indivíduos com mobilidade condicionada ou com algum tipo de deficiência, os quais assumem-se como pessoas de referência a dirigir os desenhos e relatórios. Por esta razão, especial atenção deve ser dada aos conteúdos e escalas dos desenhos, aos aspectos gráficos e à organização e posicionamento dos painéis finais.

Assim sendo, é com estes membros que as propostas irão ser avaliadas, considerando como critérios base a qualidade urbana e arquitectónica, a estética e sensualidade das mesmas, a acessibilidade, circulação e orientação dos indivíduos, a interdependência das diferentes funções, a integração física e social na envolvente e os aspectos inovadores do projecto.

## **Análise do lugar**

Como consequência da realização do projecto em resposta ao anteriormente referido concurso, é fundamental analisar previamente o lugar em causa, pois “(...) o primeiro gesto de fazer arquitectura (...) [é] sinónimo da compreensão da vocação do lugar” (Muga, 2006, p.97). Pretende-se uma análise direccionada, que aplique conceitos já abordados na teoria, permitindo assim reconhecer os espaços e momentos em que a actuação se possa revelar pertinente e adequada (a todos os níveis: físico, histórico, cultural, programático, económico, social e psicológico) à zona de intervenção.

É importante referir ainda que os aspectos a analisar não se confinam somente à zona de intervenção, pois é fundamental expandir a análise, já que não existe qualquer limite físico de separação, estando esta zona inserida num contexto urbano que funciona como um todo, como um sistema complexo.

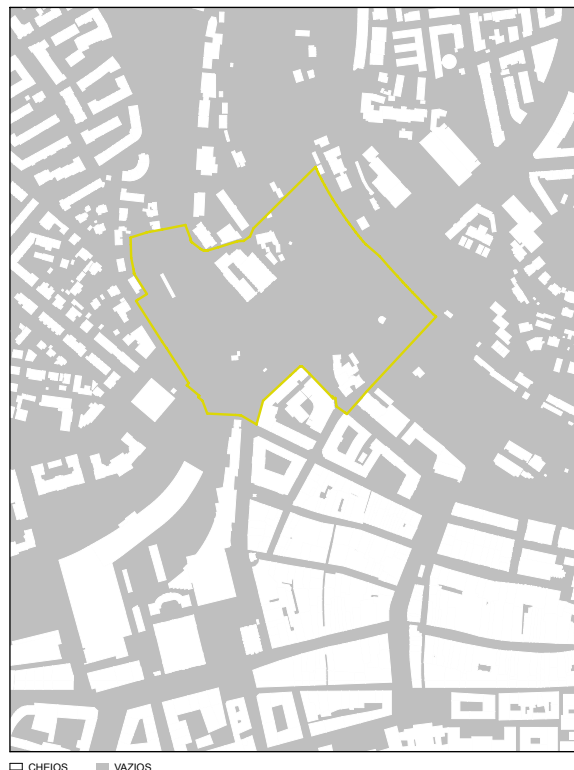
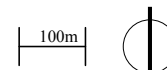
“Pode haver muito espaço, mas este parece ter pouca utilidade ou ser desprovido de quaisquer formas atractivas; é frequentemente ajardinado de uma forma descuidada ou é transformado em estacionamento. Estas áreas espaçosas raramente são locais agradáveis para um peão se sentar ou passear; são locais por onde se deve passar a correr, em direcção ao carro ou a outro edifício.”

(Relph, 1987, p. 216)

Assim sendo, esta área pode ser entendida como um grande vazio urbano, uma zona descaracterizada e de transição, que define limites entre as manchas urbanas envolventes, que dificulta a ligação entre elas devido à predominância de grandes infra-estruturas viárias, ao carácter dos edifícios nela inseridos, ao tipo de utilizadores do espaço e também à própria morfologia do terreno que se apresenta bastante acentuada (figs.7 e 8). Em suma, nela confluem/convergem variados problemas.

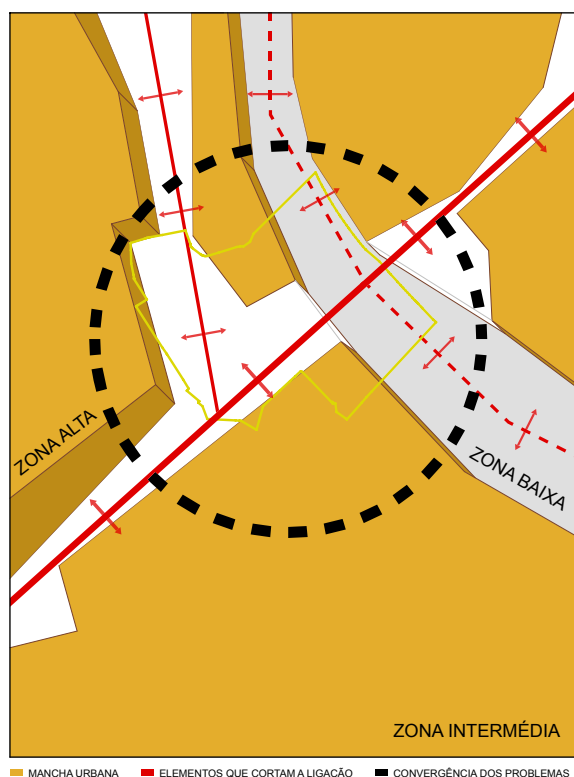
**Fig.7** Mancha urbana.

**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



**Fig.8** Análise da mancha urbana.

**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



## **Manchas / pontos / indivíduos**

A uma escala humana, a referida zona de intervenção apresenta dois tipos de manchas, uma relacionada com o edificado e outra relacionada com as áreas verdes. Todas estas unidades de paisagem demonstram características homogéneas que permitem distingui-las e classificá-las, apesar de se apresentarem com diferentes formas, tamanhos ou configurações.

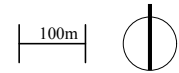
Relativamente à mancha de edificado, esta apresenta-se mais compacta no centro histórico e dispersa nas restantes manchas. Denota-se que os vazios mais relevantes dizem respeito ao Rio Aare, às áreas verdes e infra-estruturas viárias principais, isto é, a corredores e manchas com um carácter distinto do edificado (fig.7).

Ainda relativamente às manchas de edificado, existem pontos fundamentais sem os quais o sistema não funcionaria (*military points*). Estes pontos estão normalmente relacionados com o edificado relevante, que pela sua função, história ou cultura associada (fig.9), assumem-se como peça fundamental do mosaico urbano em que estão inseridos, influenciando assim os movimentos, fluxos e percursos dos indivíduos. É importante referir ainda que estes percursos variam consoante o perfil dos utilizadores do espaço, que naturalmente se apresentam bastante diferenciados em contexto urbano. Tal como existe um mosaico de paisagem urbana, existe também um mosaico de indivíduos, únicos e irrepetíveis (fig.10). Inserido neste mosaico, encontram-se ainda grupos de risco que, pelo seu perfil e pelas actividades que desenvolvem, tornam o espaço menos vivenciado pelos restantes indivíduos, transmitindo-lhes um sentimento de insegurança.

No que diz respeito às manchas verdes, pode dizer-se que estas distribuem-se essencialmente ao longo das margens do Rio Aare. Estas manchas assumem um carácter público, dispondo-se no território de uma forma aleatória, não projectada. No entanto, à medida que se vai afastando em direcção ao interior da cidade, as manchas verdes vão assumindo uma escala mais pequena, controlada e com outras configurações. Quer sejam públicas ou privadas, as referidas manchas vão sendo cada vez mais residuais (fig.11).

**Fig.9** Edificado relevante.

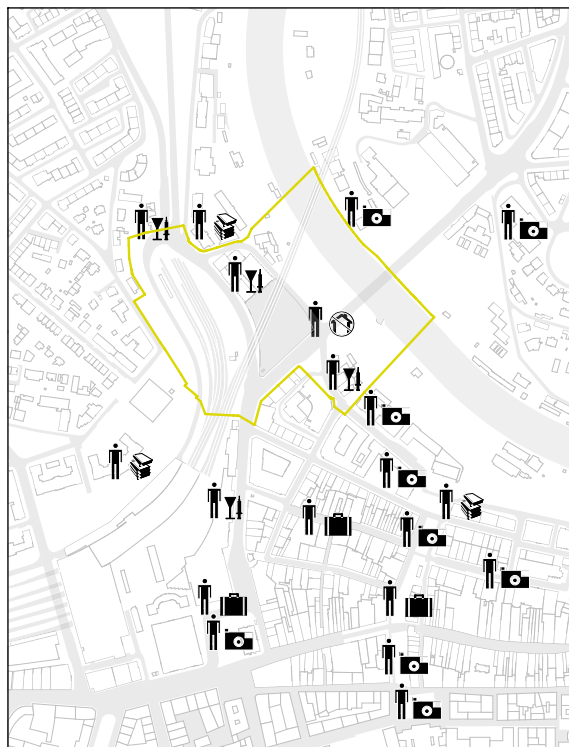
**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



- 1 KunstMuseum (Museu de Arte)
- 2 PROGR (Centro Cultural)
- 3 Reitschule (Centro Cultural Alternativo)
- 4 Botanischer Garten (Jardim Botânico)
- 5 Bahnhof Bern (Estação Ferroviária)
- 6 Amthaus (Tribunal e Prisão)
- 7 Polizeihauptwache (Posto da Polícia)
- 8 Bahnhofplatz (Central Rodoviária)
- 9 Universität Bern (Universidade)
- 10 Tierspital (antigo Hospital Veterinário, actual Faculdade de Matemática)
- 11 Gymnasium (Escola Secundária)
- 12 Drogenanlaufstelle (Instituição de apoio a Toxicodependentes)
- 13 Notschafstelle (Cantina e Dormitório para Sem Abrigos)
- 14 Alkistübli (Instituição de apoio a Alcoólicos)

**Fig.10** Perfil de utilizadores do espaço.

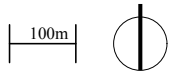
**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



- ESTUDANTES
- TRABALHADORES
- TURISTAS
- ALCOÓLICOS E TOXICODEPENDENTES
- SEM ABRIGO

**Fig.11** Manchas verdes.

**Fonte** Elaboração por Ângela Henriques, Malgorzata Szymanska, Mariana Costa e Raul Lopes.



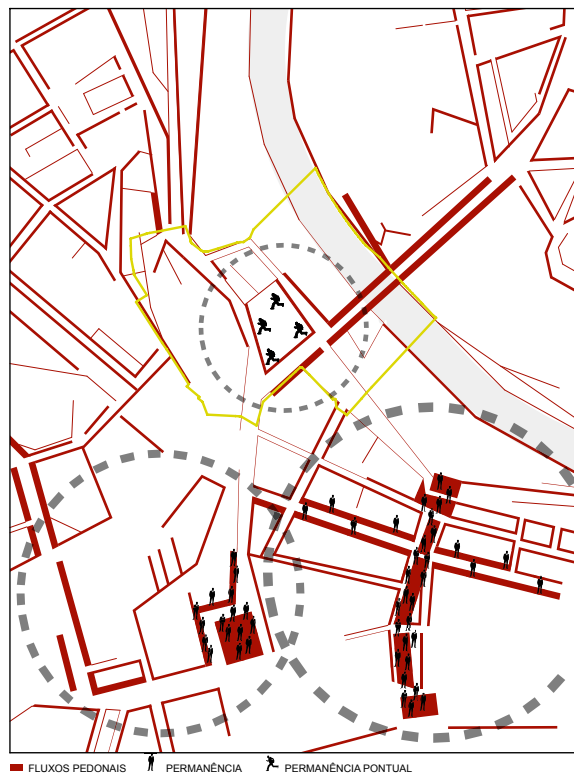
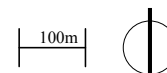
**Fig.12** Movimentos, fluxos e permanência de indivíduos.

**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



**Fig.13** Análise dos movimentos, fluxos e permanências de indivíduos.

**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



**Fig.14** Infra-estruturas viárias.

**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



## Corredores / arestas / relações sociais

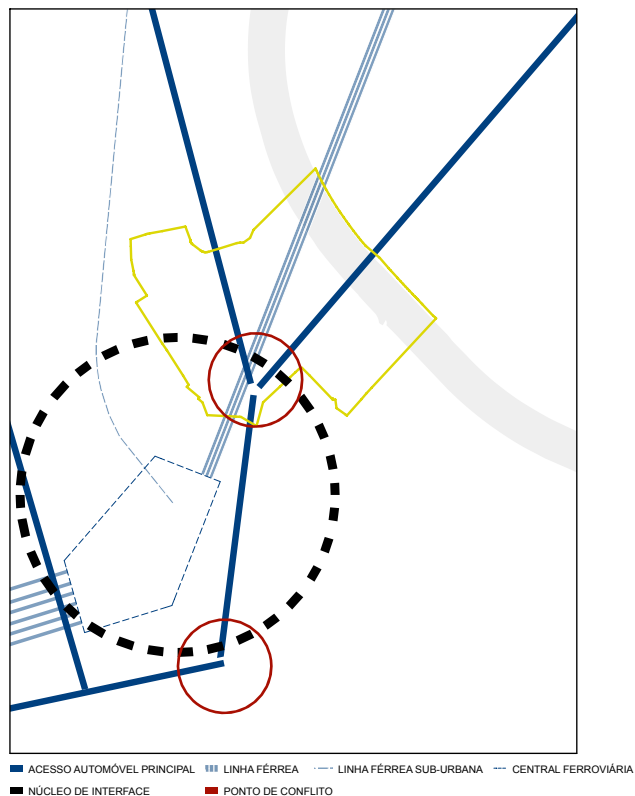
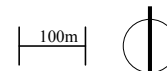
Tal como as manchas de edificado, as manchas verdes influenciam também as vivências, os movimentos e fluxos e os perfis de utilizadores dos espaços onde estão inseridas. Os indivíduos vão então movimentar-se de acordo com o espaço e de acordo com os seus interesses. O espaço mais apelativo, funcional e que melhor responde às suas necessidades e interesses vai ser o mais utilizado. Nota-se que muitos dos focos de permanência estão relacionados com o edificado relevante, os chamados *military points* (fig.12).

É neste âmbito que as infra-estruturas viárias, ou corredores viários, assumem extrema importância como elementos de ligação que são. Estes estão muito interligados com os fluxos e permanências que se estabelecem no espaço. Infra-estruturas que garantam uma circulação funcional e/ou que sejam atractivas à permanência têm maior fluxo. Desta forma, e devido ao elevado número de corredores viários que nela confluem, à tipologia e características das manchas e ao tipo de utilizadores do espaço, depreende-se que a zona de intervenção é essencialmente um local de passagem. É através destes elementos de ligação que os utilizadores do espaço se vão distribuir, produzindo uma hierarquização dos grandes núcleos espaciais, onde a diferença reside essencialmente na funcionalidade e no aspecto estético do espaço em causa (fig.13).

Tal como os núcleos espaciais, os corredores viários também se hierarquizam. Verifica-se uma clara distinção de importância entre eles. Isto nota-se devido ao perfil transversal desses mesmos corredores, às informações relativas ao número de faixas de rodagem, sentidos e estacionamentos (fig.14). Complementando com a informação relativa aos passeios e respectivos fluxos pedonais, consegue-se ter uma perfeita consciência de como funciona a mobilidade no contexto em estudo.

Verifica-se que os corredores viários principais (ferroviários ou rodoviários), confluem para um interface de distribuição que engloba a estação ferroviária e rodoviária, um dos já referidos *military points*. Esta confluência origina pontos de conflito/tensão que são traduzidos em cruzamentos sendo a consequência da configuração das vias e da movimentação que provocam (fig.15). Quando se fala em mobilidade e circulação no contexto de Berna, não se pode excluir a bicicleta como meio de transporte. Assim sendo, as ciclovias constituem-se também como corredores de ligação entre as manchas (edificado ou verdes). Nota-se que estas estão presentes fundamentalmente nos eixos principais de circulação, sendo um importante meio de entrada e saída desta zona da cidade (figs.16 e 17). O problema da infra-estrutura das ciclovias reside nas quebras de continuidade existentes, que dificultam a mobilidade, particularmente nos eixos principais. Nos eixos secundários, como a intensidade de trânsito é menor, a circulação pedonal, motorizada e de bicicletas é feita em conjunto (*shared space*), facilitando a mobilidade mesmo sem a existência das infra-estruturas adequadas.

**Fig.15** Análise das infra-estruturas viárias principais.  
**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



**Fig.16** Infra-estruturas de ciclovias.  
**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



## **Matriz / plano / comunidade**

Tal como afirmado antes, as manchas e os corredores conformam a matriz, ou seja, são as manchas de edificado, de áreas verdes, de variados indivíduos que, juntamente com os corredores viários e as relações sociais, vão dar origem à matriz urbana e às diferentes comunidades que constituem a paisagem e a sociedade no contexto em estudo. São as manchas e os corredores, em conjunto com os indivíduos, que vão dar vida própria ao espaço.

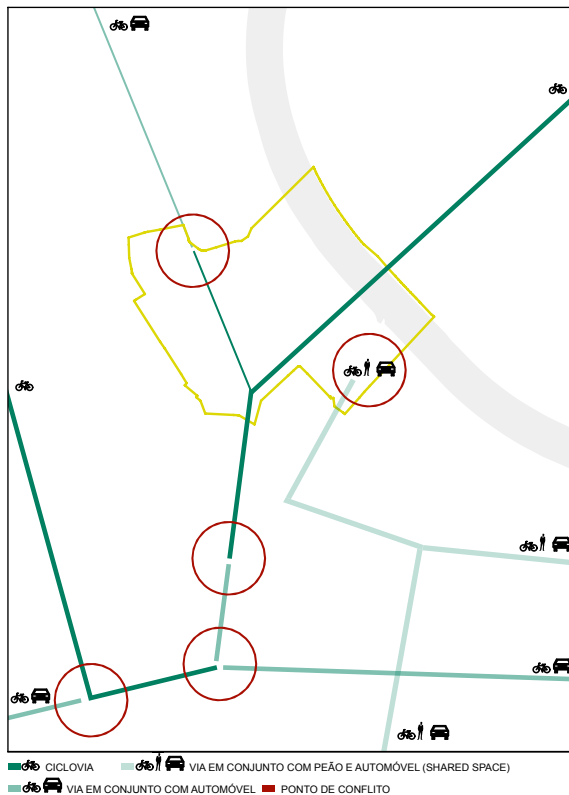
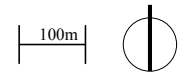
Deste relacionamento simultâneo, surgem questões de difícil resolução, isto é, corredores que cortam a ligação de outros, manchas que cortam a simbiose entre outras manchas, o que influencia negativamente os fluxos, a mobilidade e a circulação, resultando em pontos de conflito. Estes estão relacionados com as manchas, com os corredores e com o tipo de utilizadores dos espaços (fig.18).

Os pontos de conflito mais evidentes são os cruzamentos dos corredores viários (eixos principais), que podem causar graves problemas de circulação e mobilidade para o espaço envolvente. Também são problemáticos determinados edifícios que, pela sua função e pelos utilizadores que lhes estão associados, não se encontram integrados no contexto onde se inserem. São disto exemplo o Drogenanlaufstelle e o Reitschule. Ainda como zonas potencialmente problemáticas, surgem outros espaços relacionados com a estrutura viária que é necessário ter em atenção. Zonas degradadas a ladear os eixos principais, zonas inferiores de pontes e viadutos, assumem-se como barreiras e espaços a evitar pelos utilizadores do espaço. No outro extremo, surgem os pontos/zonas que se assumem como oportunidades a valorizar. Estes, estão associados a manchas verdes, manchas de edificado com valor histórico e cultural, e a um perfil de utilizadores do espaço mais atractivo (fig.19).

É na relação entre estes pontos de interesse e conflito, que as intervenções de projecto devem-se focar. Devem tentar resolver os conflitos, interligando-os e integrando-os nos pontos de interesse de forma a que todo o espaço possa ser lido como um conjunto. Devem potenciar e valorizar o existente para que determinados percursos com interesse não desagüem em zonas desinteressantes, como é o caso do percurso proveniente do centro histórico que vai desaguar num corredor principal; o caso do percurso cultural proporcionado pelos edifícios culturais que é cortado também por um corredor viário principal; o percurso marginal ao rio que é duplamente cortado por zonas potencialmente problemáticas correspondentes ao espaço inferior das duas pontes; ou até o caso da difícil ligação entre cotas da cidade devido à morfologia do terreno ou à falta de infra-estruturas adequadas para o efeito (fig.20). Todos estes elementos, devem ser tidos em conta numa intervenção, na procura da melhoria da qualidade do espaço para os seus utentes. Manchas e corredores devem estar perfeitamente interligados e integrados na sua matriz, enformando-a e tornando-a uma paisagem urbana sustentável, prazerosa e adequada a todos os indivíduos da sociedade e aos seus modos de vida.

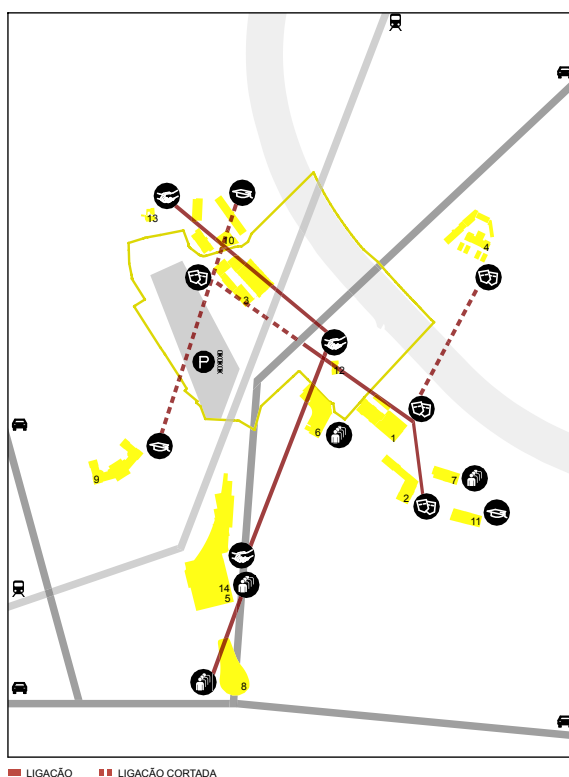
**Fig.17** Análise das infra-estruturas de ciclovias.

**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



**Fig.18** Análise do edificado relevante.

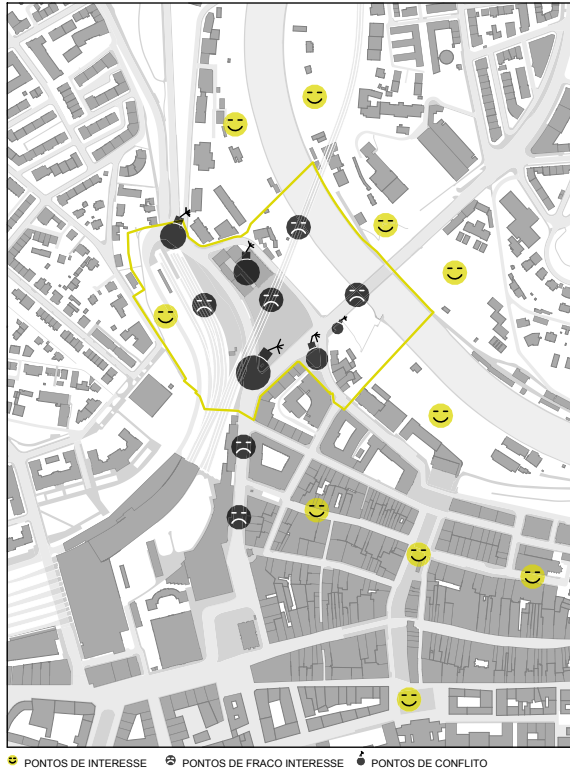
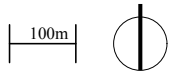
**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



- 1 KunstMuseum (Museu de Arte)
- 2 PROGR (Centro Cultural)
- 3 Reitschule (Centro Cultural Alternativo)
- 4 Botanischer Garten (Jardim Botânico)
- 5 Bahnhof Bern (Estação Ferroviária)
- 6 Amthaus (Tribunal e Prisão)
- 7 Polizeihauptwache (Posto da Polícia)
- 8 Bahnhofplatz (Central Rodoviária)
- 9 Universitat Bern (Universidade)
- 10 Tierspital (antigo Hospital Veterinário, actual Faculdade de Matemática)
- 11 Gymnasium (Escola Secundária)
- 12 Drogenaufstelle (Instituição de apoio a Toxicodependentes)
- 13 Notschafstelle (Cantina e Dormitório para Sem Abrigos)
- 14 Alkistübli (Instituição de apoio a Alcoólicos)

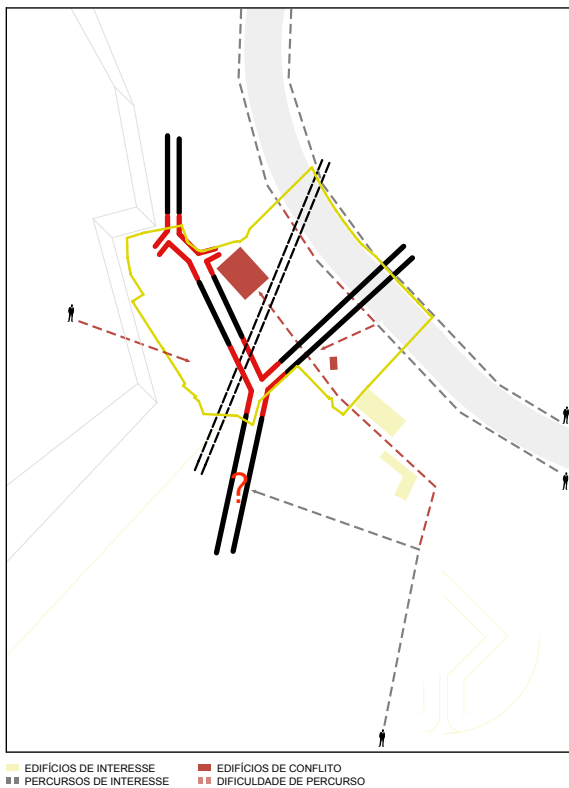
**Fig.19** Pontos de conflito e de interesse.

**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.



**Fig.20** Análise dos pontos de conflito e de interesse.

**Fonte** Elaboração própria em cooperação com Daniela Meneses, Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.





Projectar (n)a cidade e (n)o edifício



## Regeneração urbana<sup>32</sup>

Projectar (n)a cidade surge como o resultado da interpretação dos pressupostos teóricos, das pretensões do concurso e da análise realizada, traduzido na proposta urbana para a referida zona de intervenção na cidade de Berna. Nesta fase, explicam-se e justificam-se as opções tomadas, os conceitos e os objectivos do *Master Plan* e *Urban Repair*, recorrendo a pensamentos e obras de arquitectos de referência que constituíram uma fonte de inspiração e como que comprovam e fundamentam a proposta aqui apresentada.

Assim sendo, o objectivo essencial da proposta reside na regeneração urbana da zona de intervenção, actuando cirurgicamente nos seus espaços de forma a contrariar uma suspensão da urbanidade, que é causada pela ausência ou sobreposição de diferentes actuações sobre o território. Esta regeneração passa por aspectos físicos, do desenho e qualidade do espaço arquitectónico, potenciando igualmente uma regeneração social. Pretende-se instituir o espaço das características físicas e de organização que se apresentam essenciais a uma alteração dos modos de vida, uma minimização dos preconceitos, medos e inseguranças, permitindo que todo e qualquer indivíduo se sinta integrado e possa experienciar, compreender e viver o espaço onde ele próprio se estabelece. Em suma, concretizar o espaço existencial no espaço arquitectónico, tornando o quotidiano funcional, seguro, prazeroso e inédito.

Como vimos anteriormente, apesar de inserida na cidade, a zona de intervenção não se apresenta integrada com a sua envolvente. Assume-se como um vazio no mosaico urbano, constituindo uma barreira/limite, quer físico como mental, pois nela confluem infra-estruturas viárias e ferroviárias de grande envergadura, utilizadores do espaço com perfis bastante diferenciados, e é também enformada por uma topografia que apresenta desníveis acentuados e com difíceis acessos.

No entanto, o facto de não estar integrada não significa que é entendida como um espaço isolado, já que se insere num contexto de cidade consolidada que possui edifícios, elementos e zonas com carácter e identidade que se pretende conservar, potenciar ou reformular. Edifícios culturais, históricos, toda a zona da cidade antiga considerada Património da Humanidade pela UNESCO, edifícios de instituições de solidariedade, interfaces de transportes juntamente com as suas infra-estruturas, zonas verdes com densa vegetação e o Rio Aare, tornam-se condicionantes e oportunidades que vão estruturar a intervenção. “As soluções consistem em integrar toda essa realidade dispersa, e

---

<sup>32</sup> Uma nota para o facto do corpo do texto se dividir em vários capítulos, porém não são independentes uns dos outros. Esta opção de subdivisão em detrimento de texto corrido simplesmente facilita a explicação e compreensão da proposta e dos seus conceitos chave.

talvez igualmente contraditória, num todo (...)” (Machabert e Beaudouin, 2009, p.165), transformando as limitações em oportunidades, valorizando-as juntamente com as que já se apresentam como tal.

Tendo por base a inserção num contexto mais amplo, a proposta não se fecha sobre si própria nem se limita ao perímetro de intervenção estipulado pelo concurso. Pelo contrário, abre-se, expande-se e torna-se permeável às dinâmicas e fluxos da cidade, procurando relações com um contexto mais amplo e distante. Como refere Holl (2011), apesar da cidade não ser experienciada como uma totalidade, e sim como um conjunto de experiências parciais e sintetizadas, ela lê-se como uma unidade, como um todo complexo e indivisível, já que o conjunto dos seus espaços torna-se mais estimulante e inspirador do que as suas partes individuais. Só assim, quando os espaços formam um conjunto das suas partes individuais, é que a cidade se torna inspiradora e estimulante.

### ***Anchoring* e experiência fenomenológica da arquitectura**

Para se fundir com o lugar, com a circunstância, com a multiplicidade de fenómenos que acontecem na cidade, e para que o resultado final seja coerente e claro, o projecto necessita de um conceito condutor que estabeleça uma ordem, um campo de investigação, uma denotação e conotação a todo o trabalho. Assim, ele assenta sobre dois princípios fundamentais. O primeiro consiste na *anchoring*<sup>33</sup> da proposta ao lugar de intervenção, para que se adapte às condicionantes do mesmo e a todas as pessoas que nele habitam, captando e percebendo a sua atmosfera e os elementos que lhe dão identidade e carácter. “Sempre se deve explorar o carácter do sítio, a sua essência, porque o sítio está lá. (...) Sempre há uma relação” (Ngo, 2002, p.47). No entanto, pretende-se que esta ancoragem ao local não seja somente uma aceitação passiva dessas mesmas condicionantes, mas também as desafie e questione, o que significa que em termos de aparência pode não ser igual ao contexto, mas tal não quer dizer que não o tenha por base, não o respeite nem o considere.

“Architecture is bound to situation. (...) a construction (non-mobile) is intertwined with the experience of a place. The site of a building is more than a mere ingredient in its conception. It is its physical and metaphysical foundation. (...) Building transcends physical and functional requirements by fusing with a place, by gathering the meaning of a situation. Architecture (...) is not a simplistic replication of its ‘context’; to reveal the aspect of a place may not confirm its ‘appearance’. Hence the habitual ways of seeing may well be interrupted.”

(Holl, 2007, p.9)

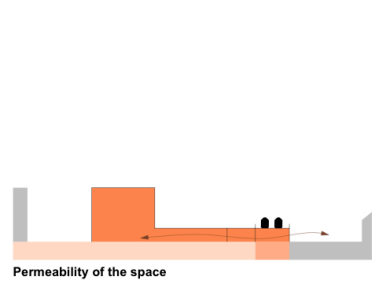
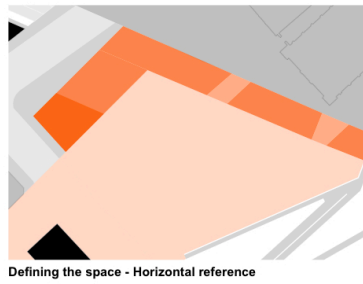
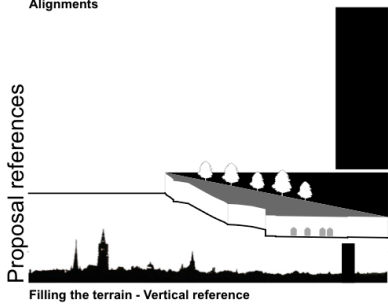
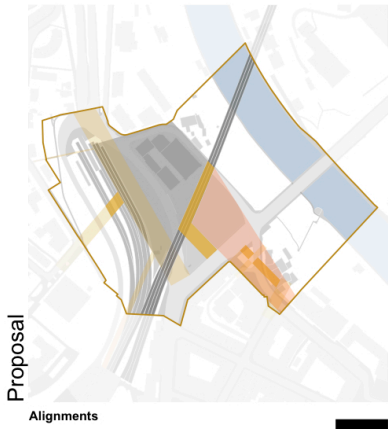
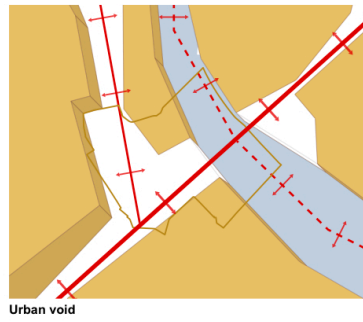
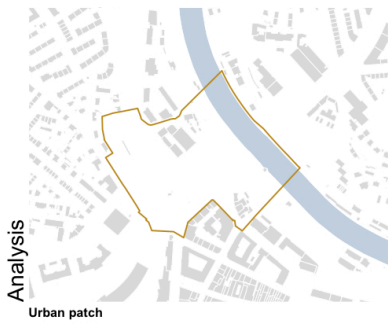
---

<sup>33</sup> Ancoragem, íntima relação com o contexto (Holl, 2007).

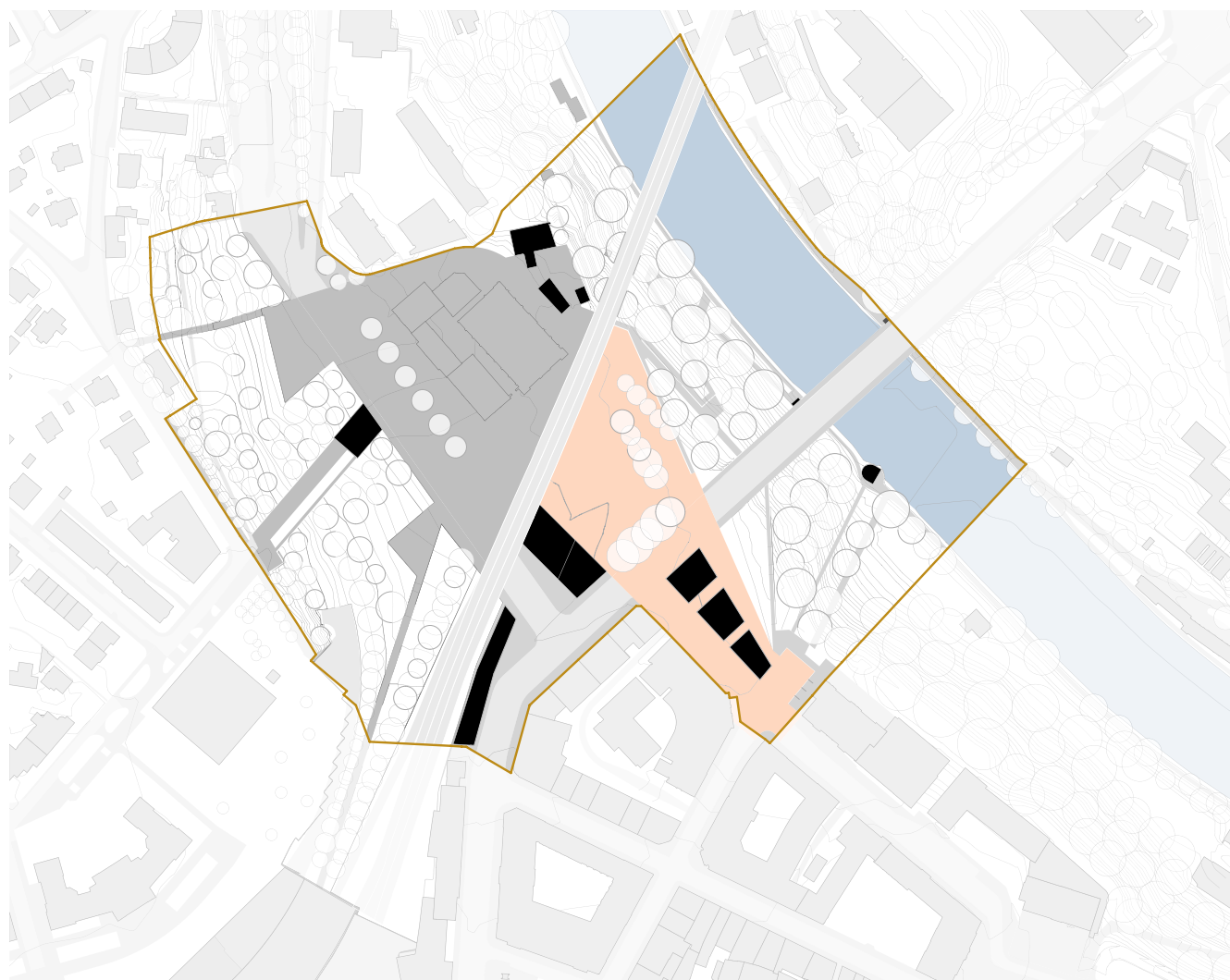
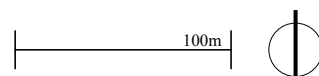
Por outro lado, só é possível viver e compreender o contexto em que vivemos se o experienciarmos através da nossa sensibilidade, dos nossos sentidos. Daí advém o segundo princípio fundamental, a experiência fenomenológica do espaço urbano. A proposta dá ênfase a uma experiência multissensorial, procurando produzir espaços que considerem toda a corporalidade humana e sejam capazes de comunicar directamente com todos os nossos sentidos, permitindo a percepção, interpretação e conseqüente compreensão do ambiente. Este facto tem ainda como objectivo fixar a experiência vivida na memória, marcando-a como característica de um dado espaço, momento ou sentimento, e conferindo ainda a possibilidade de reactivação numa futura experiência espacial. Para além de permitir uma vivência mais completa, prazerosa e estimulante do espaço a todos os utilizadores, este facto assume-se ainda mais importante para os indivíduos com mobilidade condicionada, particularmente para os que apresentam deficiências sensoriais, já que ao haver uma supressão de um dos sentidos, há uma acrescida dependência dos outros na compreensão e vivência do espaço.

Desta forma, a proposta implanta-se no espaço tentando agarrar-se às condicionantes da envolvente, numa atitude de acupunctura e respeito, procurando a reformulação dos espaços e conseqüentemente da cidade. Respeita os alinhamentos existentes, tanto planimétricos como volumétricos, com o intuito de conseguir uma continuidade visual, de percursos, pensamentos e fluxos, com o intuito de melhor enformar o espaço. Para além deste prolongamento e homogeneidade em relação à restante cidade, pensa-se também no que se pode diferenciar e distinguir, de forma a conferir imaginabilidade ao lugar, isto é, pensa-se numa dualidade de critérios e princípios. Assim, dois pontos de referência, um horizontal à escala do peão e outro vertical à escala da cidade, sobressaem, juntamente com outros que irão ser seguidamente abordados, como os elementos mais fortes da referida imaginabilidade, como os *military points* sem os quais o sistema carece de sentido (figs.21 e 22).

**Fig.21** Conceito da proposta.  
**Fonte** Elaboração própria.



**Fig.22** Planta de localização.  
**Fonte** Elaboração própria.

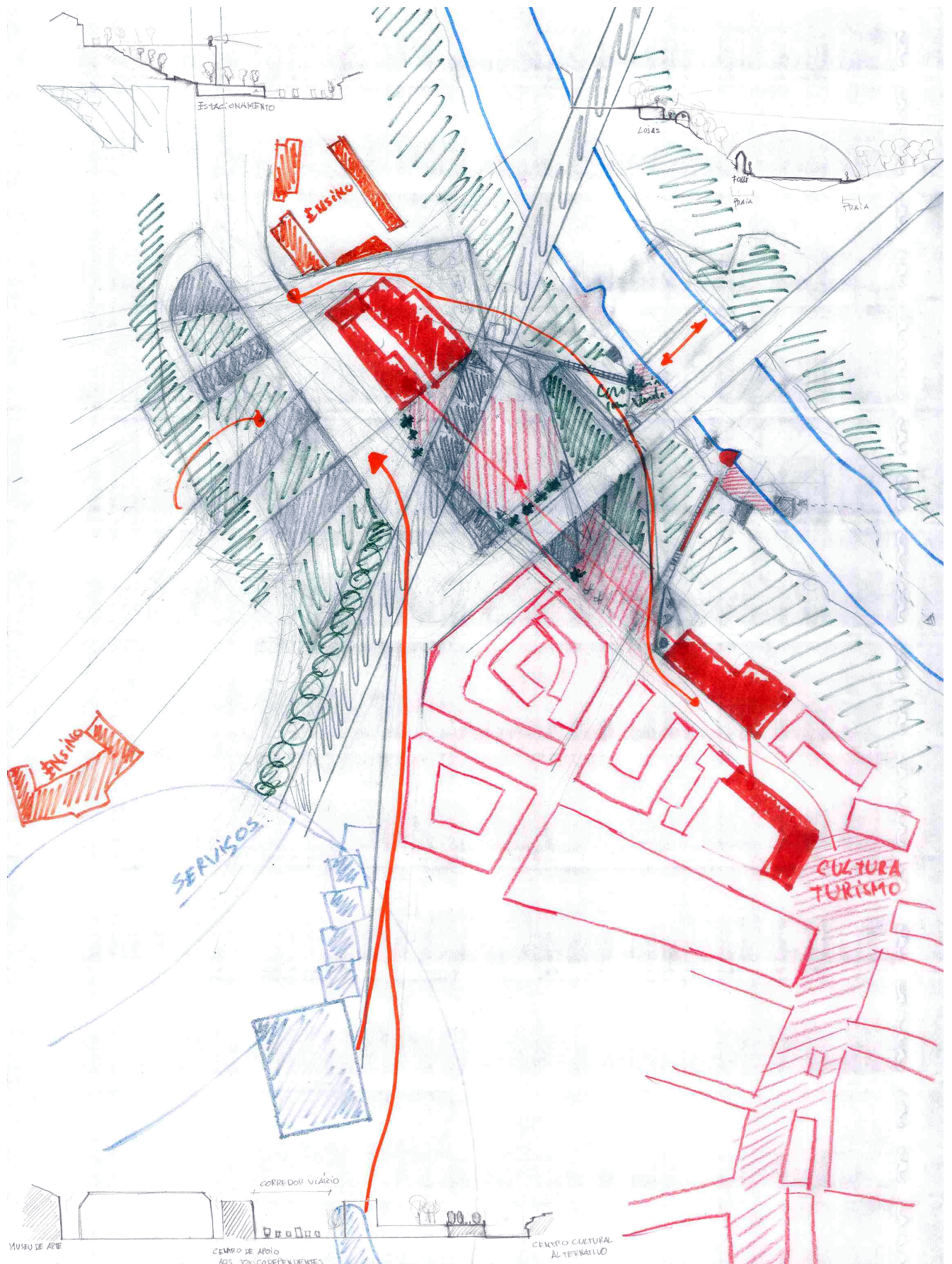


## **Vocação da forma**

Desde cedo, desde a primeira percepção e abordagem ao lugar e conseqüente esboços e meditações sobre as ideias e pensamentos que daí surgiram, que se percebeu os momentos e pontos fulcrais onde se haveria de intervir. Isto foi possível pois “(...) cada cidade tem uma atmosfera própria e quem projecta tem de entender, captar uma coisa que todas as cidades têm, que é uma espécie de vocação de forma, que está escrita através dos séculos” (Silva e Santos, 2011a, p.18). A dimensão simbólica, a história e a memória inerentes ao lugar, indicam o caminho e a direcção da solução a adoptar.

Percebeu-se que a proposta haveria de ser estruturada em torno das margens do Rio Aare, do Eilgut (actual depósito e parque ferroviário), da Lorrainebrücke (ponte rodoviária) e da Eisenbahnbrücke (ponte ferroviária), intersectando as três cotas essenciais da morfologia do terreno e efectuando “(...) as alterações necessárias salvaguardando o que é importante e introduzindo o que é necessário” (Fernandes e Cannatà, 2009, p.13) (fig.22). Todos estes pontos relacionados entre si e com a restante cidade, implicam pensar na mobilidade, nos trajectos percorridos e movimentos desenvolvidos, pois são estes que vão ordenar o espaço e determinar as dinâmicas e fluxos da proposta final.

**Fig.22** Primeiros esboços que denotam os momentos fulcrais da intervenção.  
**Fonte** Elaboração própria.



## ***Cultural anchoring***

Como vimos nos pressupostos teóricos, a cultura funciona como um recurso de excelência para a regeneração urbana, já que as actividades culturais e artísticas geram e catalisam benefícios sociais e económicos significativos para o território e para as comunidades que nele habitam.

Assim, assume-se fundamental, para responder aos objectivos propostos, favorecer o prolongamento do fluxo cultural proporcionado pelo Museu de Arte e pelo Centro Cultural Progr proveniente da parte sudeste da zona de intervenção (do centro histórico), interligando-o com o Centro de Cultura Alternativa Reitschule. Desta forma, potencia-se uma dinâmica que permite a atracção das pessoas que já se aglomeram no centro histórico, bem como de outras provenientes de toda a cidade. Pretende-se criar uma centralidade para todo o tipo de utilizadores que dê vida ao próprio espaço.

Os obstáculos para que isto aconteça encontram-se na organização das infra-estruturas viárias (Bollwerk e Schutzenmattstrasse) e no carácter dos edifícios e espaços, nomeadamente do Drogenlaufstelle (centro de apoio a toxicodependentes) e dos espaços em torno do Reitschule e sob a ponte ferroviária (Eisenbahnbrücke), que se apresentam resultantes, descaracterizados e em mau estado de conservação. Tudo isto corta a ligação do fluxo cultural, funcionando como barreiras, limites rígidos e repelentes.

Primeiramente, a solução encontrada passa pela demolição desses edifícios descaracterizados, que mesmo estando integrados na área de protecção definida pela UNESCO, constituem-se como um corpo estranho à sua envolvente.

Seguidamente, contrariando a barreira criada pelas infra-estruturas viárias, a solução propõe um rearranjo das mesmas, reformulando as vias e o perfil e conseqüentemente uma alteração do conceito de tráfego. Assim, retira-se o trânsito da Schutzenmattstrasse e integra-se parte do da Bollwerk numa grande praça que se cria. Esta sobreleva-se num pavimento contínuo ao nível do passeio e assenta num conceito de *shared space*, em que o peão e o automóvel circulam em conjunto, obrigando a uma redução da velocidade do tráfego e favorecendo um aumento da intensidade vital, pois *only on foot* consegue-se parar, experienciar e envolver-se com outros utilizadores do espaço. “Here life and traffic exist side by side in the same space, which functions simultaneously as a space for outdoor stays and a connecting link” (Gehl, 2010, p.109).

Para além deste conceito, a sua configuração promove igualmente um aumento de actividade pedonal, já que faz a captação das pessoas no limite do Museu de Arte, atraindo-as para que percorram o espaço em direcção ao Reitschule.

Sensivelmente no mesmo lugar dos edifícios demolidos, é proposto o novo edifício do Drogenlaufstelle, o qual é desenvolvido e explicitado numa fase seguinte do trabalho, mantendo o

sentimento de pertença dos seus utentes, revitalizando a zona com o seu programa misto variado e diferenciado (para além da instituição propriamente dita alberga ainda um restaurante, um ginásio e uma piscina terapêutica), e reconfigurando o desenho urbano da Hodlerstrasse devido à sua forma e implantação no território. Com esta demolição e construção do novo edifício, não só se verifica uma melhoria das condições da instituição de apoio aos grupos de risco, mas também se valorizam os edifícios da envolvente próxima, que realmente apresentam características que justificam o pertencimento ao centro histórico e à distinção de Património da Humanidade conferida pela UNESCO. Como se pode notar, passa-se por um processo de demolição e libertação para posteriormente compor o espaço e construir nele.

Este edifício assume uma localização central e não marginal na proposta, com o objectivo de o integrar e favorecer igualmente uma troca de experiências e uma exposição dos indivíduos às diferenças, pois o espaço encoraja essas mesmas diferenças. Assim, com uma postura mixófila, pretende-se minimizar as barreiras psicológicas e sociais, a desconfiança, o medo e a segregação que normalmente estão associadas a um espaço com este carácter e função.

Desta forma, o edifício emergente acaba por reconfigurar o espaço, criando dois trajectos que o ladeiam e que vão desaguar na reformulada praça central. Agora, ela apresenta-se perfeitamente delimitada pelo edifício proposto sob a ponte ferroviária, pelos alinhamentos de árvores pré-existentes e propostas, sendo que este último funciona como lembrança e marcação da antiga Schutzenmattstrasse.

Devido ao tipo de árvores que existem e são propostos (plátanos), a praça sofre uma mutabilidade na sua configuração ao longo das estações do ano. No Verão ela assume-se com a configuração explicada acima, mas no extremo oposto, no Inverno, devido à queda das folhas verifica-se uma desmaterialização das copas árvores, o que faz com que a sua configuração se dilua e prolongue para além destas. Verifica-se uma manipulação das dimensões da praça com o intuito de proporcionar diferentes percepções, emoções e reacções ao espaço.

A escolha da vegetação resulta de uma intenção de projecto. Uma intenção de manter a continuidade com a pré-existência, de proporcionar alguma flexibilidade, mutabilidade e dinâmica da imagem da praça e de adequar-se às necessidades das várias estações do ano, isto é, de deixar passar os raios de sol no Inverno e de proporcionar uma filtragem dos mesmos no Verão garantindo sombreamento.

Poder-se-ia pensar que este espaço onde a praça se desenvolve seria espaço desperdiçado já que não se apresenta muito densificado. Na verdade, este foi um questionamento que surgiu no decorrer do projecto. Porém, logo se constatou que, tendo em conta todas as circunstâncias envolvidas do contexto, era necessário um espaço livre e flexível, onde as pessoas pudessem se juntar e conviver.

Pensa-se numa densificação e integração de pessoas mais do que em edifícios, pois para haver uma concentração e adequação de actividades e indivíduos não significa que aconteça o mesmo em relação ao ambiente construído. Pensa-se igualmente numa flexibilidade em prol de uma diversidade de acontecimentos e apropriações, deixando claro que este modo de operar não se esgota num conjunto de intenções. Vai mais além disso, convidando o utilizador a assumir o papel principal na caracterização, utilização e interpretação do espaço.

## **Referência horizontal**

Um outro ponto fundamental na configuração e funcionamento da dita praça, e também estruturante da restante intervenção, diz respeito ao edifício sob a ponte ferroviária. Pelo seu carácter, forma e vivência que proporciona, este torna-se uma referência ao nível horizontal do peão. Dota o espaço de uma acrescida imaginabilidade e legibilidade.

Tomando como referência e exemplo a intervenção *Folly for a Flyover* do atelier Assemble em Londres (figs.23 e 24), apesar de em circunstâncias, programas e dimensões diferentes o conceito adoptado é semelhante. Ocupa-se o vazio, a barreira física e psicológica que são as zonas inferiores das pontes e viadutos, integrando-se com a forma pré-existente e conferindo uma nova função que não existia, com o intuito de resolver a marginalidade e degradação associada ao espaço.

Tendo em conta esta ocupação, o edifício assume-se como uma charneira que conforma dois espaços permeáveis entre si, organizando a transição de um para o outro, valorizando o edifício do Reitschule e favorecendo a ligação cultural que se pretende (figs.25 e 26). Esta última é ainda favorecida pelo programa que se atribui ao edifício. Uma biblioteca, escritórios, salas de exposição polivalentes e ainda uma estrutura de apoio ao mercado e feira populares, com instalações sanitárias, bancas e mesas amovíveis, tornam-no um equipamento público, um polo centralizador, que não só se vira e serve os dois espaços próximos que ele próprio enforma e organiza, mas também o contexto mais amplo da cidade a que pertence, já que valoriza a imagem da mesma.

**Figs.23/24** *Folly for a Flyover*, em Londres, dos arquitectos Assemble. O antes e depois da intervenção.  
**Fonte** Fotografias da autoria de Assemble (2011).



**Fig.25** Referência horizontal ao nível do peão, em contraste com a referência vertical e urbana da torre.  
**Fonte** Elaboração própria.



**Fig.26** Perfil ilustrativo da ligação cultural e do seu prolongamento até ao interior do edifício do Reitschule.  
**Fonte** Elaboração própria.

20m

